



Ano XXVIII

RAÍZES

São Caetano do Sul | Julho de 2016

53



25 ANOS
1991 • 2016





FUNDAÇÃO
PRÓ-MEMÓRIA

HÁ **25 ANOS**
PRESERVANDO
SUA HISTÓRIA



Nossa Capa

Paula Fiorotti

A mais antiga farmácia da cidade, a Pharmácia Paolone, foi fundada em 1921. Estabelecida na hoje Avenida Conde Francisco Matarazzo, próxima da estação ferroviária, era dirigida por José Paolone e tinha Imbriani Paolone, um de seus filhos, como farmacêutico responsável. Na imagem da fachada da farmácia que ilustra esta capa, outros integrantes da família e funcionários do estabelecimento também aparecem.

Na Europa, as primeiras farmácias, ou boticas, como eram chamadas, surgiram no século 10 (é importante ressaltar que a ciência da farmacologia surgiu muito antes de seu nome, pois, desde épocas remotas, o homem já busca alívio para suas dores). Para o Brasil, os pioneiros no diagnóstico e tratamento das mais diversas doenças vieram no período colonial. Desta época até os dias atuais, o farmacêutico passou de boticário, a droguista, prático e, finalmente, a farmacêutico diplomado, profissional que hoje pode assumir diferentes papéis em universidades, fábricas, laboratórios de pesquisa, drogarias e outros órgãos profissionais. Segundo o Conselho Federal de Farmácia, em 2014, havia, no país, 175 mil farmacêuticos.

Nesta edição de *Raízes*, que dá continuidade ao tema da saúde, selecionamos para nossa capa a farmácia mais antiga de São Caetano do Sul para representar todo o universo abordado na principal seção da publicação. Ressaltamos a importância do profissional de farmácia que, sempre em busca da fórmula perfeita, representa grande valor para a saúde no mundo moderno. As ciências farmacêuticas colaboraram na evolução da relação entre saúde e paciente, no aumento da expectativa de vida e no avanço da medicina em geral.

PAULA FIOROTTI

É FORMADA EM JORNALISMO PELA UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO, COM ESPECIALIZAÇÃO EM COMUNICAÇÃO EMPRESARIAL PELA FACULDADE CÁSPER LÍBERO E EM GESTÃO DE PATRIMÔNIO E CULTURA PELO CENTRO UNIVERSITÁRIO ASSUNÇÃO. É JORNALISTA RESPONSÁVEL DA REVISTA RAÍZES E COLABORADORA DA FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA.

RAÍZES

Ano XXVIII – Número 53
Publicação semestral
Distribuição gratuita
Publicação da Fundação
Pró-Memória de
São Caetano do Sul

WWW.FPM.ORG.BR
FPM@FPM.ORG.BR
RAIZES@FPM.ORG.BR

Tiragem desta edição:
2.000 exemplares
Julho de 2016

Av. Dr. Augusto de Toledo, 255
Santa Paula - CEP: 09541-520
São Caetano do Sul - SP
Fone/fax: (11) 4223-4780

PREFEITO MUNICIPAL Paulo Pinheiro

SECRETÁRIO MUNICIPAL DE CULTURA

Guto Rodrigues
PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA
COORDENAÇÃO GERAL
Sonia Maria Franco Xavier

JORNALISTA RESPONSÁVEL

Paula Fiorotti (Mtb. 28.927)

EDIÇÃO E REVISÃO

Cristina Toledo de Carvalho
Marília Tiveron
Paula Fiorotti

CONSELHO EDITORIAL

Sonia Maria Franco Xavier (presidente)
Antônio Reginaldo Canhoni
Cristina Toledo de Carvalho
Fernando Scarmelloti
Francisco José Gripp Bastos
Humberto Domingos Pastore
Isabel Cristina Ortega
Jander Cavalcanti de Lira
João Alberto Tessarini
Marília Tiveron

Mário Porfírio Rodrigues
Nelson Albuquerque Oliveira Júnior
Paula Ferreira Fiorotti
Renato de Alencar Dotta
Roberta Sernagiotto Soares

PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO

Roberta Giotto

SERVIÇO DE DIFUSÃO CULTURAL

Ana Luísa Lage
Cristina Toledo de Carvalho
Marília Tiveron
Neusa Schilaro Scaléa
Priscila Gorzoni

FOTOGRAFIA, DIGITALIZAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE IMAGENS

Antonio Reginaldo Canhoni
APOIO À PESQUISA ICONOGRÁFICA
Bruno Pellegrini Bellucci

Jussara Ferreira Muniz
Monica Iafrate

CTP E IMPRESSÃO

Agns Gráfica e Editora

A revista está aberta à colaboração de pesquisadores da história do ABC paulista. A seleção do material é de responsabilidade do Conselho Editorial. Originais encaminhados à redação não serão devolvidos, com exceção de fotografias. Opiniões emitidas nos artigos são de exclusiva responsabilidade de seus autores e não refletem, necessariamente, a opinião da revista.

Agradecemos informações adicionais a respeito das imagens eventualmente não identificadas publicadas nesta revista, a fim de que possamos alterar os créditos em futuras publicações.

Vamos falar de São Caetano do Sul destacando, novamente, o tema da saúde, como já fizemos no número anterior de *Raízes*, devido à abrangência do assunto e a sua importância a qualquer tempo e em qualquer lugar. Foi consenso do Conselho Editorial retomarmos a pauta, trazendo não só a participação dos médicos, mas também a inestimável parceria de outros profissionais da área, como dentistas, enfermeiros, farmacêuticos, além da contribuição das entidades filantrópicas e beneficentes na instalação de hospitais e de outras unidades de saúde. Tudo isso é amplamente explorado na seção *Em Foco*, a partir de artigos que tiveram como base a década de 1950 e os depoimentos de abnegados profissionais, que relatam suas experiências, lembranças e memórias na cidade.

Nas seções desta revista, o leitor encontrará não só um conjunto instigante de textos sobre São Caetano e seus moradores, mas também um espaço no qual fotografias, memórias e documentos são apresentados e analisados conforme depoimentos de munícipes colaboradores e de um amplo trabalho do Centro de Documentação Histórica de nossa instituição. A seção *Memória* brinda-nos com uma nostálgica história que aborda o cinquentenário da Igreja São Bento, bem como saborosas lembranças de imigrantes.

Nosso entrevistado é o sociólogo José de Souza Martins, catedrático, filho da cidade

e com vasta contribuição no campo de resgate histórico e memória, tendo sido o primeiro diretor do Museu Histórico Municipal. Outros temas como esporte regional, curiosidades, poesias e crônicas são abordados de forma dinâmica e agradável.

Os Jogos Olímpicos ganham um espaço especial nas páginas desta revista, por meio das quais pesquisadoras, historiadoras e jornalistas trazem informações importantes sobre o incentivo e os estímulos praticados em São Caetano do Sul para a formação de atletas e medalhistas. Um importante quadro dos condecorados da cidade (medalhas de ouro, prata e bronze) é detalhado desde as Olimpíadas de 1988, quando a cidade conquistou o seu primeiro ouro em Seul (Coreia do Sul), com Aurélio Miguel no judô, até as conquistas atuais, como a de Arthur Zanetti em 2012, em Londres (Inglaterra), na ginástica individual, na modalidade argolas. Muitos outros atletas aqui serão lembrados e valorizados por seus grandes feitos e por terem conquistado lugar de destaque nos Jogos Olímpicos, que este ano ocorrerão no Rio de Janeiro.

Por fim, quero agradecer a todos aqueles que, direta ou indiretamente, colaboraram para a produção de mais um número de *Raízes*. Aos funcionários e conselheiros da Fundação Pró-Memória, entrevistados e munícipes, nosso profundo respeito e sincera gratidão pela parceria no incessante e prazeroso dever do resgate histórico de São Caetano do Sul.

Em Foco



pág 6

A gestão da saúde em São Caetano do Sul na década de 1950
CRISTINA TOLEDO DE CARVALHO



pág 16

A saúde e seus personagens
CRISTINA TOLEDO DE CARVALHO



pág 20

Naquele tempo lá... farmácia era com ph!
MÁRIO PORFÍRIO RODRIGUES
E JOÃO TARCÍSIO MARIANI



pág 27

Tradição de família
ANA LUÍSA LAGE



pág 31

Dra. Suzete Consulini: há 41 anos trabalhando por um serviço de saúde bucal mais humano e eficiente
TALITA SCOTÁ SALVATORI



pág 35

Uma espanhola com alma sul-são-caetanense
ANA LUÍSA LAGE



pág 39

Um coração para muitos pacientes
SERVIÇO DE DIFUSÃO CULTURAL



pág 42

Memória Fotográfica Especial



pág 45

Memória

Da Polônia, Ucrânia e Bielorrússia a São Caetano do Sul: a história da multiétnica família Szczupak
45 MARÍLIA TIVERON

Família Vermiglio: uma história de trabalho e união
49 JOSÉ FILIPPO VERMIGLIO

Eu, o clube e a lembrança que fica
52 MOACIR RICCI

Paróquia São Bento: há 50 anos adaptando-se sem perder a essência
54 MARÍLIA TIVERON



pág 61

Especial Olimpíadas

A força de São Caetano rumo às Olimpíadas

61 do Rio-2016
TALITA SCOTÁ SALVATORI

O garoto das argolas olímpicas

67 ANA LUÍSA LAGE

Abre a roda para mestre Gêra passar!

72 MARÍLIA TIVERON

pág 77

Entrevista

José de Souza Martins e a saga da criação do Museu Histórico Municipal
PRISCILA GORZONI

pág 83

História Oral

Rick'n'Roll: memória sonora do ABC
MARIANA ZENARO



pág 89

Personagem

Manoel Cardoso: o amálgama da cultura portuguesa na cidade de São Caetano do Sul
TALITA SCOTÁ SALVATORI

pág 92

Cultura

Aspectos de saúde na memória da propaganda
NEUSA SCHILARO SCALÉA

pág 97

Curiosidades

João Ramalho: precursor do Grande ABC
DOMINGO GLENIR SANTARNECCHI

pág 100

Artigos

100 As sortes das pêsankas
PRISCILA GORZONI

Lugar da história, lugar da memória, o Centro de Documentação Histórica da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul
103 MONICA IAFRATE

pág 106

Esportes

A.A. São Bento: Campeonato Paulista de 1956, 1957 e o nosso ídolo
RENATO DONISETE PINTO

pág 111

Poesias e Crônicas

Aventuras da mocidade
NARCISO FERRARI

pág 113

Regionais

Mauá e a preservação da memória
EMÍLIA DA SILVA BARBOSA

pág 117

Memória Fotográfica

RAÍZES E RETRATOS | BAÚ DE MEMÓRIAS



pág 124

Registro

Cristina Toledo de Carvalho

A seção *Em Foco* desta 53ª edição da revista *Raízes* dá continuidade ao tema da saúde, já abordado em seu número anterior, a partir de alguns aspectos, perspectivas e olhares. Considerando a abrangência de tal temática e as inesgotáveis possibilidades que suscita em termos de discussão e debate, achou-se oportuno retomá-la e, assim, fazer memória não apenas à atuação de médicos, mas também à participação de outros profissionais da área, como dentistas e enfermeiros. No caso específico deste artigo, a proposta é a de recuperar o assunto sob o prisma da gestão pública municipal no decorrer da década de 1950. A razão da escolha desse período como recorte temporal repousa no fato de tal decênio ter sido marcante para São Caetano do Sul, uma vez que a cidade passaria a adquirir contornos de município autônomo, com o início da estruturação de sua vida pública por meio da organização da agenda de serviços, projetos e demandas inerentes à condição municipal.

A GESTÃO DA SAÚDE EM SÃO CAETANO DO SUL NA DÉCADA DE 1950

Dessa forma, coube às três primeiras administrações municipais (que atravessaram os anos 1950) o desafio de dar os passos iniciais no sentido da construção do então recém-criado município sul-são-caetanense. Da fase em que a localidade esteve subordinada a Santo André (1939 - 1948), legou-se um quadro com muitos problemas, carências e precariedades, onde quase tudo estava ainda por se fazer. Entretanto, na pauta de necessidades, existiam prioridades que deveriam ser atendidas, estando, entre elas, as questões do fornecimento de água, saneamento básico (rede de esgoto), educação e saúde. A adoção de medidas para a promoção simultânea desses serviços era do interesse do bem comum. Contudo, em virtude de limitações de ordem financeira e mesmo de competência (aqui entendida como o conjunto de atribuições reservadas por lei a cada uma das esferas da administração pública), a municipalidade não conseguiria, sozinha, promover ou gerir ações naquelas áreas, sendo, portanto, imprescindível o estabelecimento de parcerias com os governos estadual e federal. E foi o que se verificou, por exemplo, quando o *Jornal de São Caetano*, em 1955, noticiou a respeito da instalação, em São Paulo, do Departamento Estadual de Águas. Consti-

tuído por técnicos do governo do Estado e por representantes dos municípios do ABC, o referido departamento ficaria incumbido de todos os serviços concernentes à distribuição de água na região, sendo, para tanto, prevista a execução de obras para a captação de água da Represa Billings, de acordo com projeto de autoria dos engenheiros Azevedo Neto e Álvaro Cunha.¹

Em outra ocasião, o *Jornal de São Caetano* veiculou um artigo sugerindo às autoridades políticas do município a criação de escolas maternais, uma vez que a administração já vinha tomando “providências no sentido de dotar a infância e a juventude local de todo o amparo a que elas têm direito [...]”². Assinado por Theophilo de Souza Carvalho, um dos colaboradores mais engajados e contundentes do periódico, no que dizia respeito aos problemas que afligiam a cidade, o artigo aponta os objeti-

vos que aquelas escolas deveriam preconizar, além também de elucidar a estrutura ideal para o êxito de tais instituições. É curioso notar, a partir do teor da pauta de Souza Carvalho, a circulação de sugestões e opiniões no município, em um momento de seu alvorecer. Por

estar em processo de construção, presume-se que a difusão e o encaminhamento de ideias eram propícios, podendo agregar, em algumas ocasiões, ou, no mínimo, gerar reflexões e discussões.

Médicos e enfermeiros do Pronto-Socorro Municipal, em foto da década de 1950, quando essa unidade de saúde funcionava no prédio que abrigou a Prefeitura Municipal, na esquina das ruas Baraldi e Rio Grande do Sul. Com a mudança do poder Executivo para o Edifício Vitória, o pronto-socorro passou a funcionar nesse endereço. Suas instalações foram inauguradas em 28 de outubro de 1953



Acervo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

Estas últimas, aliás, não faltavam em um cenário que se mostrava tão efervescente no decênio de 1950. Se, por um lado, a modernidade revelava sua face glamorosa na cidade, por meio de um rol de instituições, iniciativas, edificações e construções imponentes, verdadeiros marcos da paisagem urbana sul-são-caetanense, como o Edifício Vitória (inaugurado em 1953, foi, durante certo período, o aglutinador da vida política e sociocultural da cidade) e o Viaduto dos Autonomistas (símbolo do crescimento urbano local, foi inaugurado em 1954) – só para citar duas das obras erguidas ao longo dos anos 1950 –, por outro, ela, a reverenciada modernidade, paradoxalmente, deixava também suas marcas atroz, perceptíveis na intensificação das desigualdades sociais e da violência. Esse quadro de tensão reverberava na imprensa, que não poupava as páginas de seus periódicos, como o *Jornal de São Caetano*, para noticiar a presença de marginalizados nas ruas da cidade e a onda de assaltos e homicídios (estes, em muitos casos, movimentaram o Tribunal do Júri local). O aparato coercitivo do município, a partir de seu sistema policial, passou a ser o centro das atenções, na medida em que ações efetivas no combate à criminalidade começaram a ser cobradas pela sociedade.

Os assaltos à mão armada crescem de tal forma, que a Câmara Municipal culminou por adotar uma série de providências, visando coibir a repetição de ocorrências que degradam o sistema policial vigente, pela total ineficiência dos órgãos locais, os quais alegam não possuir o elemento humano necessário para realizar um policiamento mais efetivo.³

A coerção, tanto em nível discursivo quanto no plano da ação, não era, todavia, exclusiva a assuntos relacionados à criminalidade. Ela também se direcionava a grupos que passaram a

compor a cena urbana local, disputando espaços em suas vias públicas. Foi o que se verificou com os engraxates e mendigos, cuja condição marginal fazia deles alvos perfeitos de ideias e iniciativas norteadas pelo discurso do preconceito, truculência, controle, enquadramento e punição. O teor do texto abaixo, do ano de 1955 e de autoria de João Rella, é emblemático e incisivo, dando uma pequena mostra da latente tensão social vigente, naquela época, na cidade:

Está novamente a cidade de São Caetano do Sul, com seu povo revoltado e com muitas razões reclamando do grande número de pequenos engraxates infestando as ruas e passeios da cidade, tal qual a nuvem de pernalongos que nos atacam nos dias de imenso calor.

Postados de preferência nas ruas de maior movimento do centro, amontoados, causando embaraço ao trânsito de pedestres, vivendo aos empurrões entre si [...]

Está esse fato aliás deplorável a exigir por parte do Sr. Prefeito Municipal, suas acertadas providências, porém não apenas em amedrontá-los com a carrocinha, mas sim outra providência de caráter definitivo [...]

Empregam-se nesse mister na maioria menores, que se veem necessitados em lançar mãos desses parcos rendimentos para auxiliar seus progenitores a fim de que possam enfrentar a manutenção de seus lares, que cada dia torna-se mais difícil, com o encarecimento do custo de vida.

[...] aconselho a necessidade de se organizar na Prefeitura um fichário dos interessados em exercer essa profissão, mediante autorização dos pais ou tutores, fornecer-lhes uma chapinha que deverão trazê-la visível ao público, determinando horários [...] e sempre que for preciso submetê-los a uma sabatina de instrução como devem se comportar perante o público. [...]⁴

Em seus primeiros anos de vida como município, São Caetano do Sul não escapou do *script* comum aos centros urbanos, apresentando problemas que exigiam do poder público comprometimento e agilidade no encaminhamento de soluções. Questões como essa dos engraxates e as relativas ao crescimento da violência e mendicância, além daquelas tradicionalmente conhecidas, como a do abastecimento de água e a da rede de esgoto, traziam à tona as dificuldades encontradas pela municipalidade frente à gestão das demandas que, simultaneamente, provinham de todos os segmentos da sociedade. Era nítido, durante as primeiras administrações, o descompasso que havia entre as reivindicações em pauta e a estrutura do poder público municipal, que, ainda em processo de aparelhamento e montagem, não conseguia atender, com eficiência, a tais reivindicações. Essa situação não só acabou por revelar a incipiência dos serviços públicos urbanos, como também deflagrou a necessidade de preenchimento das lacunas deixadas pelos referidos serviços, principalmente em áreas primordiais, como a da assistência social e da saúde. Não à toa, portanto, que entidades filantrópicas e beneficentes foram

decisivas para a instalação de hospitais e de outras unidades de saúde, ao longo do decênio de 1950, em São Caetano. Basta citar o papel desempenhado pela Sociedade Beneficente Hospitalar São Caetano e pela Sociedade Portuguesa de Beneficência, responsáveis, respectivamente, pela fundação dos hospitais São Caetano e Nossa Senhora de Fátima. Isso sem falar de outras instituições assistenciais, dentre as quais a Associação de Proteção e Assistência à Maternidade e Infância (Apami). Criada no dia 22 de maio de 1953, essa última entidade colocou-se como condutora dos postos de puericultura do município, cujas atividades foram iniciadas em 1954, com o surgimento do Posto Aracy Torres Campanella.

Se, por um lado, a atuação de associações de caráter assistencial e beneficente foi importante para o tratamento de questões do setor de saúde

de na localidade, assumindo compromissos inviáveis ao poder público municipal, em um período no qual começava a se organizar, por outro, cumpre ressaltar a presença das esferas estadual e federal na promoção e gestão de alguns serviços da área médica. Isso se observou em relação aos próprios postos de puericultura, equipados e lotados pelo governo estadual, e frente ao Serviço de Assistência Médica Domiciliar e de Urgência (Samdu), órgão que pertencia ao governo federal e que prestava atendimento aos assegurados da Previdência Social. Ao informar acerca da instalação dessa unidade de saúde na cidade, ocorrida em 1952, o *Jornal de São Caetano* exaltou o episódio, destacando que ele significava a possibilidade de preenchimento da lacuna apresentada pelo município no segmento da assistência social.⁵

Acervo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



Ambulâncias do Pronto-Socorro Municipal, em foto tirada quando este estava sediado no prédio localizado na esquina das ruas Baraldi e Rio Grande do Sul. Em 1958, foi transferido para o edifício do extinto Hospital Bartira, na esquina das ruas Oswaldo Cruz e Marechal Deodoro

A estreita conexão entre os serviços assistenciais e os de âmbito médico repercutiu na estruturação inicial de ambos junto à gestão municipal. Sob uma filosofia voltada à promoção integral desses dois serviços, os contornos do aparato burocrático correspondente a eles foram planejados e desenhados gradativamente, culminando na criação da Diretoria de Saúde e Assistência Social, em 1954. Os esforços e discussões desenrolados nos bastidores do poder municipal para a efetivação da agenda assistencial, da qual fazia parte a saúde, bem como as principais ações atinentes, constituem o cerne deste artigo. Pelas considerações apresentadas, seu pano de fundo temporal não poderia ser outro que não fosse a década de 1950, período de efervescência em todos os aspectos da vida de São Caetano do Sul, que buscava se impor como município.

Os primeiros passos - A gestão da saúde na cidade, no período ora abordado, estava atrelada à assistência social. Porém, até a criação da diretoria correspondente, em 1954, fato que aglutinou e reorganizou as atribuições concernentes a esses dois segmentos no âmbito público municipal, observou-se o desenrolar de um processo no qual não faltaram ideias, debates, críticas e realizações.

Já no mandato de Ângelo Raphael Pellegrino (1949 - 1953), primeiro prefeito local, os passos iniciais foram dados no sentido da condução simultânea dos serviços assistenciais e médicos. Estes estavam a cargo do Serviço de Assistência Social, sob a direção de Américo Cavallini. Apoiado em uma estrutura incipiente e deficitária, da qual já fazia parte o Pronto-Socorro Municipal, alvo constante de críticas e denúncias provenientes da Câmara Municipal, população e imprensa, o mencionado serviço foi tema de entrevista concedida por Pellegrino ao *Jornal de São Caetano*, em fevereiro de 1953, no final de

seu mandato. Na ocasião, o prefeito apontou as principais iniciativas e dificuldades encontradas, traçando um panorama da gestão da assistência social e da saúde no município:

Um dos setores que mais chamou a atenção do meu governo foi o relacionado com a assistência social. Não é preciso dizer [...] que nada havia a respeito em nossa cidade. O mesmo sucedia, aliás, em quase todos os ramos da administração. Além do Posto de Saúde, tentamos criar o de Abreugrafia, para prevenir as moléstias infecciosas entre os operários e pessoas sem recursos. Depois de muitas viagens, a S. Paulo, fomos informados de que o melhor seria a doação do aparelho necessário ao Estado para que este instalasse o Posto de Abreugrafia. Assim foi feito, com reais vantagens. Criamos depois o Pronto Socorro, que se ressentia de falhas, apesar da dedicação do pessoal e de nossa boa vontade. Tentamos, mais de uma vez, criar a Seção de Assistência. Debalde, porém, em virtude da oposição encontrada. Recentemente foi instalado aqui o Samdu, que tem prestado excelentes serviços, contribuindo para diminuir o número de chamados do Pronto Socorro [...]

É preciso considerar que muita coisa deixou de ser feita por não haver repartição diretamente responsável pela assistência social na cidade. [...]⁶

Fica evidente na fala de Ângelo Pellegrino a carência da municipalidade no setor assistencial. Embora a cidade contasse com um serviço que se encarregava burocraticamente do assunto, as demandas deixavam claro o imperativo da criação de uma seção (ou, na melhor das hipóteses, de uma diretoria) capaz de reunir, organizar e promover, eficientemente, as atividades próprias da área. Enquanto tal criação não se verificou, iniciativas provenientes de alguns vereadores



Arquivo/Fundação Pro-Memória de São Caetano do Sul

Esquina das ruas Baraldi e Rio Grande do Sul, na década de 1950. Em destaque, o prédio do Pronto-Socorro Municipal



Célio/Retiro de uma Administração: Relatório das obras e realizações da gestão de Osvaldo Samuel Massari, 1957-1961. Arquivo/Fundação Pro-Memória de São Caetano do Sul

Em 1958, o Pronto-Socorro Municipal foi transferido para novo endereço. Tratava-se do prédio do extinto Hospital Bartira, localizado na esquina das ruas Oswaldo Cruz e Marechal Deodoro. As instalações foram inauguradas no dia 25 de julho daquele ano. Na imagem, aspecto da fachada do prédio

foram de notória importância não só para os beneficiários diretos de suas proposituras e projetos, mas também para o delineamento das atribuições e serviços que, posteriormente, seriam inseridos no plano de gestão da então Diretoria de Saúde e Assistência Social. Dentre tais propostas, destaca-se a de autoria de Moysés Chapaval, vereador durante a primeira legislatura municipal (1949 - 1953). Tinha como teor a distribuição gratuita de medicamentos aos pobres, conforme as justificativas e os termos descritos abaixo, apresentados pelo edil durante sessão da Câmara Municipal, em janeiro de 1953:

É notória a precariedade de recursos empregados na assistência aos menos afortunados da sorte. A aparelhagem existente em nossa cidade não atende efetivamente as necessidades assistenciais no que concerne à hospitalização e medicação dos doentes desprovidos de meios. Haja vista a situação presente: O Executivo procede a consultas e as respectivas receitas, mas os pobres não podem comprar os remédios, cujos preços são astronômicos; O Samdu atende aos associados dos Institutos de Previdência

nos casos de emergência, mas igualmente não lhes fornece os medicamentos indispensáveis. O resultado aí está: os paupérrimos ficam conhecendo seus incômodos, porém não contam com facilidades e possibilidades para debelá-los. É preciso que algo mais se faça em favor dos desafortunados, e esta é a razão que nos levou a oferecer à consideração dos ilustres pares o seguinte:

Projeto de Lei

Dispõe sobre a ampliação da assistência municipal aos doentes pobres.

Artigo 1º- As receitas fornecidas pelos médicos da assistência municipal poderão ser aviadas por conta dos cofres públicos, desde que as pessoas interessadas sejam comprovadamente paupérrimas.

Parágrafo único – Os atestados de pobreza serão fornecidos pela Delegacia de Polícia local [...]”⁷

No início de 1954, durante o mandato do prefeito Anacleto Campanella (1953 - 1957), foi a vez do vereador Orlando Souza deixar sua contribuição no campo das ações destinadas à promoção da saúde. Tratava-se de uma indicação para instalação de gabinete dentário, no prédio onde funcionava o Pronto-Socorro Municipal (esquina das ruas Rio Grande do Sul e Baraldi), para prestação de atendimento gratuito ao operariado. Vale ressaltar que os alunos dos grupos escolares já vinham se beneficiando, desde a gestão de Ângelo Raphael Pellegrino, desse tipo de assistência. Esse serviço era oferecido pela prefeitura a partir da instalação de gabinetes dentários naqueles estabelecimentos de ensino.

Desde que o pronto-socorro começou a funcionar no prédio que abrigara a prefeitura, situado na esquina das ruas Rio Grande do Sul e

Baraldi, houve melhoria no tocante às suas instalações e ao aumento de sua equipe de trabalho, o que permitiu a presença de médicos na unidade ao longo das 24 horas do dia. No edifício ainda funcionava o Dispensário de Tuberculose, inaugurado pela prefeitura no segundo semestre de 1953. Antes de sua inauguração, a municipalidade já contava com os serviços de um posto de abreugrafia, onde eram tiradas chapas radiográficas dos pulmões pelo sistema difundido pelo médico Manoel Dias de Abreu (daí o nome abreugrafia), exame que se tornou fundamental para o diagnóstico preciso de doenças pulmonares, como a tuberculose. Esse posto funcionava na Avenida Senador Roberto Simonsen, sob o comando do médico José Marcílio. De acordo com informação divulgada pelo *Jornal de São Caetano*, em sua edição de 25 de fevereiro de 1953, o posto de abreugrafia teve seus serviços suspensos “em virtude da falta de filmes importados”⁸, necessários à realização do exame radiográfico. Não foi possível, contudo, em razão da falta de registros a respeito, averiguar o tempo que tal suspensão durou e as consequências dela advindas.

Nota-se que, gradativamente, uma estrutura foi sendo implantada para a oferta de serviços médicos, com uma proposta que não deixava de prever compromissos assistenciais. A prefeitura, além de disponibilizar atendimento gratuito ao público, por meio de suas unidades de saúde, mantinha ainda leitos no Hospital São Caetano, para onde eram encaminhados os “doentes indigentes”⁹. Mesmo contando com um razoável aparato estrutural, na primeira metade da década de 1950, o quadro da saúde ainda era de incipiência no município, com muitos desafios a serem abraçados. Dos serviços prestados, o mais contestado e questionado, entretanto, era o pro-

veniente do Pronto-Socorro Municipal, “que foi, desde o início da administração autônoma de São Caetano do Sul, um dos problemas magnos da municipalidade”¹⁰.

Em torno dessa unidade de saúde, surgiram acaloradas discussões na Câmara Municipal, motivadas, na maioria das vezes, por denúncias de omissão e negligência, envolvendo seus médicos e outros funcionários, situação que, inevitavelmente, ecoava nas páginas do *Jornal de São Caetano*. O pronto-socorro tornou-

-se uma espécie de válvula de escape (com nítidos contornos políticos) dentro da agenda da saúde, ora merecendo elogios e votos de louvor ora sendo alvo das mais severas críticas (pertinentes, na maioria das vezes). Embora problemas sérios também existissem nas outras instituições prestadoras de serviços médicos, como os postos

Dr. Antonio Menezes do Bonfim (o primeiro, a partir da esquerda) em seu gabinete. Durante o mandato do prefeito Oswaldo Samuel Massei (1957 - 1961), foi nomeado diretor da Diretoria de Saúde e Assistência Social do município

Arquivo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



de puericultura (que sofriam com a falta de médicos e com a carência de medicamentos e leite) e a unidade local do Samdu, nenhuma delas mereceu tanto destaque por parte da imprensa como o pronto-socorro. Conclui-se, assim, que a indignação seletiva, no que tange a questões e assuntos de interesse público, não é uma marca exclusiva do conturbado cenário político brasileiro atual.

A Diretoria de Saúde e Assistência Social – Criada pela lei nº 487, de 4 de outubro de 1954, a Diretoria de Saúde e Assistência Social foi um marco para a gestão desses dois segmentos na municipalidade. Sua criação foi antecedida por um processo de discussão, iniciado em 1953, nos últimos dias do mandato de Pellegrino. Além deste, participaram também de tal processo o então prefeito eleito, Anacleto Campanella, e o médico José Marcílio, chefe do posto de abreugrafia do município. Almejava-se estabelecer uma planificação da assistência social e dos serviços médicos a partir de um plano de ação que compreendeu visitas a bairros da cidade, tendo em vista a detecção dos problemas existentes. Na ocasião, ficou patente que a promoção da saúde passaria, necessariamente, por uma política de assistência social e pela resolução das questões atinentes a saneamento básico. Da convergência entre o cenário revelado e suas demandas mais prementes, surgiu aquela diretoria, acontecimento que pode ser considerado um avanço, em uma época ainda marcada pelo descompasso entre as reivindicações que chegavam ao poder público municipal e sua acanhada estrutura, incapaz de atendê-las a contento. Sob o comando do médico Oséas Fialho dos Reis, a Diretoria de Saúde e Assistência Social ficou assim definida:

I – Serviço médico:
 a) Pronto-socorro;
 b) Atestados e laudos;
 c) Assistência médica gratuita aos servidores municipais.

II – Serviço de Assistência Social:
 a) Inquéritos sociais;
 b) Educação social;
 c) Atestados de pobreza;
 d) Encaminhamento de doentes inválidos e indigentes para hospitais, asilos, abrigos e outras entidades de filantropia;
 e) Fornecimento gratuito de medicamentos a pobres, nos termos da lei;
 f) Fiscalização do emprego de subvenções municipais.¹¹

Pela organização apresentada, supõe-se que a expectativa em torno dessa diretoria fosse a melhor possível. É evidente que para a avaliação de seu nível de eficiência e qualidade muitos fatores devem ser levados em conta, mas, por ora, é possível apontar indícios que revelam o impacto positivo de sua criação sobre a gestão da saúde em São Caetano do Sul. Em 1957, já durante o mandato do prefeito Oswaldo Samuel Massei (1957 - 1961), o Pronto-Socorro Municipal, de acordo com registros estatísticos, ofereceu benefícios notórios à população, totalizando, entre os meses de abril e julho, 33.375 atendimentos. Na ocasião, foi criado um curso para aprimorar o trabalho de seus enfermeiros, além da disponibilização de bomba de cobalto para aplicação em doentes sem recursos financeiros, com perspectiva de atendimento de até oito pessoas por mês, sem ônus nenhum para a prefeitura.¹²

Um ano depois, o *Jornal de São Caetano* noticiava:

Foi criado, na Diretoria de Saúde e Assistência Social por iniciativa de seu diretor, Dr. Antonio

Menezes do Bonfim, um Centro de Estudos Médicos, que se destina ao estudo e discussão dos casos clínicos surgidos no Serviço Médico Municipal.

A Mesa Diretora da nova organização científica, que poderá oferecer uma valiosa contribuição ao programa de assistência médica e social da Prefeitura, assim ficou constituída: Presidente, Dr. Gil Hauer Santos; Vice-Presidente, Dr. Níbio Gandioli; Secretário, Doutorando Antonio Lopes; Tesoureiro, Dr. Mario A. Berton.¹³

A pesquisa para a produção deste artigo, a qual se apoiou nas edições do *Jornal de São Caetano*, no período situado entre 1950 e 1959, não captou nenhuma outra informação ou registro acerca desse Centro de Estudos. Sua trajetória, ações e possíveis contribuições à área da saúde sul-são-caetanense são, até o momento, uma incógnita. Incógnita passível de ser desvendada, analisada e problematizada em outras ocasiões, por meio, quem sabe, de uma consulta minuciosa aos arquivos da municipalidade ou mesmo a partir da metodologia da história oral. Esse método é um contributo inquestionável para a produção de conhecimento histórico, e se, por ora, não recorri a ele é porque tenho optado pelo caminho das pesquisas à imprensa, sobretudo ao *Jornal de São Caetano*, um dos mais importantes meios de comunicação do município, cujo legado informacional extrapola o elemento factual, apresentando um leque de contextos, conjunturas e condições que sedimentam a própria historicidade inerente a aspectos que engendram a constituição de São Caetano do Sul.

No caso específico da temática abordada, é possível afirmar que a saúde dialoga com os temas retratados nos últimos números de *Raízes*, em sua seção *Em Foco*. Afirmo até que se constitui em uma continuação deles, uma vez que, para

compreensão mais global ou íntegra das bases que compõem o que venho chamando de ideal de município, é fundamental estabelecer aproximação entre tais assuntos. Assim, é possível entender todo um esforço da municipalidade, nos primeiros anos após a obtenção de sua autonomia política, no sentido de desenvolver-se e consolidar sua vida autônoma. Daí a importância dos investimentos em setores de visibilidade, como o educacional, cultural e artístico, em todas as suas formas e expressões. Com o ramo da saúde não foi diferente. Uma gestão eficiente seria o meio para pôr fim ou, no mínimo, amenizar os problemas herdados da época de subordinação administrativa a Santo André. Reverter o triste quadro de doenças, de falta de higiene e de precariedade da estrutura urbana era o desafio que se impunha às primeiras gestões municipais sul-são-caetanenses. O combate desse estado de coisas passava, inevitavelmente, por uma eficiente gestão da saúde. Embora ainda ecoasse, nos quatro cantos da cidade, a retórica pujante presente no qualificativo “Príncipe dos Novos Municípios”, a desordem era grande e a deficiência dos serviços urbanos tamanha. Nem tudo eram flores, mas havia esperança. **R**

NOTAS

¹ TRABALHA-SE para resolver o problema da água. *Jornal de São Caetano*, São Caetano do Sul, ano IX, n. 488, primeira página, 12 jan. 1955.

² CARVALHO, Theophilo de Souza. Uma grande falha na assistência infantil. *Jornal de São Caetano*, São Caetano do Sul, ano IX, n. 465, última página, 13 out. 1954.

³ SOLICITADO o policiamento da radiopatrulha para acabar com a onda de roubos. *Jornal de São Caetano*, São Caetano do Sul, ano XII, n. 668, primeira página, 7 set. 1957.

⁴ RELLA, João. Infestam a cidade os engraxates. *Jornal de São Caetano*, São Caetano do Sul, ano IX, n. 523, primeira página, 21 mai. 1955.

⁵ INSTALADO o Samdu em S. Caetano do Sul. *Jornal de São Caetano*, São Caetano do Sul, ano VII, n. 272, p. 2 e última página, 12 nov. 1952.

⁶ IMPOE-SE a criação da Diretoria de Assistência Social. *Jornal de São Caetano*, São Caetano do Sul, ano VII, n. 300, primeira página, 21 fev. 1953.

⁷ CHAPAVÁL, Moisés. Projeto de Lei. In: Medicamentos grátis para os pobres. *Jornal de São Caetano*, São Caetano do Sul, ano VII, n. 292, p. 5, 24 jan. 1953.

⁸ SUSPENSO o serviço de abnegrafia. *Jornal de São Caetano*, São Caetano do Sul, ano VII, n. 301, p. 3, 25 fev. 1953.

⁹ INTENSA atividade desenvolve o Pronto Socorro. *Jornal de São Caetano*, São Caetano do Sul, ano IX, n. 502, primeira página e p. 3, 5 mar. 1955.

¹⁰ *Ibidem*.

¹¹ CRIADA a Diretoria de Saúde e Assistência Social. *Jornal de São Caetano*, São Caetano do Sul, ano IX, n. 464, primeira página, 9 out. 1954.

¹² MAIS de trinta mil doentes passaram no Pronto Socorro. *Jornal de São Caetano*, São Caetano do Sul, ano XII, n. 662, p. 12, 1º Caderno, 27 jul. 1957.

¹³ CRIADO um Centro de Estudos Médicos na Prefeitura Municipal. *Jornal de São Caetano*, São Caetano do Sul, ano XII, n. 706, p. 2, 31 mai. 1958.

CRISTINA TOLEDO DE CARVALHO

É HISTORIADORA DA FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO CAETANO DO SUL, MESTRE EM HISTÓRIA SOCIAL PELA PUC-SP (PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA) E AUTORA DO LIVRO *MIGRANTES AMPARADOS: A ATUAÇÃO DA SOCIEDADE BENEFICENTE BRASIL UNIDO JUNTO A NORDESTINOS EM SÃO CAETANO DO SUL (1950 - 1965)*

A SAÚDE E SEUS PERSONAGENS

Muitos personagens participaram, no município, do desafio de administrar a área da saúde, um dos ramos primordiais da vida, quer em sua esfera pública quer em seu âmbito privado. Da divisão das responsabilidades, competências e atribuições, surge o trabalho de inúmeros profissionais do setor: médicos, enfermeiros, dentistas... São esses profissionais que serão referenciados nas páginas seguintes. O período que balizou a recuperação de seus nomes foi o decênio de 1950, que também serviu de recorte temporal para a abordagem da gestão da saúde na cidade, tema do artigo anterior. Durante a pesquisa para a discussão dessa temática, foi possível ter acesso a reportagens e anúncios publicados no *Jornal de São Caetano*, os quais, além de recuperarem as condições em que o segmento da saúde desenvolveu-se na localidade, trouxeram ainda à baila os nomes dos protagonistas de tal história. Ciente da importância de se fazer memória a eles, apresento os nomes dos personagens em questão por meio de uma listagem que não pretende esgotar-se ou ser fi-

nita, até porque é absolutamente plausível o fato de aquelas fontes possuírem limitações, não conseguindo revelar a totalidade dos elementos que atuaram na esfera médica local.

Vale ressaltar que entre esses profissionais há os que atuaram no segmento público, prestando serviços em unidades que compunham a gestão municipal da saúde ou em instituições que estavam a cargo dos governos estadual e federal. Em muitos casos, os que prestavam serviços nas entidades municipais conciliavam tais serviços com os realizados à frente de clínicas e consultórios particulares, estabelecidos em diferentes endereços no município.

Aliás, é digna de nota a presença dessas clínicas e de outras unidades congêneres ao lado das instituições públicas. Das unidades particulares (aqui consideradas as de porte maior, com uma estrutura apta à realização de procedimentos e exames, não entrando os consultórios, em número predominante na cidade), foi possível ter acesso às seguintes (sem levar em conta os hospitais Bartira, São Caetano e Nossa Senhora de Fátima, atuantes no período):



Dr. José Luiz Flaquer Netto. Com a criação da Diretoria de Saúde e Assistência Social, em outubro de 1954, passou a integrar o corpo médico do Pronto-Socorro Municipal. Também fez parte da equipe médica do Hospital São Caetano. Seu consultório ficava na Rua Baraldi



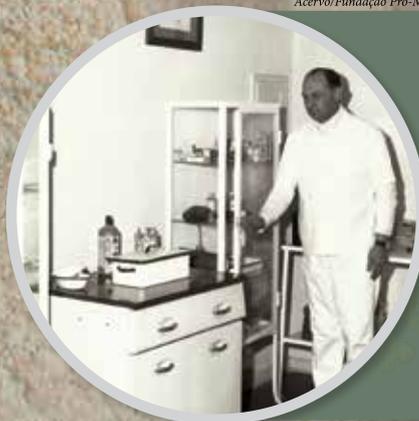
Dr. Manoel Gutierrez Durán. Instalou seu consultório em São Caetano do Sul em 1950 (Rua Pará, nº 206). Foi um dos médicos integrantes da equipe da Diretoria de Saúde e Assistência Social do município e do corpo clínico do Hospital São Caetano



Dr. José Jayme Tavares Soares (à esquerda), cujo consultório localizava-se na Rua Manoel Coelho, nº 315. Com outros médicos, compôs a equipe da Diretoria de Saúde e Assistência Social da prefeitura. Ao seu lado, nesta imagem, aparece Nicolino Puccetti



Dr. Ângelo Antenor Zambom, cujo consultório ficava na Rua Baraldi, nº 778. Integrou o corpo de médicos do Hospital São Caetano



Dr. Jalles Martins Salgueiro. Integrou os chamados 'comandos sanitários', instituídos, na década de 1950, por iniciativa de uma Comissão de Higiene, formada por vereadores, fiscais e um médico do centro de saúde local, com o propósito de vistoriar as condições de higiene de residências e estabelecimentos do município



Dr. Antonio Marino Morelato, cirurgião-dentista, em foto de 1959, tirada em seu consultório, que ficava na Avenida Conde Francisco Matarazzo, nº 38. Ao seu lado, aparece o padre Luciano. Formado pela Universidade de São Paulo, Marino Morelato era filho de Eugênio Primo Morelato, proprietário da Padaria Central

Maternidade Nossa Senhora de Fátima

Diretor: Dr. Pascoal Lobosque

Assistência: Paula Carpenedo, parteira diplomada¹

Endereço: Rua Conceição, nº 637. Posteriormente, passou a atender na Rua Alagoas, nº 581

Hospital e Maternidade São Paulo

Diretor: Dr. Joaquim Rebello de Mattos

Médicos auxiliares: Dr. Aureo Cavalcanti da Silveira e Dr. João Viveiros Reis

Endereço: Rua Amazonas, nº 337

Clínica especializada no tratamento de doenças alérgicas

Diretor: Dr. Oscar Guimarães

Endereço: Rua Tapajós, nº 481

Casa de Saúde Santa Clara

Diretores: Dr. Mathias Antunes e Dr. Adriano Duarte

Endereço: Rua Baraldi, nº 564

A seguir, seguem os nomes dos profissionais da saúde recuperados pela pesquisa (os já citados acima não voltarão a ser destacados). Não houve uma preocupação em agrupá-los a partir de algum critério (ordem alfabética, etc). Sua apresentação obedece apenas à área de atuação profissional destes personagens, estando os nomes distribuídos em três listas: a dos médicos, a dos dentistas e a dos enfermeiros:

Médicos

Dr. Paulo Labadessa
 Dr. Oséas Fialho dos Reis
 Dr. Celso Caçapava da Gama
 Dr. Cid Marques da Silva
 Dr. Kemal Labaki
 Dr. Manoel Gutierrez Durán
 Dr. Hermínio Moreira
 Dr. Humberto Fernando Forte
 Dr. José Luiz Flaquer Netto
 Dr. Abib João Kirche
 Dr. Ângelo Antenor Zambom
 Dr. Pedro Rossi
 Dr. José Jayme Tavares Soares
 Dr. Ivanhoé Espósito
 Dr. J.A. Ferreira da Rosa
 Dr. José Marcílio
 Dr. C. Vita de Lacerda
 Dr. Geraldo Marcondes
 Dr. Sabino Infante
 Dr. Oscar de Almeida Castro
 Dr. Carlos José Ribeiro
 Dr. Jalles Martins Salgueiro
 Dr. Octávio Pinto Ferraz
 Dr. José Queiroz
 Dr. Ramiro de Andrade
 Dr. Níbio Gandioli
 Dr. Wandick Freitas do Carmo
 Dr. Aguinaldo Quaresma
 Dr. José Infante
 Dr. Gil Hauer dos Santos
 Dr. Antonio de Souza Voto
 Dr. Pedro Elias
 Dr. João Ernesto Faggin
 Dr. José Oscar Bottas
 Dr. Antonio Ferracci
 Dr. João Hamati
 Dra. Josette Noronha Melis
 Dr. Ramiro de Araujo Filho
 Dr. Nelson Penteado
 Dr. Ruy Penteado

Dr. Alcir A. Marques
 Dr. João Vicente Domingos
 Dr. Oswaldo Cipullo
 Dr. Edmur Andreucci
 Dr. Michel Glebocki
 Dr. Enio Roberto D'Aló Salerno
 Dra. Maria Nélia (ou Hélia)
 Dr. Antonio Menezes do Bonfim
 Dr. Primo Lupi
 Dr. N. de Athayde Ribeiro
 Dr. Augusto Carvalhosa
 Dr. Plínio Emendabili
 Dr. Cervantes
 Dr. Homero Camargo

Dentistas

Dr. Espiridião de Oliveira Lima
 Dr. João Marchin/Narchin
 (nos anúncios correspondentes, o sobrenome aparece grafado ora com “M”, ora com “N”)
 Dr. Emanuel Marques
 Dr. Francisco Glauco Basile
 Dra. Maria M. Braga Homem
 Dr. Moysés Chapaval
 Dr. Moacyr A. Rezende
 Dr. Milton A. Rezende
 Dr. João Milo Ferrari
 Dr. Odilon Cotrim
 Dr. Carlos Paez
 Dr. A. Tamen
 Dr. Nelson A. Quaglia
 Dra. Maria Olga Ozspar
 Dr. Wilson Giampietro
 Dr. Orlando Teani
 Dr. Antonio Marino Morelato
 Dr. J. Eduardo Resende
 Dr. André Torres
 Dr. Paulo M. Oliveira
 Dr. J. Blecher
 Dr. Mário Clementino Moreira

Dr. Walfredo Ramos Brandão
 Dr. Arnaldo Viana
 Dr. José Maciel Arantes
 Dr. Adhemar Pinto
 Dr. João Lourenço de Castro
 Dr. Celso Lima de Castro
 Dr. André Torres

Enfermeiros

Teresinha R. Alisson
 José Seraphião Ribeiro
 Avelino Angotti
 Virgílio Fuina
 Antônio José Ferreira de Assis
 João Horvát
 Luiz Xavier de Almeida
 Sebastião de Mello

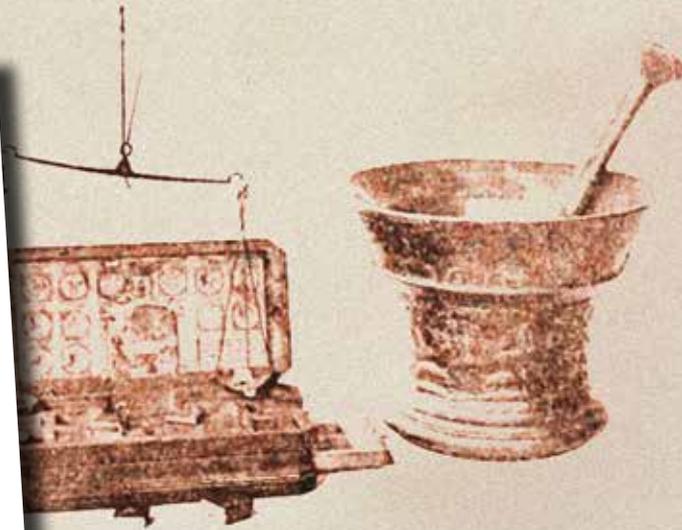
Por fim, cabe endossar que a listagem apresentada não contempla, naturalmente, os nomes de todos os profissionais da área que estavam em atividade, na década de 1950, em São Caetano do Sul, uma vez que foi elaborada com base apenas em matérias e anúncios presentes no *Jornal de São Caetano*, ao longo de suas edições daquele período. É de se supor que nem todos os médicos e dentistas recorressem ao jornal para a divulgação de seus serviços, o que assegura a limitação de tal listagem (que ainda revela a presença de um número ínfimo de mulheres). Por outro lado, mesmo diante dessas ressalvas, a mencionada lista não deixa de ser um registro em homenagem àqueles que legaram o seu trabalho ao desenvolvimento da saúde no município e uma possível fonte para pesquisas futuras acerca do tema. **(Cristina Toledo de Carvalho) R**

NOTA

¹ Na década de 1950, a presença de parteiras era ainda observada na cidade, mesmo diante de alguns recursos médicos e hospitalares existentes na localidade na área de obstetrícia. Dos anúncios pesquisados, foi possível localizar o nome de outra parteira atuante na cidade, contemporânea a Paula Carpenedo. Tratava-se de Maria da Penha Seiffert, que atendia na então Rua Goiás, nº 1.412, conforme anúncio publicado na edição de 6 de abril de 1955 do *Jornal de São Caetano* (ano IX, n. 511, última página).

Mário Porfírio Rodrigues
e João Tarcísio Mariani

Acervo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



Fachada da Pharmácia Monte Alegre, propriedade de Olderige Zanon, localizada na Rua Amazonas. O estabelecimento foi aberto pelo seu irmão Armando Zanon, em 1928

NAQUELE TEMPO LÁ... FARMÁCIA ERA COM PH!

*Droga era medicamento, farmácia
era pronto-atendimento.
Farmacêutico era comprometimento!*

Ao nos juntarmos para escrever este artigo, cujo objetivo é recordar farmacêuticos e farmácias de São Caetano, corremos um sério risco: “artigo de farmácia” pode ser uma “droga”! Outro risco, não menos sério, foi fazer uma parceria tendo, de um lado, o memorialista e autonomista (*Mário*), sobejamente reconhecido e consagrado pelos incontestáveis méritos que reúne, sempre usando brilhantemente seus escritos em favor de São Caetano; e de outro, o sul-são-caetanense (*Mariani*), amante da história da cidade e, nas horas vagas, modesto colaborador da revista *Raízes*.

Como já combinamos entre nós, o que for bom neste artigo será creditado ao Mário e o que for ruim será debitado ao Mariani. Assim, os riscos que corremos já estão minimizados e devidamente explicados. Por outro lado, se a parceria não der certo, nos restará formar uma dupla sertaneja, pois, pelo menos, temos nomes adequados para isso: Mário e Mariani.

A ideia de resgatar a memória de farmácias e farmacêuticos de nossa cidade surgiu pelo fato de que, já no número anterior de *Raízes*, a seção *Em Foco* tratou da saúde em São Caetano, e que, justamente, por ser matéria ampla, exigiu que nesta edição 53 se retomasse o assunto. Além disso, a revista fez menções, em diferentes edições passadas, ao tema farmácias e farmacêuticos (veja notas bibliográficas no final).

Não tivemos a pretensão de ser abrangentes, quer quanto à pesquisa quer quanto à memória, que, com o passar do tempo, infelizmente, também começa a faltar aos memorialis-

tas. Assim sendo, temos uma certeza: a de que todos aqueles que lerem este artigo se sentirão desafiados a recordar, não somente as figuras aqui apresentadas e enaltecidas, mas as muitas outras que compuseram a história da saúde de São Caetano. Vocês hão de se lembrar de muitos abnegados que trabalharam nas farmácias, as quais eram mais do que pronto-atendimentos, eram verdadeiros hospitais de outrora.

Os farmacêuticos eram pessoas que conseguiam amearhar enorme credibilidade, tanto como profissionais da saúde quanto como seres humanos admiráveis, capazes de dedicar o seu tempo e o seu conhecimento em favor dos outros, muitas vezes, oferecendo seus préstimos gratuitamente, devido à falta de recursos dos cidadãos.

Além disso, a credibilidade transformava os farmacêuticos em médicos, pois não raro, quando alguém estava “passando mal”, com qualquer distúrbio agudo e, às vezes, passageiro, o paciente pedia que o levassem ao “Sr. Fulano”, seu farmacêutico de confiança. Outra prática muito comum era alguém da família ir até a farmácia relatar o quadro do doente e voltar para casa com o farmacêutico, que já levava injeção a ser aplicada e remédios a serem ingeridos pelo doente.

Se, por um lado, não existem estatísticas daquele tempo, mostrando quantas vezes os farmacêuticos possam ter errado em seus diagnósticos, por outro lado, também não ficaram registradas, na memória da população, falhas fatais que pudessem denegrir a imagem desses profissionais.

Farmácias em São Caetano - As dificuldades para cuidar da saúde dos são-caetanenses, antes da criação do município, são conhecidas dos leitores da revista *Raízes*. A edição comemorativa do centenário da Sociedade Beneficente União Operária de São Caetano do Sul (1907 – 2007)¹, em sua página 21, faz o seguinte relato sobre esse grave problema da época:

A população crescia mais rapidamente do que a estrutura de saneamento e assistência social. Famílias inteiras adoeciam, crianças morriam. Não havia médicos na região. O tempo para encontrar um doutor e pedir uma visita, geralmente, não era suficiente para salvar vidas ou limitar as sequelas de graves doenças. Levar o doente até um consultório em São Paulo por diversas vezes era tarde demais.

José de Souza Martins, em seu livro *Subúrbio*², ilustra bem os primórdios da situação da saúde no distrito de São Caetano, bem como cita a necessidade dos habitantes em buscar farmácias em São Paulo:

Às farmácias chegava-se, geralmente, através da estrada que passava pela Mooca. Embora sejam muitas as referências sobre o uso de farmácias do Brás por moradores de São Caetano, há também referência a uma farmácia na Rua do Tesouro, próximo ao Pátio do Colégio, utilizada pelos colonos.

Levando-se em conta esse cenário crítico da saúde, impunha-se a necessidade de buscar alternativas locais, com a instalação das primeiras farmácias. Ainda no livro *Subúrbio*, encontra-se, sem mais detalhes, a seguinte referência: “Apenas em 1914 há referência a uma farmácia no lugar, a de João Batista de Lima”.³

Os registros disponíveis da época, principalmente por meio do *São Caetano Jor-*

nal, apontam a seguinte cronologia para a instalação das farmácias do distrito de São Caetano:

- **Pharmácia Paolone (Paolone & Filhos):** A mais antiga, fundada em 1921, estabelecida na hoje Avenida Conde Francisco Matarazzo, próxima da estação ferroviária, cujo farmacêutico responsável era Imbriani Paolone;

- **Pharmácia Europea (Dall’Antonia & Jurovsky):** Fundada em fevereiro de 1931, estabelecida na hoje Avenida Goiás, próxima à fábrica da General Motors, cuja responsável, primeira mulher farmacêutica de São Caetano, era Diva Cassetari Grassi;⁴

- **Pharmácia Brasil (A. Meireles & Cia.):** Fundada em novembro de 1931, estabelecida na Rua João Pessoa, cuja farmacêutica responsável era Amelia Meirelles;

- **Pharmácia São Caetano (Theodoro Macedo):** Fundada em 1935, estabelecida na Rua Manoel Coelho.

Os primeiros estabelecimentos situavam-se em bairros diferentes. Na época, pareciam distantes uns dos outros, especialmente para atender a população de cada núcleo residencial. Assim, no centro do distrito, localizava-se a primeira e já citada Farmácia Paolone; mais abaixo, para atender a população do Bairro da Fundação e Vila Bela (São Paulo), na esquina da Rua Heloísa Pamplona com a Avenida Conde Francisco Matarazzo, a Farmácia do Fischer, ao lado da qual se situava o consultório médico do Dr. Constantino Batista, que atendia apenas em um determinado dia da semana.

Mais para cima do distrito, a farmácia com o mesmo nome do bairro, Monte Alegre, de Olderige Zanon, um dos fundadores da Socie-

dade Beneficente Hospitalar São Caetano. Para o lado do Bairro Barcelona, na Avenida Goiás, próxima à General Motors do Brasil, a Farmácia Europeia. Na Rua João Pessoa estava bem instalada a farmácia da família Gastaldo, cujos proprietários logo depois partiram para outras iniciativas.

A propósito da farmácia dos Gastaldos, vale lembrar o farmacêutico Aldo Gastaldo, que, além de seus predicados profissionais, ainda era famoso pela excelente memória, o que lhe permitia, quer na farmácia quer andando pelas ruas da cidade, identificar pelo nome todos os cida-

e suas ações de benemerência, como a prestação de serviços gratuitos à Santa Casa de São Bernardo.

Assim como todo mundo recorda dos salões de barbeiro como sendo locais de bate-papo e de circulação de fofocas, as farmácias, em menor escala, também eram ponto de encontro, porém no caso das fofocas, elas eram, digamos, mais comedidas. E isso por uma boa razão: se o fulano saísse da farmácia “segredando” por aí qual a doença de sicrana, esta também podia, em contrapartida, revelar algo desabonador em relação à saúde do fulano. Nesse



Arquivo/Fundação Pro-Memória de São Caetano do Sul

dãos. E não importava quanto tempo ele ficasse sem ver uma pessoa, bastava encontrá-la que, além de tratá-la pelo nome, perguntava dos familiares, nominando-os todos sem titubear.

Algumas farmácias, por meio de uma estrutura própria, optaram por disponibilizar também um consultório médico, cujo atendimento seria gratuito aos pobres. Um exemplo disso foi a Farmácia Paolone que, segundo consta, oferecia consultas gratuitas aos desprovidos financeiramente. No comando, o Dr. José Paolone, com sua respeitável experiência

particular aspecto, os farmacêuticos exerciam um papel de extrema discrição em relação à saúde de seus fiéis clientes.

Os medicamentos - Naquele tempo, na ausência de um facultativo, nome mais comum dado ao médico, era aos responsáveis pelas boticas que os doentes recorriam. E, em quase todos os casos, os medicamentos recomendados e fornecidos pelos farmacêuticos (boticários) resolviam o problema. A maioria desses atendentes não possuía estudos relativos a essa função, mas já

Farmácia Cambaúva, em foto de 1960. Da direita para a esquerda, vemos: José, Geraldo Cambaúva, João, Joaquim Antonio (Tintonho) e Sebastião (Nenê)



Arquivo Fundação Pro-Memória de São Caetano do Sul

Fachada da Pharmácia Europeia, fundada em fevereiro de 1931, estabelecida na hoje Avenida Goiás, próxima à fábrica da General Motors

havia trabalhado em farmácias da capital paulista e adquirido prática suficiente, especialmente para indicar o remédio mais adequado. Além disso, eles sabiam preparar fórmulas, medir pressão arterial, aplicar injeções nos pacientes e, quando necessário, tratar de queimaduras, dar pontos em ferimentos e fazer os adequados curativos.

As compras eram feitas em drogas atacadistas de São Paulo por telefone, uma vez por semana ou quinzenalmente. Após pedido telefônico, uma pessoa da farmácia tomava o trem da São Paulo Railway e ia buscar os produtos requisitados. A encomenda, normalmente, consistia em três marcas de comprimidos para dor de cabeça (Veramon, Rodine e Cafiaspirina), dois laxantes (óleo de rícino e sal amargo), um fortificante (Biotônico

Fontoura) e outros que eram fornecidos a granel e vendidos por unidade. Em lugar de uma caixinha, três, quatro ou cinco pílulas, suficientes para o caso indicado, eram colocadas em um pequeno envelope e entregues ao cliente.

A encomenda sempre incluía vários produtos químicos usados para manipulação em laboratórios próprios, que toda farmácia possuía, de fórmulas indicadas para os males dos doentes. Era muito comum, até as décadas de 1950 e 1960, os médicos receitarem fórmulas de medicamentos para serem aviadas nas farmácias.

Por falar em aviamento ou manipulação de medicamentos, havia sido inaugurada, em 1858, a Botica Ao Veado d'Ouro, tradicional farmácia sediada na Rua São Bento, no centro de São Paulo. Essa botica gozava de um prestígio

e credibilidade tão grandes que não eram raros os clientes de São Caetano, assim como os de todo o Estado de São Paulo, que simplesmente se recusavam a consumir medicamentos de manipulação que não fossem produzidos pelo estabelecimento histórico da cidade de São Paulo.

Lamentavelmente, em 1998, essa farmácia envolveu-se em um famoso e contundente escândalo de falsificação de medicamento, destinado ao tratamento de câncer de próstata, e, após lento processo jurídico, em 2008, a botica encerrou melancolicamente suas atividades. Resumo: Nunca a palavra “manipulação” foi tão impropriamente utilizada em uma farmácia.

Mas voltemos a São Caetano, onde dizíamos que as farmácias locais compravam medicamentos em farmácias maiores, especialmente nas de São Paulo, e também adquiriam esmalte para unhas femininas, sabonetes, pó de arroz, batom e demais cosméticos, fabricados em Valinhos pela Companhia Gessy Industrial, da família Milani.

Publicidade e reclame - Sempre foi motivo de polêmica a publicidade de remédios nos meios de comunicação, quer pela indução ao uso indiscriminado deles quer pela sempre

possível propaganda enganosa que pode transformar qualquer formulação em medicamento milagroso.

Publicidade, naquele tempo, era chamada de reclame. Os mais famosos, exibidos especialmente nos bondes, por volta de 1950, eram os de remédio. Um, em particular, teve direito à polêmica sobre o verso que o celebrou, atribuído, por uns, ao poeta Bastos Tigre, e, por outros, ao farmacêutico Ernesto Souza, o próprio formulador do remédio. Com certeza, muita gente ainda se lembra do versinho:

Veja ilustre passageiro
o belo tipo faceiro
que o senhor tem a seu lado
e no entanto, acredite,
quase morreu de bronquite
salvou-o o Rhum Creosotado!

Também não dá para esquecer nem da publicidade e nem do mais apreciado remédio das crianças do nosso tempo: Biotônico Fontoura. Além de ter gosto de vermute, trazia na caixa o livreto do Jeca Tatuzinho, de Monteiro Lobato. A propósito, o nosso já citado amigo, José de Souza Martins, descobriu, há pouco tempo, que possui ainda guardado um exemplar desse livreto e que, para sua surpresa, indo a um antiquário de São Paulo, descobriu que o livreto vale hoje R\$ 2.300. Segundo Martins, esse valor, com certeza, cobre o preço de todo o Biotônico que ele tomou na vida.

Drogaria, Drogarede - Posteriormente, com a criação do município de São Caetano do Sul e a chegada de médicos e hospitais, as farmácias se multiplicaram e muitos nomes se destacaram no ramo, como a família Cambaúva, que chegou a ter farmácias no centro da cidade e em dois ou três outros bairros, e a família Migliani, com estabele-

NA TOSSE,
NA BRONQUITE
E RESFRIADO

TOME
**RHUM
CREOSOTADO**

... e Veja
o resultado!

Arquivo/Ilug Reclames do Estado

Anúncio do Rhum Creosotado, de 4 de novembro de 1954

O BRASIL QUER GENTE FORTE!

ANTES: FRACO e DESANIMADO UM IMPRESTAVEL

HOJE: CHEIO DE SAÚDE E VIGOR GRAÇAS AO

BIOTONICO FONTOURA

Arquivo/Ilug Reclames do Estado

Anúncio do Biotônico Fontoura, publicado em 17 de maio de 1935



cimentos nos bairros Santo Antônio e Santa Paula.

Um amigo, daqueles metidos a filósofo, dizia que todo mundo aprecia o gosto do mel, mas não gosta do seu preço. Isso apenas para lembrar que, antigamente, com poucos medicamentos e preços acessíveis, se atendiam a todas as demandas. Enquanto hoje, com uma imensidão de remédios, preços exorbitantes e redes de drogaria, já estamos nos acostumando com nomenclaturas tipo: medicamento de baixo custo e de alto custo. Os de baixo custo estão caros, e os de alto custo, o governo precisa distribuir gratuitamente, porque o preço é “de matar”.

Não havia, nos estabelecimentos, essa profusão de caixinhas coloridas, que acondicionam os remédios, originários de nossa atual indústria farmacêutica. Com o advento das grandes redes de drogarias, as farmácias de hoje mais se parecem com supermercados, onde vemos gôndolas de remédios de todos os tipos e para todos os gostos.

Se vamos à gôndola dos analgésicos é uma “dor de cabeça” achar um que não tenha efeito colateral. Na prateleira dos remédios para resfriado, qualquer um é uma “fria” para o estômago. Os colírios custam os “olhos da cara” e os tranquilizantes “tiram o sono” de qualquer aparelho digestivo. Além disso, encontramos remédios em sabores variados e, no mínimo, paradoxais. Antiácidos nos sabores laranja, limão, tangerina... Alguém poderia explicar frutas cítricas (ácidas) como antiácidas? E mais: laxantes em sabores de frutas exóticas como abricó, framboesa e cagaita. Além de não sabermos qual o gosto delas, o efeito que se espera tem a ver com a forma do produto final? Talvez a única ressalva seja, “*stricto sensu*”, à última fruta citada.

Vários foram os candidatos na política, alguns dos quais eleitos, que eram ou são farmacêuticos, o que acabou gerando um mal-doso comentário, transformado em jargão, poli-

ticamente incorreto: “Droga por droga, vote em (nome do farmacêutico)”.

Por falar em política e no momento difícil pelo qual nosso país está passando, gostaríamos muito de, ao fechar o assunto, fazer votos para que nunca se materialize no Brasil a expressão usada para definir uma situação que não tem solução: “Não tem remédio!”. Xô, crise!

Em conclusão, apesar dos amigos como Martins, que guardaram das farmácias péssimas lembranças: agulhas de injeção, purgantes e lombrigueiros, remédios de gosto ruim, daqueles que era preciso apertar o nariz da criança para ela abrir a boca, enquanto esperneava, ou para esfregar-lhe na goela, com pena de galinha, um remédio horrível, à base de iodo, quando tivesse dor de garganta. Apesar de tudo isso, nos cabe exaltar as figuras daqueles farmacêuticos que nos ajudaram na luta contra doenças em nossa infância e adolescência e, é por isso também, que ainda estamos aqui. Cada um de nós se recorda, em algum momento lá atrás, da atenção recebida de um ou de vários desses farmacêuticos, e somos capazes de reconhecer-lhes o mérito, levando em conta as condições, às vezes precárias, nas quais eles prestaram seus serviços às nossas famílias. **R**

NOTAS

¹ Entidade fundada em 15 de novembro de 1907 para atender os operários, de qualquer nacionalidade, para que tivessem a quem recorrer em um momento de necessidade. A finalidade era semelhante à da Società di Mutuo Soccorso Principe di Napoli, que atendia somente italianos e seus descendentes.

² MARTINS, José de Souza. *Subúrbio. Vida cotidiana e história no subúrbio da cidade de São Paulo: São Caetano, do fim do Império ao fim da República Velha*. São Paulo: Editora Hucitec; São Caetano do Sul: Prefeitura de São Caetano do Sul, 1992.

³ SOCIEDADE BENEFICENTE INTERNACIONAL UNIÃO OPERÁRIA DE SÃO CAETANO. Ata n. 73. São Caetano, fl. 56v., 20 ago. 1914.

⁴ VERONESI, Henry. Diva Cassetari Grassi, primeira farmacêutica de São Caetano do Sul. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 16, p. 65-66, dez. 1997.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARVALHO, Cristina Toledo de. O universo da saúde em São Caetano, na primeira metade do século passado. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 52, p. 6-15, dez. 2015.
PHARMÁCIA Europeia e General Motors: quarenta anos de vizinhança. *Raízes*, São Caetano do Sul, edição especial, p. 49-50, ago. 2000.

MÁRIO PORFÍRIO RODRIGUES

FOI FUNDADOR DO *JORNAL DE SÃO CAETANO* E DO HOSPITAL SÃO CAETANO. É MEMBRO DA ACADEMIA DE LETRAS DA GRANDE SÃO PAULO E DO CONSELHO EDITORIAL DA FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO CAETANO DO SUL.

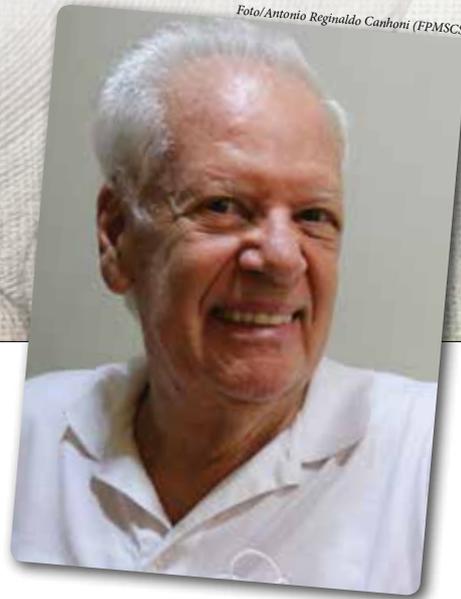
JOÃO TARCÍSIO MARIANI

É EMPRESÁRIO E MEMBRO DO CONSELHO DIRETOR DA FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO CAETANO DO SUL.

Ana Luísa Lage

TRADIÇÃO DE FAMÍLIA

Influenciado pelo pai e pelos tios, Celso Lima de Castro exerce a profissão de dentista com ética e dá exemplo como profissional



Foto/Antônio Reginaldo Canhani (FPMSCS)

Com muita gentileza, Dr. Celso Lima de Castro recebe em seu consultório a equipe da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul e faz retrospectiva dos quase 60 anos dedicados à odontologia. Foto de março de 2016

Conhecido como o dentista da sociedade sul-são-caetanense, Celso Lima de Castro, ao longo de seus 83 anos – 59 deles dedicados à odontologia –, nunca teve pressa em finalizar uma consulta. Calmo e de voz baixa, preza pela qualidade no atendimento ao paciente. Segundo ele, é importante, acima de tudo, fazer bem feito, zelar por sua reputação. Toda essa paciência – somada ao seu talento profissional – já lhe rendeu títulos e medalhas, com destaque para a de maior tempo de trabalho sem reclamação ética.

Filho do dentista João Lourenço de Castro e da professora Dulce Lima de Castro, Celso nasceu no dia 4 de abril de 1933, em Santa Rosa de Viterbo (interior de São Paulo), município onde o avô era proprietário de uma fazenda. Mudou-se para São Caetano do Sul com 1 ano de idade. A cidade foi eleita por seu pai para criar os cinco filhos e montar um consultório na tradicional Rua Manoel Coelho. Ele ocupou o imóvel de nº 184.

Os estudos do pequeno foram feitos, em parte, no Segundo Grupo Escolar, atual Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) Bartolomeu Bueno da Silva. O restante ele concluiu no Colégio Paulistano. Por conviver em meio a dentistas da própria família – além do pai, um tio e o tio-avô –, desde menino ele se divertia ao polir próteses. “Para incentivar, meu pai pagava um pequeno valor por cada peça”, recorda.

Seguir a tradição, portanto, tornou-se algo natural entre os irmãos. E o que começou como brincadeiras e distrações de adolescente resultaram, em 1957, no diploma recebido pela conclusão do curso na Faculdade de Odontologia do Triângulo Mineiro. “Meu irmão era endodontista na cidade e aproveitei a oportunidade para estudar lá”, conta.

Vida nova - No mesmo dia em que recebeu o certificado para cuidar da saúde bucal das pessoas, Castro se casou com a professora Ásia da Silva de Castro. “Ela é de Conquista, em Minas Gerais, e tinha parentes aqui em São Caetano. A primeira vez que a vi na casa de meus pais, fiquei encantado com tanta beleza e começamos a namorar”, relata, com carinho, quase 60 anos depois.

Da união nasceram cinco filhos: Marialice de Castro Vatauvuk, Paulo Sergio Silva de Castro (falecido), Celso Lima de Castro Jr., Renato Silva de Castro e Valdo Silva de Castro. “Apenas um seguiu a profissão do pai. Os outros fizeram cursos de engenharia, psicologia, fisioterapia, administração e educação física”, afirma.

Com família formada e consultório no mesmo endereço em que trabalhava o pai, especializou-se em tratamento dentário, cirurgia buco-maxilo-facial e traumatologia. Virou referência na cidade. De tão procurado, chegava a ter dois meses de espera para o agendamento de consulta. “Trabalhava até de madrugada e, durante muitas décadas, não peguei paciente novo”, lembra orgulhoso. Quem administrava os horários era a sua secretária Marta Veronezi, que, há 39 anos, permanece ao lado do profissional.

Tempo de mudança - Na década de 1950, existiam poucos profissionais e consultórios de odontologia em São Caetano do Sul. Os atuantes se limitavam a arrancar dentes, a solução mais prática e barata para os estragados ou doloridos. Dr. Celso de Castro recorda que, antigamente, quando tinha dor na boca, o paciente perguntava quanto custava para tratar e qual era o valor para arrancar. E a maioria sempre escolhia a segunda opção.

Havia essa política de extrair para colocar prótese – a popular dentadura. “Tive um paciente que recebeu uma grande herança e precisava colocar uma ponte. Ele sempre perguntava se realmente necessitava dessa peça. Depois de muita conversa, resolveu fazê-la. No dia da consulta, chegou e disse que tinha 74 anos, já tinha mastigado mais de 70 toneladas de comida e não precisava mais disso. Aí, desisti de fazer, só para não mexer no dinheiro que tinha guardado”, lembra.

Outro caso que marcou a sua trajetória profissio-

nal foi o de uma bela e vaidosa jovem. Por conta de um tratamento de canal, a moça ficou com o dente escuro. Para melhorar a aparência, o procurou. Após a avaliação, o dentista sugeriu fazer uma coroa de jaqueta. Porém, como já conhecia o pai da moça, disse que só faria o procedimento com sua autorização, devido ao alto valor. “Conversei com ele, que logo questionou se era por necessidade ou estética. Disse que era para melhorar o visual e passei o valor. E, mesmo com condições financeiras, ele não autorizou e ainda ficou bravo com a filha”, recorda.

O cenário e o progresso odontológico na cidade começaram a mudar a partir do fim da década de 1950 e início de 1960. Semanalmente, Castro e seus colegas faziam um curso de especialização buco-maxilo-facial na Avenida São João, na capital paulista, para ter entrosamento médico-odontológico. Para facilitar o estudo e ter uma base consolidada de interação de profissionais do segmento, em 24 de agosto de 1958, participou da fundação da Associação Paulista de Cirurgiões Dentistas (APCD), em São Caetano do Sul. Sua reputação, assim, deu-se também em outras frentes.

Passaram-se os anos e só aumentou a demanda pelos tratamentos dentários no consultório, além dos atendimentos nos hospitais São Caetano e Beneficência Portuguesa de São Caetano do Sul. Em 1971, ele começou a atender em novo endereço, na Rua Santa Catarina, nº 244, 6º andar, onde permanece até hoje. Diz ter orgulho de primar pela honestidade e continua a receber os

pacientes com gentileza e profissionalismo.

O segredo para todo esse sucesso, além da dedicação e atualização constante em cursos para aprender sobre novas técnicas, resinas e cerâmicas, é trabalhar com um bom protético. No seu caso, esse suporte foi dado por Hirofumi Ando, que tem formação em Tóquio (Japão) e pleno conhecimento sobre função mastigatória, como explica o profissional. Com toda essa sabedoria, ele faz um alerta: “O dente que Deus te dá de graça nem o melhor dentista do mundo consegue fazê-lo. É só saber cuidar para mantê-lo saudável”.

Memórias - “Comportamento tranquilo e segurança no que faz são itens fundamentais para o bom atendimento”, teoriza o dentista. E esse duplo preceito é constante em seu dia a dia. Todo o reconhecimento é dado pelos clientes de longa data. “Tinha um paciente que gostava muito de mim. Ele era dono de uma fazenda em Mato Grosso e criava cavalos da raça andaluz. Certo dia, me presenteou com um cavalo e eu não sabia o que fazer. Ele mesmo providenciou a entrega do animal na minha fazenda, no Triângulo Mineiro, e até hoje está lá”, lembra sorridente.

Há, porém, momentos em que a situação se torna delicada e exige jogo de cintura. E isso



Acervo/Celso Lima de Castro

Em foto da década de 1980, Dr. Celso Lima de Castro aparece ao lado do protético Hirofumi Ando, profissional formado em Tóquio (Japão)



Acervo/Celso Lima de Castro

Dr. Celso Lima de Castro atende paciente no consultório da Rua Santa Catarina, nº 244. Em pé, o colega Dr. Glauco Perrella observa as técnicas do dentista. Foto da década de 1980

Em 1980, Dr. Celso Lima de Castro e sua esposa, Ásia da Silva de Castro, ao lado dos cinco filhos. Da esquerda para a direita, observam-se: Valdo Silva de Castro, Renato Silva de Castro, Celso Lima de Castro Junior, Paulo Sérgio Silva de Castro (falecido) e Marialice de Castro Vatauvuk



Arquivo/Celso Lima de Castro

Entre netos e bisnetos, Dr. Celso Lima de Castro e a esposa, Ásia da Silva de Castro, valorizam a convivência familiar. Foto de dezembro de 2007



Arquivo/Celso Lima de Castro

aconteceu com Dr. Celso de Castro em meio a uma cirurgia. Ele conta que, em função de uma infecção na arcada dentária inferior, um paciente precisava extrair os dentes. Chegou ao consultório, sentou e o dentista logo aplicou a anestesia para iniciar a cirurgia. Imediatamente, o homem começou a gritar desesperadamente que queria fumar. O dentista tentou de todas as maneiras acalmá-lo, mas não teve outra saída senão liberá-lo para o cigarro.

Guiado pelo lema que a maior motivação é ver a satisfação dos clientes, o dedicado e cuidadoso dentista preza pela ética e capricho em tudo o que faz. E não se cansa de enfatizar isso. Assim, com o passar dos anos, viu-se na necessidade de avaliar seu trabalho e as limitações que o tempo traz. “Após os 80 anos, perdemos algumas habilidades. É preciso avaliar o que é possível fazer e, o que não der, encaminhar para outros colegas.

Tem um momento que o sujeito não pode bancar o ‘rei da Rússia’”, brinca.

Paixão por São Caetano - Com 11 netos e cinco bisnetos, Celso de Castro leva uma vida feliz ao lado da família. Pertence ao Lions Clube de São Caetano do Sul e participa com frequência das reuniões da entidade. Diariamente, acorda por volta das 8h e, após café da manhã, vai para o consultório. Questionado sobre quando sua real aposentadoria virá, ele diz que pretende parar aos poucos. Sua fisionomia, porém, revela que não há pressa em colocar um ponto final na carreira.

Uma vez por mês, ele viaja para a fazenda e mata a saudade de todos os familiares. É lá também que desfruta do sabor do café plantado na região. Já em São Caetano, sua esposa, dona Ásia, que é fanática pela cidade, sabe apreciar cada cantinho do lugar. “Não posso nem pensar em falar de mudar daqui”, afirma.

Realizado na vida pessoal e profissional e só com boas recordações dessa longa jornada, Dr. Celso Lima de Castro vive a vida de maneira plena. O conselho que deixa para a nova geração é não desanimar nunca. Por mais difíceis que sejam as situações, o que vale é ter jogo de cintura e buscar a felicidade sempre. Conselho de quem cumpriu essa lição de casa e fez muitas pessoas, literalmente, sorrirem felizes. **R**

ANA LUÍSA LAGE

É JORNALISTA FORMADA PELA UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO E PÓS-GRADUANDA EM COMUNICAÇÃO PUBLICITÁRIA E MARKETING PELA FACULDADE CÁSPER LÍBERO. É COLABORADORA DA FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO CAETANO DO SUL.

Talita Scotá Salvatori

DRA. SUZETE CONSULINI:

HÁ 41 ANOS
TRABALHANDO
POR UM SERVIÇO
DE SAÚDE BUCAL
MAIS HUMANO E
EFICIENTE

Destacada por tomar à frente a prática odontológica em São Caetano do Sul, Suzete Consulini trabalha há mais de 40 anos para a prefeitura da cidade. Precedeu grandes projetos relacionados à saúde bucal e conscientização dos munícipes, obtendo sempre importantes resultados devido ao seu reconhecido decoro e generosidade. No entanto, o sucesso em sua profissão só ocorreu graças a sua grande resiliência a despeito de qualquer adversidade.

Nascida em São Paulo, no Bairro do Ipiranga, numa terça-feira de Carnaval, Suzete brinca que já chegou ao mundo revolucionária, em sincronicidade com o soar do apito das fábricas, exatamente às 17h do dia 24 de fevereiro de 1948. Com apenas 16 anos, saiu de casa para trabalhar e, dentre as diversas atividades que veio a desempenhar até encontrar sua verdadeira

vocação, trabalhou como secretária em uma imobiliária, representante do carnê do Silvio Santos nas ruas, vendedora, etc.

“Quando saí de casa para trabalhar, comecei em uma imobiliária e tinha um dentista no mesmo prédio. O Dr. Odair José Bigliazzi pedia ao meu chefe para que eu o ajudasse, pois ele não tinha auxiliar. Foi ele o responsável por eu ter chegado à prefeitura, fiquei ajudando e acabei gostando do que estava fazendo. Virei ‘ratinho de consultório’. Durante as férias da faculdade, ia ajudá-lo no pronto-socorro, onde ele também atendia e, como eu tinha de trabalhar de qualquer jeito, no período da noite, fui trabalhar em um hospital como instrumentadora e, às vezes, entrava como auxiliar de cirurgia. Isso foi até eu me formar, em 1973”, relata.

Os pais de Suzete, Pedro Consulini e Virgínia Ferreira Consulini, vieram ainda crianças do interior de São Paulo para o Ipiranga. Tiveram três filhos: Suzete, Roberto e Pedro. Suzete conta que, quando tinha apenas alguns meses de vida, seus pais se mudaram para Piracicaba, interior de São Paulo, onde viveram até ela completar 7 anos. Depois, com a falência da empresa

Foto/Antônio Reginaldo Canhoni (FPMSCS)



Dra. Suzete Consulini prestando atendimento no Centro Integrado de Saúde e Educação (Cise) da Terceira Idade João Nicolau Braido, em foto de maio de 2016

Dra. Suzete Consolini no dia de sua colação de grau, em 1973, posando para a foto ao lado de seus pais e irmãos. Vemos, da esquerda para a direita: Roberto, Pedro, Suzete, Virgínia e Pedro Consolini

onde seu pai trabalhava, eles foram obrigados a mudar para São Bernardo do Campo, no Bairro Rudge Ramos, onde possuíam uma casa e, assim, puderam reestruturar a vida. Ela conta que esse período não foi fácil, pois todas as escolas públicas já haviam finalizado suas matrículas, tendo que aguardar até o ano seguinte para dar continuidade aos estudos.

Aos 8 anos, ingressou no Grupo Escolar Atílio de Oliveira, onde concluiu os quatro primeiros anos do ensino fundamental. Suzete lembra que, a partir daí, para dar prosseguimento aos estudos, era necessário primeiramente fazer um curso de admissão, que era pago, e, por não ter

ano seguinte, a prova para a Universidade de São Paulo, conseguindo a quarta colocação. No entanto, como se não bastassem os empecilhos já superados, ainda restava a opinião contrária de sua mãe, que não concordava que a filha se tornasse dentista. Mas o destino provou mais uma vez o quão certa foi a sua escolha, guiada por suas convicções e aspirações.

“A minha mãe queria que eu fosse médica (...), aquela coisa de sonho de mãe, mas eu não acreditava que seria uma boa médica. A partir do momento que o Dr. Odair José Bigliuzzi me chamou para ajudá-lo e eu comecei a interagir com os pacientes, ir para o pronto-socorro e ver todo



Acervo/Suzete Consolini



Acervo/Suzete Consolini

condições financeiras, recorreu diretamente ao exame. Passando em último lugar, ingressou na Escola Estadual João Ramalho, onde permaneceu até a conclusão do ensino médio.

Naquela época, o pai de Suzete trabalhava em uma tinturaria e sua mãe costurava para fora. Mesmo sem ter possibilidade de fazer cursinho preparatório para ingressar em uma faculdade pública, prestou o vestibular, porém, não obteve sucesso. Sem esmorecer, passou em concurso de um colégio particular, onde conseguiu bolsa integral para estudar, e prestou novamente, no

o trabalho, eu me identifiquei e vi que era aquilo que eu queria para a minha vida. Foi difícil, mas não desisti! Quando falei para minha mãe que queria ser dentista, ela ficou muito brava, então não toquei mais no assunto. Apenas continuei estudando! Dá para notar a expressão contrariada dela nas minhas fotos de formatura. Meu pai sempre me apoiou, era meu ‘companheiro’ e tinha muito orgulho de mim! Hoje minha mãe reconhece que eu fiz a melhor escolha, mas só mudou de ideia depois que eu já estava com o meu consultório, notando o carinho e o respeito

Dra. Suzete Consolini cola grau em odontologia pela Universidade de São Paulo, em 1973

de meus pacientes por mim”, relembra a dentista.

Suzete conta que ingressou na prefeitura em 1975, quando foi surpreendida por um convite do médico Antonio Menezes do Bonfim, da Diretoria de Saúde e Assistência Social do município. “Naquele dia, o motorista do Dr. Bonfim, o Sr. Adão, foi à minha casa pedir para que eu me dirigisse até a Diretoria da Saúde, que ficava no pronto-socorro da Rua Vital Brasil Filho. Era 24 de fevereiro de 1975, dia em que eu estava completando 27 anos. Fui ao encontro do Dr. Bonfim, que me convidou para substituir o Dr. Clermont de Araújo. Perguntei: ‘Quando eu começo?’, e ele respondeu: ‘Hoje!’, e eu disse: ‘Mas hoje é o meu aniversário!’, então, ele me falou: ‘Este é o meu presente para você!’”

Ela explica que o Dr. Clermont de Araújo havia tirado uma licença não remunerada e que a condição acordada era que, se ele

cupados com a saúde bucal das crianças, em 1981, ela, a Dra. Célia Regina Sanches e o Dr. Luiz Gonzaga Sundfeld, sob a direção do Dr. João Carlos Zambom, encaminharam um projeto para a prefeitura, que foi aprovado em 1984. Seu objetivo principal era levar para todas as crianças matriculadas nas escolas municipais de educação infantil informações acerca da saúde bucal, por meio de palestras e atendimento aos

Dra. Suzete Consolini, atual coordenadora-geral de odontologia do município, posa para foto com parte da equipe odontológica do Centro de Especialidades Odontológicas (CEO) Maria Domingas Robilota Torres. Foto de 2015

Acervo/Suzete Consolini | Foto/Eduardo Nogueira



Acervo/Suzete Consolini



retornasse da licença após os dois anos, ela devolveria o cargo, caso contrário, assumiria interinamente o seu lugar. “Por fim, ele não retornou e eu acabei assumindo definitivamente o seu posto, onde permaneci durante 15 anos, até 1990, quando prestei concurso para a prefeitura e passei em segundo lugar. Comecei fazendo o turno das 11h às 13h. No início, o período de atendimento odontológico no pronto-socorro era somente das 7h às 17h, não havia plantão noturno. Contávamos apenas com uma equipe de cinco dentistas e um chefe. Dois profissionais trabalhavam no consultório odontológico volante, um no período da manhã e outro à tarde.”

Segundo Suzete, durante esse período, a odontologia de São Caetano era representada apenas pela equipe acima citada. Preo-

mais necessitados. O projeto foi um sucesso, numa época em que o atendimento odontológico na cidade era muito restrito, no pronto-socorro.

Hoje, a única dentista que ainda permanece atuante na cidade desde a criação desse projeto é Suzete. Ela conta também que o plantão de 24 horas foi criado somente a partir da gestão de Raimundo da Cunha

Suzete Consolini com o filho, Rubens Alexandre Consolini. Foto de 2008



Arquivo/Suzete Consulini

gas Robilota Torres (Rua Lourdes, nº 525, Bairro Nova Gerty), à tarde, presta atendimento, até às 16h, no Centro Integrado de Saúde e Educação (Cise) da Terceira Idade João Nicolau Braido (Rua Humberto de Campos, nº 600, Bairro São José) e, após esse horário, retorna ao CEO, onde permanece até às 19h. Além disso, está presente em todos os mutirões da saúde.

Suzete vive com seu companheiro José Fernandes Silva há 31 anos. Seu filho, Rubens Alexandre Consulini, 29 anos, é radialista, formado pela Universidade Municipal de São Caetano do Sul, e ator pela Universidade de São Paulo. Atualmente está em cartaz no musical *Canto para Rinocerontes e Homens*. O enteado de Suzete, André Luis, está se formando tradutor intérprete, e Virgínia, sua mãe, vive lúcida aos 97 anos.

Quando a sua participação em atividades sociais, ela teve um consultório na Rua Visconde de Inhaúma, de 1977 a 2006, onde conciliava seu trabalho particular com as atividades na prefeitura. Nesse consultório, dedicava todas as quartas-feiras para atender crianças do Lar Irmão Alexandre. Atendia também a Pastoral da Criança da Igreja São Bento e, por um tempo, as crianças da Igreja Batista. A partir de 1997, durante a gestão do então prefeito, Luiz Olineto Tortorello, começou a fazer parte do Fundo Social de Solidariedade, onde permanece como voluntária até hoje. É uma das fundadoras do Lions Feminino, que possui também algumas atividades de caráter social. Como se considera extremamente agraciada pela vida, Dra. Suzete deixa evidente em suas ações que vive e é impulsionada por seu permanente estado de gratidão, oferecendo, assim, aos munícipes a oportunidade de um atendimento mais humanizado. **R**

Arquivo/Suzete Consulini



Recortes de jornais do ano de 1984 fazem referência à campanha na qual Dra. Suzete teve grande participação, cujo objetivo era levar para todas as crianças matriculadas nas escolas municipais infantis informações acerca da saúde bucal, por meio de palestras e atendimento aos mais necessitados

Leite, com a direção de Gildo Vasconcelos, tendo o número de funcionários ampliado de cinco para sete dentistas, os quais só atendiam até dez pacientes por plantão. Depois de criadas as Unidades Básicas de Saúde, o quadro foi aumentando gradativamente e hoje conta com cerca de 115 profissionais dedicados à odontologia na cidade.

Dra. Suzete Consulini é a atual coordenadora-geral de odontologia do município. No período da manhã, trabalha no Centro de Especialidades Odontológicas (CEO) Maria Domin-

TALITA SCOTÁ SALVATORI
É HISTORIADORA FORMADA PELO CENTRO UNIVERSITÁRIO FUNDAÇÃO SANTO ANDRÉ E COLABORADORA DA FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO CAETANO DO SUL.

UMA ESPANHOLA COM ALMA SUL-SÃO-CAETANENSE

Com sorriso no rosto e muita disposição, dona Juana Gregorio Preciado, 98 anos, recebeu a equipe da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, em 11 de março de 2016

Com disposição de sobra e paixão pelo trabalho que realiza há quase 50 anos no Hospital Beneficência Portuguesa de São Caetano do Sul, a técnica em raios X Juana Gregorio Preciado é uma daquelas pessoas que todo mundo quer ter na família. Os quase 99 anos de idade estão presentes apenas na idade cronológica e em seu RG. A biológica, no quesito disposição, é a mesma de uma mulher de 40 anos. De estatura baixa, forte sotaque espanhol e curioso gosto por corridas de carros, a simpática Juana tem um caso de amor com a vida e com a cidade que lhe acolheu de braços abertos. “Aqui me sinto em casa. Faço aulas de hidroginástica no clube da terceira idade (*Centro Integrado de Saúde e Educação*) e cursos no Fundo Social de Solidariedade. Tenho também todo o suporte de saúde e segurança”, observa agradecida.

Nascida em 29 de agosto de 1917, no município de Zarzalejo, província de Madri (Espanha), Juana se mudou para a capital espanhola com poucos meses de vida. O pai, Eugenio Gregorio, era azulejista e a mãe, Lucia Preciado, cuidava dos três filhos. Após o término da Primeira Guerra Mundial (1914 - 1918)¹, o tifo epidêmico levou à morte os pais da menina. A partir daí, sua criação e dos irmãos ficou sob a responsabilidade dos padrinhos. “Quando você perde a sua família, sempre é colocada em segundo plano. Mas eu fiquei bem e encarei isso numa boa”, recorda sem ressentimentos.

Na época, as escolas eram pequenas e com poucos alunos. Diariamente, a professora colocava Juana para sentar no fundo, posição que atrapalhava a visualização da lousa. Sem pensar duas vezes, ela pegava o banquinho e ia logo para frente. Essa atitude deixava a educadora brava e, como castigo, mandava a aluna para a casa. “Sempre fui rebelde”, lembra. Para entrar na linha, logo após a primeira comunhão, seus tutores a mandaram estudar nas Madres Carmelitas, no centro de Madri. Ao concluir o ginásio, a espanhola fez o curso de técnico em raios X

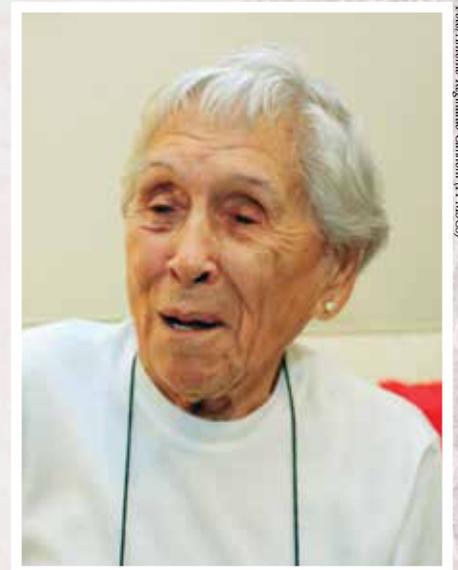


Foto: Antonio Reginaldo Carioni (FPMS/CS)

AOS 98 ANOS E AINDA EM ATIVIDADE, JUANA GREGORIO PRECIADO MOSTRA QUE DEDICAÇÃO E PREOCUPAÇÃO COM O BEM-ESTAR DOS PACIENTES CONDUZEM SUA EXISTÊNCIA



Arquivo Juana Gregorio Preciado

Seguindo a tradição espanhola, na Semana Santa, Juana Gregorio Preciado usava roupa preta para representar o luto. Foto dos anos 1940

durante três anos e se formou aos 20 anos de idade. No mesmo período, começou a Guerra Civil Espanhola (1936 - 1939)² e o hospital militar foi o primeiro trabalho de Juana. Ela fazia raios X das pessoas doentes e machucadas. “O que mais me marcou foi um médico alemão. Ele foi o único a ter coragem de operar um homem que havia sido baleado na cabeça e, com sucesso, salvou a vida dele”, recorda.

Novos rumos - Bailes faziam parte das atividades sociais das famílias daquela época. E Juana frequentava todos. Conheceu o espanhol Flaviano del Pozo Gomez, de Salamanca, em um fim de semana, e ficaram amigos. Os anos passaram e, assim que terminou a Segunda Guerra Mundial (1939 - 1945)³, os militares organizaram um evento para checar quem havia sobrevivido. Em função de seu pai ser da guarda civil, o moço estava lá e aconteceu o reencontro com a jovem. A partir daí, namoraram durante sete anos e casaram-se em 1948. Não demorou muito e nasceu,

em 17 de dezembro de 1951, o primeiro e único filho do casal, Jesus Eugenio del Pozo Gregorio.

Logo que engravidou e por questões de saúde, Juana parou de atender na parte de radiologia e passou a trabalhar em um consultório de dentista. A economia na Espanha, porém, não era nada animadora. Por conta dos estragos da guerra civil e do conflito mundial, não havia trabalho e nem comida. Insatisfeita com a situação e vizinha do Consulado do Brasil, em Madri, foi conversar com os responsáveis e falou sobre o interesse em mudar-se para o país. O único empecilho era a falta de dinheiro. Após atender aos pré-requisitos e garantir que não eram revolucionários comunistas, foi dada entrada à documentação e às passagens para o casal e o filho. “Meu marido foi muito resistente por não conhecermos ninguém no Brasil, mas estávamos muito mal lá”, comenta.

A história da imigração para o outro lado do Atlântico não para aqui. O destino cuidou de dar um empurrão antes da família embarcar. Enquanto aguardavam a aprovação do pedido, Gomez conheceu um casal que morava em São Caetano do Sul e estava a passeio na Espanha. Nasceu uma grande amizade e, assim que retornaram ao Brasil, enviaram uma carta para o consulado convidando a família para vir ao país. Em maio de 1952, Juana, o marido e o filho chegaram ao seu novo endereço, na Avenida Goiás.

Vida dedicada à saúde - Aos 35 anos, Juana queria ficar rica em terras brasileiras, dar uma vida confortável para o filho. Deixou tudo para trás, até mesmo seu certificado de técnica em raios X. Convidada para trabalhar no Serviço de Assistência Médica Domiciliar e de Urgência (Samdu), que ocupava parte do prédio onde hoje é o Hospital Beneficência Portuguesa de São Caetano do Sul, não conseguiu exercer a função pelo fato de não ter nenhum documento. Mas isso não foi motivo de desânimo. Fez a matrícula na Escola Técnica Radiológica ABC e se formou, pela segunda vez, em 1970. “A prova foi em uma escola na Praça da Sé. Fui bem em todas as etapas relacionadas aos raios X. O único problema foi em língua portuguesa, que tirei 6”, recorda bem-humorada.

Juana passou a trabalhar dia e noite. A dupla

jornada incluía uma clínica médica em São Bernardo do Campo, onde realizava exame admissional para ver se o trabalhador tinha tuberculose, e o plantão no Hospital Beneficência Portuguesa de São Caetano do Sul. “Trabalhei muito. Era praticamente sozinha. Os homens tinham vergonha e não faziam exame comigo. Aí, tinha de chamar um médico para acompanhar”, pontua. Enquanto se dedicava à saúde, o marido montou a Serralheria Artística F. del Pozo, na própria casa. Primeiro, na Rua Piauí, nº 724. Depois, no número 603, onde até hoje é a morada da família. Em 1976, Gomez descobriu um tumor na cabeça e precisou fazer uma cirurgia que, infelizmente, levou-o à morte. No mesmo ano, o filho se formou em educação física pela FEC, atual Faculdade Anhanguera, e jogou no time de basquete pelo município.

Cheia de boas histórias colecionadas ao longo de quase cinco décadas dedicadas ao Hospital Beneficência Portuguesa, Juana conta que uma, em particular, ficou na memória, porque lhe rendeu uma amizade especial. “Chegou um casal chileno e a mulher estava grávida. Como eles falavam castelhano, uma funcionária do hospital veio logo me procurar. Dei andamento ao atendimento e ficamos amigos. Eles tiveram três filhos e me visitam sempre que estão no Brasil”. Outro caso que se orgulha é relacionado a um paciente que havia quebrado o fêmur. “O médico plantonista queria liberá-lo. Aí, falei que ele não poderia fazer isso, pois era um crime. O paciente exigia cuidados especiais. Encaminhei a pessoa para o tratamento e fui imediatamente à diretoria falar que o tal médico irresponsável não podia ficar trabalhando ali”, explica.



Sempre alegre, dona Juana Gregorio Preciado comemora os 80 anos, em 1997, ao lado do filho, Jesus Eugenio del Pozo Gregorio, da nora, Yara Pedron del Pozo Gregorio, e das netas, Carolina e Camila Pedron del Pozo Gregorio



Há cinco anos, dona Juana Gregorio Preciado realiza trabalho voluntário no Hospital Beneficência Portuguesa de São Caetano do Sul e é responsável pelo arquivamento de fichas e exames

Aposentadoria apenas no papel - Tantos anos de experiência agregaram muito conhecimento à profissional. Por isso, era comum os médicos a consultarem para fazer a leitura e esclarecer dúvidas de raios X. Em 1998, aos 81 anos, Juana se aposentou. Mas a espanhola hiperativa não parou. Continuou a trabalhar e, há cinco anos, é voluntária na área de arquivamento de fichas e exames do hospital. “O diretor Antonio Rubira gosta muito de mim e reconhece meu trabalho. O hospital passou por crise e não tive coragem de sair, pois sabia que precisavam de mim”, observa.

Homenagens constantes fazem parte do seu dia a dia. É muito comum em um simples caminhar pela rua encontrar pacientes citando que dona Juana já fez raios X do filho, do neto e por aí vai. Além desse reconhecimento cotidiano, o trabalho dela ganhou destaque no evento de aniversário dos 50 anos da Beneficência Portuguesa.

Ao lado do filho, nora e netas, Juana leva uma vida ativa e tranquila. Um tombo que levou recentemente resultou em uma protrusão na coluna. “Antes, ela pegava o ônibus e ia sozinha para a praia”, relata o filho. Passado o período de recuperação, ela retomou a rotina e vai diariamente ao hospital cumprir com total dedicação sua função.

Toda essa disposição é reflexo de uma alimentação saudável – ela “só” tem diabetes, ressalta – e, principalmente, da paixão que tem pela profissão. Soma-se a isso o exemplo de vida que continua a dar, pertinho de chegar firme e forte ao centésimo aniversário. **(Ana Luísa Lage) R**

NOTAS

¹ Primeira Guerra Mundial (1914 - 1918) foi uma guerra global, centrada na Europa, com início em 28 de julho de 1914 e término em 11 de novembro de 1918. O conflito envolveu as grandes potências de todo o mundo.

² Guerra Civil Espanhola (1936 - 1939) foi um conflito bélico deflagrado após um fracassado golpe de estado de um setor do exército contra o governo da Segunda República Espanhola. O conflito teve início após um pronunciamento militar entre 17 e 18 de julho de 1936 e terminou em 1º de abril de 1939 com a vitória dos militares e a instauração de um regime de caráter fascista, liderado pelo general Francisco Franco.

³ Segunda Guerra Mundial (1939 - 1945) foi um conflito militar global, que envolveu a maioria das nações do mundo, organizadas em duas alianças militares opostas: os Aliados e o Eixo. Foi a guerra mais abrangente da história, com mais de 100 milhões de militares mobilizados.



Acrivo/Juana Gregorio Preciado

Após sete anos de namoro, em 14 de fevereiro de 1948, Juana Gregorio Preciado aceita o pedido de casamento do espanhol Flaviano del Pozo Gomez



Acrivo/Juana Gregorio Preciado

No quintal da residência da família, em São Caetano do Sul, dona Juana Gregorio Preciado, o marido, Flaviano del Pozo Gomez, e o filho, Jesus Eugenio del Pozo Gregorio. Foto da década de 1950

UM CORAÇÃO PARA MUITOS PACIENTES

INFLUENCIADA PELA AVÓ PARTEIRA, IDALINA FERRANTE DEBEUS TRANSFORMOU A PAIXÃO PELA ÁREA DA SAÚDE NO TRABALHO DESENVOLVIDO DURANTE 20 ANOS NO HOSPITAL BENEFICÊNCIA DE SÃO CAETANO DO SUL

Bisneta de Francesco De Martini, italiano da primeira leva de imigrantes a chegar a São Caetano do Sul, no ano de 1877, Idalina Ferrante Debeus faz jus a sua ascendência. Aos 83 anos de idade, é ativa, tem disposição e memória de dar inveja a qualquer mortal. Nascida em 28 de junho de 1932, na Rua Teodoro Sampaio, nº 608 – casa ao lado da sua atual residência -, estudou e se formou, casou, teve dois filhos e trabalhou por 20 anos como enfermeira no Hospital Beneficência Portuguesa de São Caetano do Sul. E foi lá que colecionou um número infindável de histórias que revelam sua grandeza como profissional e ser humano.

Filha de Ricardo Ferrante e Antonia De Martini, Idalina perdeu a mãe quando tinha apenas 9 meses de vida, por conta de uma pneumonia infecciosa. O pai, viúvo aos 32 anos, entregou cada filho – eram três - para os respectivos padrinhos criarem, como ditava a tradição, bem comum na época. Mas não demorou para as crianças retornarem ao convívio familiar.

“Minha madrinha casou e minha avó Maria Tim ficou responsável pela minha criação”. Entre as duas, nasceu uma relação que mudaria a vida da menina. “Ela era parteira e eu a acompanhava em todos os seus trabalhos”, recorda.



Foto/Antônio Reginaldo Canhoni (FPMSCS)

Tal convivência fez com que, cada vez mais, Idalina se interessasse pelo universo da saúde. Contudo, um hábito pouco comum entre as crianças, despertava a curiosidade da pequena e poderia causar estranheza em qualquer adulto. “Sempre que via taturanas, borboletas e insetos em geral corria para pegá-los e fazia um corte para ver o que tinha por dentro. Adorava fazer essas descobertas”, relata. Essa dissecação também a levaria para a área médica.

Tempo de estudo, trabalho e família - Os dois primeiros anos do ensino fundamental foram cursados no Instituto de Ensino de São Caetano do Sul. Em seguida, a estudante foi matri-

culada na escola da Cerâmica São Caetano. “O engenheiro Armando de Arruda Pereira trabalhava na Cerâmica e tinha uma casa onde hoje é o Espaço Verde Chico Mendes. Ele doou a propriedade para a Cerâmica estruturar um espaço dedicado à educação e fui estudar lá”, conta.

O tempo passou e, aos 13 anos, Idalina queria trabalhar. Mesmo sem idade para isso, tanto insistiu com o pai, que ele mesmo arrumou para a garota começar a trabalhar na fábrica de rádio Hillos. A partir daí, não parou mais. Quando completou 14 anos, foi trabalhar na Cerâmica São Caetano e se tornou responsável pela escolha dos ladrilhos. Como morava na Rua Niterói, nº 358, o local de trabalho ficava muito longe da residência. Por ser mais próxima de sua casa, foi contratada pela fábrica de Nelsko Linguanotto e, em seguida, foi para as Louças Cláudia, das Indústrias Reunidas Fábricas Matarazzo. “Eu separava a louça da família Matarazzo. Sempre que oferecia jantares, a condessa mandava produzir peças temáticas”, recorda.

Em meio às tarefas do emprego, Idalina aproveitava as horas vagas e fins de semana para sair com os amigos. Eles sempre se reuniam para bater papo nas proximidades da Rua

Teodoro Sampaio e, depois, iam à quermesse da Paróquia Nossa Senhora da Candelária. “Certo dia, comecei a olhar para um moço chamado Lorival Gilberto Debeus. Ele veio conversar comigo e marcamos para assistir a um filme no Cine Max, que ficava na Avenida Conde Francisco Matarazzo. O encontro deu início ao namoro, em 1948, e casamento, em 27 de maio de 1954”, relata, saudosa.

Mudanças - Toda a dedicação ao trabalho nas Louças Cláudia só foi interrompida com o nascimento, em 1956, do primeiro filho, Gilson Ferrante Debeus. Seis anos depois, nasceu Ivelise Ferrante Debeus. Contudo, a rotina doméstica não combinava com a personalidade forte e ativa de Idalina. “Não aguentava mais ficar em casa”, conta. Com os filhos crescidos e mais de 40 anos de idade, soube, por meio da cunhada, que a prefeitura iria oferecer um curso básico de enfermagem.

Sem pensar duas vezes, Idalina fez a inscrição. Na ocasião, aprendeu questões fundamentais como fazer curativos e aplicar injeções. Em seguida, fez aulas no Serviço Social da Indústria (Sesi) e um curso de dois anos no Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai). “Neste último, aprendi técnicas para

atender emergências em caso de falta de estrutura hospitalar”, relata.

Antes de concluir o curso, Idalina e as colegas de classe fizeram estágio de enfermagem no Hospital Beneficência Portuguesa de São Caetano do Sul. De tão dedicada e competente, foi convidada, em 1975, para continuar a exercer a função no local. Contudo, o marido era contra esse tipo de trabalho. “Ele achava que essa profissão não era coisa séria. A enfermeira-padrão conversou com ele e, após muita insistência, concordou em me deixar trabalhar, somente por dois anos, pois logo iria se aposentar e queria viajar. Mas continuei lá por 20 anos, até chegar à aposentadoria”, lembra.

Com o diploma em mãos, Idalina conquistou muitos pacientes e guarda na memória cada história que viveu, com detalhes. Uma, em particular, a emociona até hoje. Um rapaz de 15 anos foi diagnosticado com leucemia. A mãe, sempre presente durante o tratamento, que durou meses, saiu do quarto apenas um único momento para tomar um lanche. Durante esse breve período, o adolescente faleceu. “Foi muito triste”, conta entre lágrimas.

Situações imprevisíveis também faziam parte do dia



Formatura do estágio de enfermagem no Hospital Beneficência Portuguesa de São Caetano do Sul, em 1975. No alto e à direita, a formanda Idalina Ferrante Debeus. Em primeiro plano, da direita para a esquerda, professora Otilia, madre Nazaré, enfermeira Maria José, secretário do hospital Francisco e o presidente Rafael Talavera



Em 1975, grupo de formandas de enfermagem do Senai. Da esquerda para a direita, vemos: Maria José, Luzia, professora Otilia, Idalina, Raimunda, Lurdes e Angelina



Em comemoração ao Dia Internacional da Enfermagem, em 12 de maio de 1985, o Hospital São Caetano organizou evento para homenagear os profissionais da área. Na foto, Idalina Ferrante Debeus recebe presente das mãos da então enfermeira-chefe, Maria Elisa



Idalina Ferrante Debeus recebe, em 1988, diploma do curso de eletrocardiograma, organizado por profissionais do Hospital São Camilo

a dia. Um exemplo foi o caso de uma paciente internada para tirar uma calosidade do pé que enfartou logo após dar entrada no hospital. Por trabalhar na escala de 12 por 36 horas, atendia pessoas em todos os setores. Mas a área da maternidade foi a que mais lhe agradou. Não por acaso, claro. Contava, nesse sentido, a vivência com a avó parteira. “Era muito bonito ver as mulheres grávidas e acompanhar o nascimento dos bebês”, afirma.

A dedicação foi tanta que Idalina chegou a ser líder de plantão do hospital. Trabalhou com ilustres nomes da medicina sul-são-caetanense, como Abib João Kirche, Silvio Torres, Antonio Fernandes, José Raposo, Edson Raddi, José Roberto Xavier e Wilson Diogo Fernandes. Aposentada desde 1994, ela admite que a pro-

fissão, além de ajudar financeiramente, deu o reconhecimento e a satisfação de oferecer bem-estar às pessoas.

Engana-se quem pensa que, hoje, Idalina leva uma vida pacata. Ela gosta de bordar, costurar, assistir a jornais e novelas e viajar. Ama o mar e já morou durante dois anos no litoral. Diariamente, acorda às 7h e faz alongamento nas barras instaladas no próprio quarto. Com toda essa disposição, encara cada novo dia numa boa. Faz academia duas vezes por semana na Associação Desportiva (AD) São Caetano. O resultado é uma saúde de dar inveja aos jovens. Depois de ajudar a salvar muitas vidas, ela usufrui agora da tarefa de cuidar de si mesma. E dá exemplo. **(Difusão Cultural da Fundação Pró-Memória) R**

MEMÓRIA FOTOGRAFICA ESPECIAL



ENFERMEIRAS E DEMAIS FUNCIONÁRIAS DO HOSPITAL BENEFICÊNCIA PORTUGUESA DE SÃO CAETANO DO SUL, EM FOTO DO FINAL DA DÉCADA DE 1990. NA PARTE SUPERIOR, A PARTIR DA ESQUERDA, APARECEM: MARIA ELIZA, LOURDES, VANDA, IONE, CLÁUDIA, MARTA, IONE, MARIA JOSÉ, NEIDE E CÉLIA. NA PARTE INFERIOR, FORAM IDENTIFICADAS: MARIA AUGUSTA, JANE, NAZARÉ, CÉLIA, NADIR DE SOUZA ROCHA (A SEXTA, A PARTIR DA ESQUERDA) E AMÉLIA. A ENFERMEIRA NADIR TRABALHOU DURANTE QUASE 40 ANOS NO HOSPITAL. NASCIDA NO DIA 18 DE AGOSTO DE 1944, EXERCEU COM GRANDE DEDICAÇÃO A PROFISSÃO. MESMO DEPOIS DE SUA APOSENTADORIA, EM 1994, PERMANECU EM ATIVIDADE POR MAIS SETE ANOS. EMBORA RESIDA EM SÃO PAULO (VILA ALPINA), SUA VIDA CONTINUA VINCULADA A SÃO CAETANO. NADIR POSSUI TRÊS FILHAS: SANI, SELMA E TELMA

ACERVO/NADIR DE SOUZA ROCHA



FARMÁCIA DROGA NOVA, LOCALIZADA NO BAIRRO PROSPERIDADE, EM FOTO DE 1960. EM DESTAQUE, A FARMACÊUTICA DIVA CASSETARI GRASSI

ACERVO/FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO CAETANO DO SUL

FOTO TIRADA POR OCASIÃO DA CAMPANHA DE ATENDIMENTO DENTÁRIO GRATUITO, INICIATIVA DO SERVIÇO SOCIAL MUNICIPAL EM PARCERIA COM O SERVIÇO DENTÁRIO ESCOLAR DO ESTADO, DURANTE O SEGUNDO MANDATO DO PREFEITO HERMÓGENES WALTER BRAIDO (1973 - 1977). FORAM IDENTIFICADOS OS DENTISTAS JOÃO BOSCO REZENDE, WILSON GIAMPIETRO, CARLOS PAEZ E ARNALDO VIANA. NA IMAGEM, EM PRIMEIRO PLANO, TAMBÉM APARECE O PROFESSOR SCHIMIZU SIZUMA

ACERVO/FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO CAETANO DO SUL





ENFERMEIRAS DO HOSPITAL INFANTIL MÁRCIA BRAIDO AO LADO DO DR. ÂNGELO ANTENOR ZAMBOM, EM FOTO TIRADA DURANTE O PRIMEIRO MANDATO DE WALTER BRAIDO (1973 - 1977)

ACERVO/FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO CAETANO DO SUL

DR. JOSÉ LOURENÇO QUAGLIA, EM FOTO DE 2007. FORMADO PELA FACULDADE DE MEDICINA DE BOTUCATU, DA UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA (UNESP), ATUA NA ÁREA DE OTORRINOLARINGOLOGIA

CRÉDITO/OLHO CLÍNICO, SÃO CAETANO DO SUL, ANO XIX, N. 213, JUN. 2007, P. 6



DR. AILTON ARANTES FERRAZ DURANTE PALESTRA REALIZADA EM 1990. FORMADO PELA ESCOLA PAULISTA DE MEDICINA, CHEGOU À CIDADE EM 1963, APÓS ACEITAR CONVITE FEITO PELOS MÉDICOS RUDOLPH KRAUSS JR. E PEDRO PAULO GONÇALVES PARA ATUAR NO HOSPITAL SÃO CAETANO

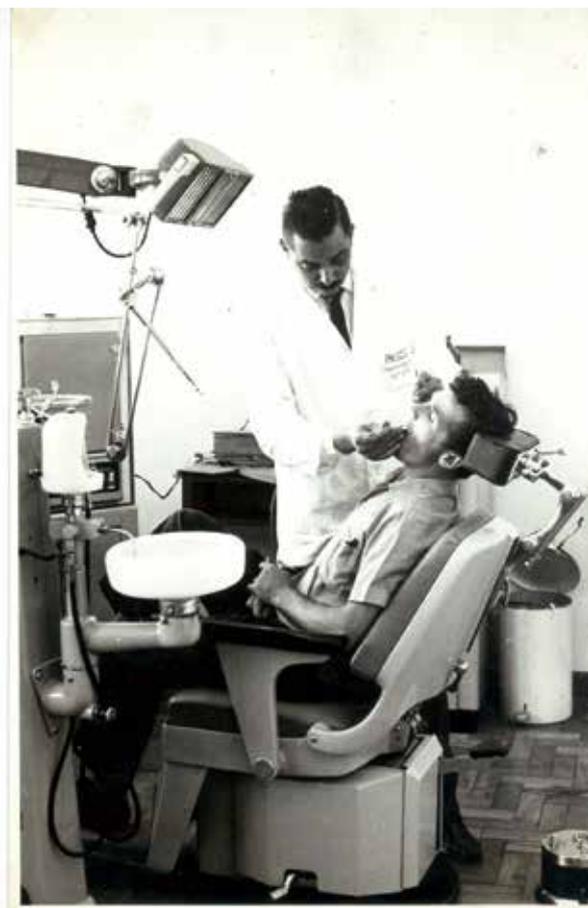
ACERVO/FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO CAETANO DO SUL



PROGRAMA MÉDICO DA FAMÍLIA, EM REGISTRO DE 1999

ACERVO/FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO CAETANO DO SUL

MEMÓRIA FOTOGRAFICA ESPECIAL



DR. ROBERTO G. PAULINI
PRESTANDO ATENDIMENTO.
FOI DENTISTA DO
PRONTO-SOCORRO
MUNICIPAL

*ACERVO/FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA
DE SÃO CAETANO DO SUL*

O FARMACÊUTICO LUIZ
EMILIANI, EM FOTO
TIRADA NA FARMÁCIA
MONTE ALEGRE

*ACERVO/FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA
DE SÃO CAETANO DO SUL*



MÉDICOS E AUTORIDADES OBSERVAM
NOVOS EQUIPAMENTOS NO
PRONTO-SOCORRO MUNICIPAL. FORAM
IDENTIFICADOS OS MÉDICOS ANTONIO
MENEZES DO BONFIM, ENTÃO DIRETOR
DA SAÚDE DO MUNICÍPIO (EM PRIMEIRO
PLANO, JUNTO AO APARELHO) E GILDO
VIEIRA RAMOS VASCONCELOS (ATRÁS,
O SEGUNDO, A PARTIR DA ESQUERDA).
SEBASTIÃO LAURIANO DOS SANTOS,
NA ÉPOCA, PRESIDENTE DA CÂMARA
MUNICIPAL (O PRIMEIRO, A PARTIR
DA ESQUERDA) E O ENTÃO VEREADOR
JÚLIO DE MELLO (O ÚLTIMO, A PARTIR
DA ESQUERDA) FORAM TAMBÉM
IDENTIFICADOS. FOTO TIRADA ENTRE 1973
E 1974, DURANTE A SEGUNDA GESTÃO DO
PREFEITO HERMÓGENES WALTER BRAIDO

ACERVO/FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO CAETANO DO SUL

Marília Tiveron

Da Polônia, Ucrânia e Bielorrússia a São Caetano do Sul:

a história da multiétnica família Szczupak



Conversar com Mario Szczupak (lê-se Zupaqui) sobre a trajetória de sua família envolve a Revolução Bolchevique, a perseguição dos nazistas aos judeus, a história da instalação e crescimento da comunidade judaica no Bairro do Bom Retiro, em São Paulo, mas, principalmente, ajuda a desvendar a vida da São Caetano dos anos 1950, quando seus pais aqui se instalaram. Apesar do clima de cidade do interior, o recém-criado município, na época, já possuía vida social própria, e a distância da capital paulista contribuía para o entrosamento dos moradores.

Suas lembranças passeiam pela vida comercial, artística e educacional local, fazem referência a famílias que aqui já não estão, a estabelecimentos que há muito fecharam as portas, a hábitos que não mais existem, e tudo isso apenas reforça a necessidade de deixar registrada essa história.

A relação atual dos Szczupak com São Caetano se restringe a uma sala comercial na Rua Manoel Coelho, a um apartamento alugado na Rua Espírito Santo e à figura de uma tia viúva não muito visitada. Contudo, depois de algumas horas ao lado de Mario Szczupak, é possível perceber que os pés seguiram por outros caminhos, ultrapassaram os limites territoriais, mas o coração continua atrelado à cidade. É a ele que a cabeça recorre

quando os olhos não encontram os lugares e as pessoas que fizeram parte de sua vida e que aqui não estão mais, seja porque mudaram seja porque morreram, ou ainda porque foram destruídos ou reformados, de tal modo que ficaram irreconhecíveis.

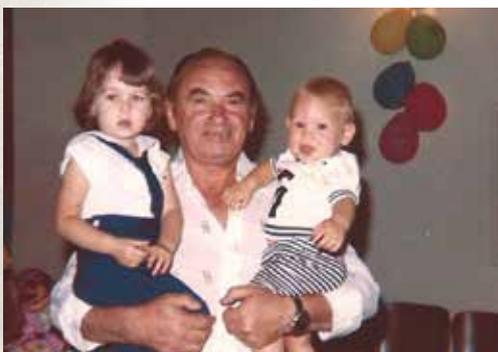
Esta reportagem também pretende contribuir para registrar e valorizar a pluralidade de correntes imigratórias que para cá vieram e que, ao lado dos migrantes, ajudaram a construir a história do município. Os italianos, sem dúvida alguma, tiveram relevante participação nessa trajetória – eles também estão entrelaçados à vida dos Szczupak -, contudo, é necessário que se reconheça, retrate e enalteça a presença dos espanhóis, japoneses, portugueses, judeus e de tantos outros povos que, no

Família Szczupak comemora aniversário de Bertha (sentada), no apartamento dela, localizado na Rua Espírito Santo, no Bairro Santo Antonio. Em pé, a partir da esquerda, estão: Rubens, Waldemar, Ângela e Mario. Foto de 2011, aproximadamente



Arquivo/Mario Szczupak

Sempre muito atencioso e carinhoso com os netos, Waldemar segura Juliana e Fábio no colo, durante festa de aniversário do menino, em novembro de 1981



Arquivo/Mario Szczupak

desespero da guerra ou no otimismo de uma vida melhor, escolheram essas terras para fincar suas raízes.

A primeira geração – Em 1939, a Europa estava em ebulição. As perseguições aos judeus já haviam começado e a Segunda Guerra Mundial estava prestes a ser declarada, quando Leone, avô paterno de Szczupak, embarcou da Polônia rumo a Salvador (Bahia), onde alguns parentes já o aguardavam, com o objetivo de juntar dinheiro para poder enviar o restante da família. Os dois filhos – Waldemar (pai de Mario, que, na verdade, se chamava Wolwa, mas adotou um nome mais brasileiro) e Jaime – vieram pouco tempo depois. O cerco estava se fechando, as restrições para deixar a Europa aumentavam e acredita-se que, por motivo de saúde, a avó de Szczupak não conseguiu subir no navio. Na Polônia, foi perseguida e morreu em um campo de concentração.

Contudo, a família não ficou unida durante muito tempo em terras brasileiras. O jeito severo e exigente do pai gerava conflitos com os filhos adolescentes, que, depois de um ano, seguiram para São Paulo, mais precisamente para o Bom Retiro, onde se estabeleceram na casa de parentes.

A história da família materna de Szczupak no Brasil também teve início em situação conflituosa. A avó Tuba vinha de uma grande e rica família ucraniana, com muitos irmãos. Contudo, durante a Revolução Bolchevique de 1917 - outro acontecimento marcante do século 20, assim como as guerras mundiais -, muitos de seus irmãos, que eram militares, foram mortos, de modo que seus pais decidiram mandá-la ao Brasil para recomeçar a vida ao lado de um único irmão, que, depois de breve passagem pela Argentina, havia se estabelecido em Santos, onde os navios aportavam (o que explica a grande quantidade de judeus na cidade à época).

Já seu avô Angelo, saiu da Bielorrússia e seguiu para os Estados Unidos. Após uma experiência malsucedida, da qual a família desconhece detalhes, veio para o Brasil e também se instalou em Santos. Por meio de amigos em comum, se conheceram, casaram e tiveram quatro filhos, entre eles, Bertha, a mãe de Szczupak. A família se sustentava com o dinheiro que o pai ganhava como mascate (vendedor ambulante). Em busca de melhores condições de vida, seguiram para a capital paulista e, como era habitual, se fixaram no Bairro do Bom Retiro, ao lado de outros compatriotas.

A segunda geração – Além da área comercial, o Bom Retiro também abrigava o salão de baile Progresso, onde ocorriam festas que reuniam, principalmente, membros da comunidade judaica. Era um momento de descontração, de alegria, após períodos difíceis e sofridos. Em uma dessas reuniões, em meio ao som alto e a danças agitadas, os pais de Szczupak se conheceram. O rosto gentil de Bertha logo encontrou a fisionomia sisuda de Waldemar, que abriu um raro sorriso. Era o início de uma história que duraria mais de 50 anos.

Em 1947, casaram-se. No ano seguinte, tiveram o primeiro filho, Mario, que nos narra

essa trajetória. Em 1949, nasceu Rubens. Por fim, em 1953, deram à luz Ângela, que nasceu quando a família já morava em São Caetano.

Antes deles, o irmão de Waldemar já havia se instalado no município, após ficar interessado em uma garota que aqui morava e seria sua futura esposa. O casamento de Jaime e Ida foi um dos poucos a serem realizados na sinagoga de São Caetano (Sociedade Religiosa Israelita). Localizada na Rua Pará, foi construída com apoio da comunidade judaica, e contém, até hoje, o nome de Jaime em suas paredes como um dos fundadores.

Pouco mais de um ano depois, Waldemar seguiu os passos do irmão e veio com a família. Juntos, abriram uma alfaiataria e começaram a mascatear. “Esse era o jeito mais fácil de atingir a periferia, porque o comércio daqui era bem incipiente, não tinha muito movimento, então você tinha de optar por essas alternativas. Depois, com o tempo, todo mundo foi montando loja e diminuindo a rua”, afirma Mario Szczupak, que lembra que o pai e o tio chegaram a mascatear ao lado de Samuel Klein, fundador das Casas Bahia e que iniciou a sua trajetória na cidade. E completa: “Quando chegamos, esses bairros de hoje - Vila Palmares (*Santo André*), Vila Barcelona, Santa Maria - eram todos descampados, era tudo aberto. Essa foi a época que São Caetano começou a se desenvolver, as famílias a crescer, e meu pai, com isso, conseguiu fortalecer o comércio dele”.

Depois da alfaiataria, situada em terreno que pertencia à família italiana Marinotti, que acabou se tornando amiga dos Szczupak, Waldemar e Jaime investiram em loja de calçado e roupa e, além da unidade no Centro, no terreno dos Marinotti, chegaram a abrir loja na Rua Conde Francisco Matarazzo, próxima à estação ferroviária de São Caetano, que, na época, segundo Szczupak, “fervia”. No final dos anos 1960, os irmãos se separaram comercialmente, mas Waldemar continuou atuando no ramo comercial e abriu a Casa de Móveis Novo Mundo (na verdade, Novo Mundo já era o nome da

alfaiataria montada pelos irmãos ao chegarem a São Caetano, a denominação foi alterada quando Waldemar iniciou a venda de móveis), na Rua Manoel Coelho, que sobreviveu por quase 40 anos, fechando as portas em 2003.

A terceira geração – E foi em uma cidade com clima de interior, com muitas ruas de terra, com uma vida comercial ainda em crescimento, que Waldemar e Bertha constituíram família. Mesmo tendo de se dividir entre estudos e trabalho na loja do pai, Mario, Rubens e Ângela arrumavam tempo para se divertir com os colegas: “Posso dizer que foi uma infância muito feliz, que se desenvolveu praticamente na rua, porque, naquela época, as crianças viviam ao ar livre: jogavam bola, empinavam papagaio, soltavam balão e jogavam bolinha de gude”, conta Mario.

As atividades extracurriculares também faziam parte do cotidiano das crianças: “No Instituto de Ensino, tinha o clube de aerodelismo. Eu frequentava o clube, que tinha um professor que fazia isso por amor, ele não era contratado para isso. Então, de manhã, tinha aula, e, à tarde, eu seguia para o clube de aerodelismo. Quando estudava no Ginásio do ABC, tinha uma professora que ensinava francês. À tarde, ela dava aula particular na casa dela, que era do lado da escola, também gratuitamente, por amor à profissão. Ela gostava de ensinar. Então, nós nos reuníamos lá umas duas, três vezes por semana. E, assim, tínhamos esse relacionamento em todos os lugares da cidade”.

O Tiro de Guerra, as fanfarras, a escola de escoteiros, o clube da GM (General Motors), a sinagoga, a quadra de futebol ao lado do templo, os eventos da Acascs (Associação Cultural e Artística de São Caetano do Sul), o Rotary e até mesmo as festas da igreja católica - apesar de não frequentarem, mas pelo pai ser muito amigo do padre - faziam parte da vida da família. Era um relacionamento social intenso, que permitiu aos garotos vivências em diferentes grupos, com diferentes pessoas, de diversas



Aerov/Mario Szczupak

Bertha e Waldemar posam para foto durante comemoração de suas bodas de ouro, em festa organizada pela família. O casal se uniu em 1947, em São Paulo, mas pouco tempo depois se instalou em São Caetano, onde constituíram família

nacionalidades, religiões e histórias de vida. Era um aprendizado humano muito rico, que trouxe não só conhecimento, mas respeito, tolerância e amizades.

Em 1977, Szczupak casou e mudou para São Paulo. Dois anos depois, foi a vez de Ângela. Rubens ainda ficou com os pais durante um tempo, até que a comodidade em morar próximo ao trabalho, em São Bernardo, o fez optar pela mudança. E é nesse momento que surge uma nova tradição na família Szczupak: os almoços de sábado. Como uma boa *fi-diche mame*, que põe os filhos ‘debaixo da asa’, que é superprotetora e participativa, Bertha fazia questão de reunir todos os filhos e netos uma vez por semana, e assim ocorreu até a sua morte, em agosto do ano passado.

Além da alegria de se reunirem, havia outra questão que atraía todo mundo: os dotes culinários de Bertha. “Ela fazia comida caseirinha. Acho que, por minha avó sempre ter sido dona de casa, tinha um capricho a mais na cozinha, a comida dela sempre foi boa. Simples e boa: arroz, feijão, bife à milanesa e o famoso bolinho de espinafre”, conta com água na boca a neta Juliana, segunda filha de Szczupak. Um típico prato judaico, uma espécie de patê, que mistura ovo e cebola, também era feito com maestria pela matriarca.

Szczupak afirma que os pais dedicaram a vida à família, mas reconhece que Bertha era “o centro de tudo”. “Minha mãe ficava na loja, cuidava da casa e administrava os assuntos referentes à nossa escola, tudo era com ela. Se tínhamos de comprar roupa, recorriamos a ela, na verdade, se precisássemos comprar qualquer coisa, minha mãe cuidava disso.”

A quarta geração – No caso de Mario Szczupak, havia ainda mais uma razão que tornava as reuniões familiares de sábado especiais. Em 2000, ele se separou da esposa. Os filhos – Juliana e Gustavo – foram morar com a mãe. “Então, era mais um motivo para encontrarmos todo mundo, ver os sobrinhos, meus irmãos e meus pais.” Além deles, Szczupak também tem uma filha mais velha, Márcia, fruto de um relacionamento anterior, que mora em Jundiáí.

Desta forma, depois de seguirem suas vidas longe de São Caetano (Rubens se aposentou e continua morando em São Bernardo, já Ângela segue vivendo em São Paulo, ao lado do marido, Alberto Hofnik, e de seus três filhos: Fábio, Rodrigo e Thais), ninguém mais pensa em retornar. Após a morte de Waldemar e Bertha, as reuniões de sábado cessaram. A família continua se encontrando em situações pontuais. A quinta geração dos Szczupak está crescendo. Juliana tem dois filhos, e Rodrigo, cinco.

E, assim, para sempre, as raízes de Waldemar e Bertha estarão fincadas na cidade que tanto adoravam, apesar das ramificações terem se estendido para além do município. E, quando crescerem, os filhos de Juliana, os de Rodrigo e as futuras gerações poderão buscar neste artigo uma parte importante de sua origem e história, assim como Mario, Ângela e Rubens e seus filhos, que encontrarão nestas páginas as boas lembranças dessa época e que poderão reviver, por mais uma vez, o gosto do famoso bolinho de espinafre de dona Bertha. **R**

MARÍLIA TIVERON

É JORNALISTA, FORMADA PELA UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO, E PÓS-GRADUANDA EM MBA EM BENS CULTURAIS: CULTURA, ECONOMIA E GESTÃO PELA FACULDADE GETÚLIO VARGAS. É COLABORADORA DA FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO CAETANO DO SUL.



Aerov/Mario Szczupak

Em 2011, Márcia Cristina M. Szczupak, filha mais velha de Mario, reuniu a família e os amigos para celebrar mais um ano de vida, em sua casa, em Jundiáí. Em pé, a partir da esquerda, estão: Rosália Susana Moraes Moraes Szczupak (atual esposa de Mario), Mario, Márcia, Rubens e Ângela. Sentados, da esquerda para direita, observam-se: Waldemar, Bertha e Alberto (marido de Ângela)

José Filippo Vermiglio

Família Vermiglio:

uma história de trabalho e união

A história de imigração da família Vermiglio começa como a de muitas outras pessoas que deixaram sua terra natal em busca de um futuro melhor para os filhos e netos que um dia chegariam. Este relato não é mais bonito nem melhor do que muitos outros que já passaram por esta revista. Porém, acreditamos que, compartilhando um pouco de nossas vidas, podemos encontrar respostas e sanar dúvidas sobre o modo como se vivia há décadas e registrar, em papel, a vida de homens e mulheres dignos de exemplo. As pessoas se vão e as histórias ficam – e nelas os que se foram são eternizados.

Devido aos grandes problemas econômicos enfrentados pela Europa na década de 1950 (afinal, a Segunda Guerra Mundial [1939-1945] havia acabado há pouco tempo e todos os países do continente estavam em reconstrução), Faro Vermiglio e sua esposa, Rosaria Trupiano Vermiglio, depararam-se com um grande impasse, o qual muitas famílias da pequena Balestrate, comuna italiana na região da Sicília, também tiveram de enfrentar. “Nossa vida no campo está complicada. Está difícil sustentar toda a família,

e as crianças estão crescendo. O que podemos fazer para o bem do futuro deles?”. Movidos por esta questão, decidiram que o melhor seria tentar uma vida nova em outro país.

Antes da partida, Faro e Rosaria optaram por enviar na frente um dos três filhos do casal. O primogênito, Andrea Vermiglio, tinha compromissos a resolver na Itália e não poderia partir imediatamente. Então, o casal decidiu mandar o segundo filho, Antonino Vermiglio, que veio ao Brasil com boa parte das economias da família. A escolha do país não foi por acaso. Como a situação estava difícil, optaram por um lugar no qual a burocracia documental era mais simples. A vontade de começar uma nova vida era tanta que a família Vermiglio vendeu a residência em que vivia, passando a morar em uma menor, para poder pagar as contas desta viagem, que seria o marco inicial de outras que estariam por vir.

Antonino desembarcou em Santos em 1953, aos 20 anos de idade, sem conhecer nada nem ninguém. Encontrou um



Acervo/José Filippo Vermiglio

Filippo Vermiglio, então com 7 anos, entre seus pais, Rosaria Trupiano Vermiglio e Faro Vermiglio, em foto de 1947

italiano que lhe disse: “Vai para São Paulo, pois lá tem muito emprego”. E assim o fez. Chegou ao Estado, especificamente a São Caetano do Sul, apenas com o endereço de um barbeiro nas mãos. Este lhe indicou um quartinho, que dividia com outras pessoas em situação similar. Antonino passou a procurar emprego e tentar preparar o caminho para os seus entes queridos que haviam ficado na amada Itália.

Enquanto isso, Andrea Vermiglio terminava o Exército, após servir por um ano. Pensando na situação em que ainda se encontravam e no irmão mais novo que se fora à procura de um futuro melhor, Andrea resolveu também vir para o Brasil encontrar o irmão para juntos garantirem melhores condições aos seus pais e ao irmão caçula que ainda estavam na Itália.

Andrea Vermiglio chegou ao Brasil entre julho e agosto de 1954, encontrou-se com Antonino em São Caetano do Sul, onde também arrumou emprego. Juntos, procuraram um novo lugar onde pudessem acomodar seus pais e o irmão Filippo Vermiglio.

Depois de alguma procura, os irmãos alugaram dois cômodos, onde montaram um quarto, uma cozinha, mas não tinham banheiro privativo (que era compartilhado com outros inquilinos da pequena pensão). Mobiliaram o pequeno espaço da melhor forma possível para receber o restante da família. O endereço era na Rua Maranhão, nº 856, em frente à fábrica de chocolates PAN, que ainda ocupa o mesmo local.

Com tudo minimamente pronto, Faro e Rosária recebem a tão esperada carta de seus filhos, dizendo que eles poderiam vir ao Brasil

após um ano de preparativos. Em 1º de outubro de 1954, Faro Vermiglio, Rosaria Trupiano Vermiglio e o caçula, Filippo Vermiglio, então com 14 anos, desembarcaram no país, deixando para trás a saudade da terra onde cresceram, trabalharam e vivenciaram muitas alegrias e tristezas.

O país era outro, a cultura e a língua eram muito diferentes, e ali os Vermiglios começaram, com muita luta, trabalho, conquistas, perdas e ganhos – todos os desafios que uma vida oferece.

Filippo Vermiglio - A história do caçula dos três irmãos é particularmente emblemática para se contar a saga da família, portanto, de agora em diante, focaremos em sua trajetória. Filippo Vermiglio veio da Itália com o ofício de sapateiro. Desde os 6 anos, já dividia seu tempo entre a escola e o aprendizado na sapataria de seu primo, na Sicília. Como não sabia falar português, começou a trabalhar na sapataria de um primo, em São Paulo, e, após alguns meses, mudou para uma sapataria em São Caetano do Sul, na Rua Floriano Peixoto, mostrando-se um exímio profissional.

Ainda morando na pensão da Rua Maranhão, perdeu seu pai devido a uma doença grave. Com pouco dinheiro, Filippo Vermiglio tornou-se um trabalhador incansável, procurando ajudar os irmãos

e a mãe, com um único objetivo: proporcionar a todos mais conforto. Quando não estava consertando sapatos, ajudava os irmãos na construção de suas casas nos terrenos comprados na Vila Califórnia, em São Paulo, fazendo serviços de pedreiro, encanador, eletricista e pintor, ou seja,

Parte da família Vermiglio, em registro de 1952. A partir da esquerda, vemos: Rosaria Trupiano Vermiglio, Faro Vermiglio, Filippo Vermiglio e Andrea Vermiglio



Acerca/José Filippo Vermiglio

O casamento de Filippo Vermiglio e Maria Amador Vermiglio aconteceu em 19 de dezembro de 1964

tudo o que era necessário. Quando um deles tinha dificuldades, os outros irmãos sempre estavam lá para amparar, unidos e com muito amor, como deve ser uma família.

Em 1959, passeando pela Praça da Riqueza, no Bairro Prosperidade, conheceu Maria Amador, que tinha 14 anos. Uma *signorina* linda (como ele próprio dizia), de cabelos longos e olhos com um brilho singular, que viria a se tornar sua esposa. Casaram-se em 1964 e tiveram dois filhos: Epifanio André Vermiglio e José Filippo Vermiglio.

Tudo sempre foi difícil, pois, naquela época, em São Caetano do Sul, havia muitos sapateiros, mas Filippo Vermiglio sempre foi um trabalhador dedicado. Juntou dinheiro e construiu uma casa na Vila Califórnia entretanto em 1973, mudou-se para São Caetano Sul, na esquina das ruas Afonso Pena e Marechal Deodoro. Uma casa simples que, após ter sido reformada, tornou-se não só seu lar como também seu local de trabalho, pois ele transformou uma das garagens de sua residência na Sapataria Itália. A mudança permitiu que ele economizasse e, o mais importante, que ficasse próximo à família.

Filippo Vermiglio e Maria Amador Vermiglio conseguiram dar educação e estudo aos filhos, que cresceram brincando juntos. A união fraternal perdurou até a época de adultos, quando reconstruíram a casa para acomodar as famílias que estavam se formando. A construção foi feita com as próprias mãos, em processo de mutirão. Depois do expediente, os irmãos, o pai e os familiares passavam o resto do tempo livre ajudando a edificar as casas. Foram cinco anos de trabalho duro, mas que valeram a pena.

José Filippo Vermiglio lembra-se de um momento, durante esse processo, quando estava carregando uma lata de areia e passou pelo cômodo que seria sua sala, e pensou: “Um dia, vou estar aqui assistindo à televisão”. Hoje, quan-

do está no conforto de seu lar, recorda-se daquele garoto carregando a lata de areia. Os membros da família Vermiglio sempre se ajudaram e fazem o possível para passar o Natal e o Ano Novo juntos, com amigo-secreto, bagunças e tarantelas.

Os anos passaram e a idade chegou para o patriarca Filippo Vermiglio. Aos 75 anos, a doença de seu pai veio ao seu encontro, mas nem isso o abalou e ele continuou a trabalhar até o último dia de sua vida, vindo a falecer em novembro de 2015, após complicações de uma cirurgia. Mesmo após seu falecimento, seus filhos, noras e cinco netos se reúnem, sempre que possível, aos domingos, e almoçam no estilo de uma tradicional família italiana. Têm a mesa dos casados, a mesinha dos solteiros, muita conversa e, por que não dizer, bastante gritaria e brincadeira.

Olhando para trás, a família vê na vida de Filippo Vermiglio um exemplo de retidão de caráter e atitude positiva perante às dificuldades, quaisquer que fossem. Admiramos sua dedicação, esforço e, o mais importante, o amor pela família. **R**



Aerono/José Filippo Vermiglio

Celebração do Natal em 1980. Na imagem, aparecem: Antonino Vermiglio, Filippo Vermiglio, Rosaria Trupiano Vermiglio, Andrea Vermiglio e Maria Angela Vermiglio



Aerono/José Filippo Vermiglio



Filippo Vermiglio em sua Sapataria Itália. Foto de setembro de 2011

Aerono/José Filippo Vermiglio



Aerono/José Filippo Vermiglio

O casal Filippo Vermiglio e Maria Amador Vermiglio posam para a foto com os filhos: José Filippo Vermiglio (à esquerda) e Epifanio André Vermiglio. Foto de setembro de 2015

JOSÉ FILIPPO VERMIGLIO
É FILHO DE FILIPPO VERMIGLIO E COLECIONADOR DE RELÍQUIAS.

Moacir Ricci

Fachada da Associação Desportiva Classista General Motors de São Caetano do Sul, em foto de dezembro de 2015

Eu, o clube e a lembrança que fica

Acervo/Moacir Ricci

Ao aproximar-se o término das atividades da Associação Desportiva Classista General Motors de São Caetano do Sul (ADCGMSCS)¹, anteriormente chamada de General Motors Esporte Clube, e que eu, carinhosamente, chamo de “clube”, busquei, na minha memória, descrever aquilo que representou, para mim, essa magnífica convivência.

Frequentava o clube há pelo menos 70 anos. Sua fundação ocorreu em 20 de novembro de 1935. Comecei ainda jovem, conduzido pelos meus pais, que me levavam ao local para brincar no espaço reservado para crianças, hoje *playground*, e também aos bailes carnavalescos infantis.

O tempo passava e eu aproveitava outras importantes atrações do clube: o *General Mirim* (programa musical infantojuvenil), apresentado todos os domingos, e os jogos de futebol, de times que revelaram vários atletas - aqui destaque o Luiz Pereira (Chevrolet). Acompanhava com muito

prazer as atividades do Grupo de Escoteiros João Ramalho, destacando a participação dos colegas e amigos Roberto Castillo e Sergio Dal Poggetto.

Inesquecíveis as gincanas anuais que eram realizadas na faixa lateral de toda a extensão do campo de futebol, e as atividades culturais, com a presença dos *Periquitos em Revista*, equipe de patinadores da Sociedade Esportiva Palmeiras com extraordinária performance. Além dos importantes jogos de basquete e vôlei, e dos grupos de bocha, boliche, malha, xadrez, damas, dominó, pingue-pongue (hoje tênis de mesa), etc.

Em outubro de 1967, tornei-me funcionário da General Motors do Brasil, ocasião que marcou a realização de mais um sonho: o de obter a carteirinha de associado do clube. Posteriormente, convidado pela diretoria da empresa, tornei-me conselheiro, cargo que ocupei por vários anos.

Passsei a integrar atividades que mesclavam clube e fábrica, como o almoço diário no restaurante da associação, montado para atender os novos funcionários do projeto para a fabricação do Opla, primeiro automóvel da nova geração, produzido pela General Motors do Brasil; várias participações no programa *Qualidade de Vida no Trabalho* e na *Olimpíada da Qualidade*; a entrega de presentes para os filhos de funcionários por ocasião do Natal; além de cursos, preleções e exposições, tudo realizado no interior do clube.

O clube crescia. Alterações foram executadas nas quadras esportivas, o ginásio foi coberto,

quadras de tênis foram inauguradas, com a presença de Joseph J. Sanchez (presidente da GMB entre 1977 e 1982). Lembro-me, ainda, da demolição do salão de baile para a construção do complexo de jogos, que abrigaria áreas para a prática de boliche, bocha e malha, além de um magnífico salão para a exposição de troféus conquistados pelas equipes do clube.

Com o passar dos anos, a diversificação de atividades esportivas, culturais e recreativas aumentava, proporcionando aos associados um enorme prazer em comparecer ao clube. O futebol de salão ocupou destaque nacional por vários anos.

O uso das churrasqueiras e as atividades promovidas nas áreas de ginástica, na piscina e no novo salão de festas garantiam o sucesso projetado no passado. Associados e comunidade foram, por muitos anos, buscar água potável no clube, retirada do subsolo, para uso doméstico.

Na memória ficaram também os tradicionais e famosos bailes de Carnaval, os bailes do Havaí, os saraus na beira da piscina, as festas juninas ricamente ornamentadas e dirigidas, a exposição de presépios, as mostras de arte de peças de porcelana pintadas e curadas em fogo, enfim, momentos de enorme deleite para os frequentadores. Ênfase as atividades do Clube dos 30, que promovia o conagraçamento de funcionários que atingiram 30 anos de trabalho na General Motors do Brasil.

Uma ótima ideia colocada em prática e com tremendo sucesso foi o Coral ADCGMSCS. Além de apresentações variadas, por meio de convites realizados por inúmeras comunidades, pro-

movia anualmente, na sede do clube, um encontro de corais. Há ainda outras inúmeras atividades, não citadas, que também merecem destaque especial.

A partir de junho de 2002, com minha aposentadoria, iniciei uma nova participação no clube, agora na condição de sócio vitalício. Compareci, com ex-colegas e atuais funcionários da Engenharia de Produtos da GM, em almoços mensais do grupo EPAMIGOS, realizados no restaurante interno Bonneville, com atendimento ao público em geral.

Finalmente, ao concluir, desejo cumprimentar e agradecer os fundadores, diretores, conselheiros, associados e funcionários. Todos os que ajudaram no crescimento e glória do clube e, para tanto, recorro, mais uma vez, à memória para destacar dois dos mais entusiastas dirigentes da entidade: André Beer e Leonardo Sperate (falecido em 1984). **R**

O clube crescia. Alterações foram executadas nas quadras esportivas, o ginásio foi coberto, quadras de tênis foram inauguradas (...)

Lembro-me, ainda, da demolição do salão de baile para a construção do complexo de jogos, que abrigaria áreas para a prática de boliche, bocha e malha, além de um magnífico salão para a exposição de troféus conquistados pelas equipes do clube.



Acervo/Moacir Ricci

NOTA

¹ A Associação Desportiva Classista General Motors de São Caetano do Sul encerrou suas atividades no dia 31 de janeiro de 2016. Todas as atividades, entre práticas esportivas, culturais e sociais, passaram a se concentrar no clube de campo, no Riacho Grande, em São Bernardo do Campo.

MOACIR RICCI

É ADMINISTRADOR DE EMPRESAS, APOSENTADO PELA GENERAL MOTORS DO BRASIL APÓS 34 ANOS DE SERVIÇO. ATUALMENTE É DIRETOR DA EMPRESA MOGNO SERVIÇOS DE APOIO ADMINISTRATIVOS.

Moacir Ricci no interior da ADCGMSCS, em dezembro de 2015

Paróquia São Bento:



há 50 anos adaptando-se
sem perder a essência

Ninguém procure aquilo que julgue útil para si, mas, principalmente, o que é bom para o outro, ponham em ação de forma desinteressada a caridade fraterna. (São Bento)

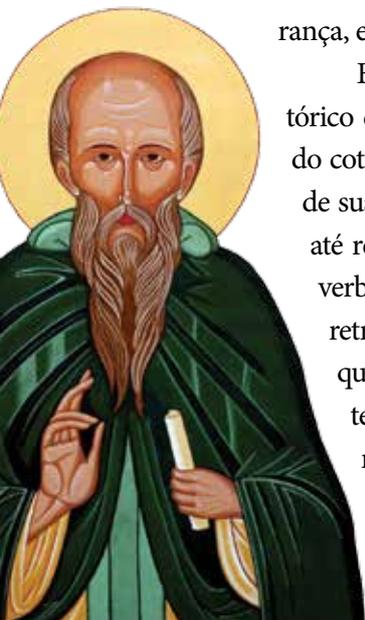
O que parecia ser uma leitura burocrática, de procedimentos administrativos e atos religiosos, serviços pastorais, visitas recebidas, procissões e peregrinações, com descrições de missas, batizados, primeiras eucaristias, crismas, cursos de noivos, bênçãos, retiros e vigílias se transformou em documento primordial para o entendimento da vida religiosa (e, por que não, social) de uma determinada comunidade, de sua fé, perseverança, envolvimento e acolhida.

E mais. Mostrou ser um documento histórico de extrema relevância tanto pelo relato do cotidiano daquela igreja (ao informar desde sua inauguração, substituição de párocos, até reformas concluídas, eventos realizados, verbas angariadas – servindo, assim, como retrato da vida financeira da paróquia) quanto por estar em consonância com seu tempo e, por isso, deixar registrados fatos nacionais e mundiais marcantes.

O livro de tomo de uma igreja também muito pode dizer sobre o município no qual o templo encontra-se instalado, servir de pequena amostra daquela determinada religião e de instrumento sociológico referente às mazelas e vícios do ser humano, mas também sobre sua sabedoria, crença e bondade.

São diversos olhares e perspectivas pelos quais pode ser lido, analisado e pensado e todos eles nos ajudam a retratar e compreender como foram os 50 anos da Paróquia São Bento em São Caetano do Sul, celebrados em 2016, e quem são seus principais atores. Utilizando-o como base primordial, aliado a depoimentos de paroquianos, este artigo pretende não só retratar a história da igreja, enquanto instituição, mas também revelar algumas das pessoas que estão por trás dela e que ajudaram a construí-la.

História – Filho de uma rica família, Bento nasceu em 480, em Nórchia, comuna italiana da região da Úmbria, província de Perugia, próxima a Roma,



para onde rumou a fim de estudar ciências liberais. Era uma época de muitos conflitos, na qual o Império Romano buscava desesperadamente manter seu poderio frente às invasões bárbaras. Desiludido diante desse cenário, a exemplo de outros eremitas, Bento optou por se retirar às montanhas e manter-se isolado em uma gruta, dedicando-se à oração. Durante os três anos que lá esteve, seu estilo de vida inspirou outros jovens que desejavam cultivar valores espirituais. Essa experiência começou, então, a ser amadurecida dentro dele, e, motivado pelas Regras de São Pacômio e de São Basílio – base da vida monástica do Oriente, que já contava com uma tradição a respeito -, teve a ideia de fundar um mosteiro, ainda pouco conhecido no Ocidente. Assim, surge o Mosteiro de Monte Cassino, que seria o berço da Ordem dos Beneditinos, a partir do lema *Ora et Labora* (Reza e Trabalha, em português).

Diferentemente dos passos que seguiu até então, Bento acreditava que a vida comunitária, e não a solitária, deveria ser seguida, pois o convívio fraterno completaria o equilíbrio psicológico, o que facilitaria a vivência da Regra de São Bento, conjunto de normas escritas por ele para a vida a

serviço de Deus a fim de formar cristãos perfeitos a partir dos ensinamentos de Jesus e da prática dos mandamentos. Mais de 12 mosteiros foram fundados por Bento ao longo da história, tornando-se centros de referência da Igreja Católica e faróis de evangelização, formando homens de grande ciência e santidade. Duzentos anos mais tarde, a Regra Beneditina já vigorava em toda a Europa Ocidental. Um ponto importante que ajuda a explicar seu sucesso é atribuído ao equilíbrio e moderação da Regra, aplicada e moldada segundo a capacidade e limitação de cada um, dosando trabalho manual, repouso, oração e estudo. A poucos quilômetros do Monte Cassino, Santa Escolástica, irmã de São Bento, adotou a Regra para as mulheres, dando origem às monjas beneditinas.

Após sua morte, em 547, a imagem e figura de São Bento propagou-se ainda mais, ultrapassando o campo religioso e atingindo as artes e a literatura, e o fez receber o título de padroeiro da Europa. Atualmente todo 11 de julho é comemorado o Dia de São Bento.

Além de sua imagem, esse santo também ficou conhecido pela medalha, um de seus maiores

símbolos e heranças. As primeiras medalhas foram confeccionadas dentro do Mosteiro de Monte Cassino e carregam a cruz, muito usada por Bento em diversas situações de sua vida. O acessório asseguraria poderoso socorro contra as ciladas do demônio àqueles que o usam e concessão de graças espirituais, com vitória contra as tentações e inimizades. Contudo, a insígnia não é um “amuleto da sorte”, o efeito da medalha de São Bento dependeria em grande parte das disposições da pessoa para com Deus. Em 1942, o papa Clemente XIV

Procissão solene de entronização da imagem de São Bento, em 24 de março de 1963. A procissão partiu do Hospital Beneficência Portuguesa de São Caetano do Sul, acompanhada por um grande número de fiéis e irmandades. A cerimônia teve como paraninfos o casal Arnaldo Rodrigues Reis e Izaura Rosa de Jesus



Arquivo/Fundação Pro-Memória de São Caetano do Sul

aprovou o uso da medalha, oficializando-a como instrumento de adoração e devoção de fé.

São Bento em São Caetano - Como não poderia ser diferente, em um país até recentemente muito marcado pelo catolicismo (são, atualmente, 123 milhões de fiéis, segundo o Censo 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), São Bento logo ganhou adoradores e mosteiros no Brasil. Um dos mais conhecidos é o de São Paulo, transformado em cartão-postal da cidade, fundado em 14 de julho de 1598 pelo frei Mauro Teixeira.

Em São Caetano, que concentra a maior proporção de adeptos do catolicismo no Grande ABC - 66,3% da população, o que corresponde a 98,9 mil pessoas -, de acordo com o censo citado, essa história teve início na década de 1960, mais precisamente, em 15 de fevereiro de 1966, quando foi criada a Paróquia São Bento, na confluência da Avenida Paraíso com as ruas Antônio Carlos Canovas e Bom Pastor, no Bairro Olímpico. A escolha do padroeiro São Bento foi fruto da história da própria cidade, que teve a presença dos monges beneditinos em sua constituição.

A nomeação do primeiro vigário ecônomo, padre Lúcio Gomes Lopes, ocorreu em 5 de março do mesmo ano. Atualmente o padre Alexandre Costa Santos está à frente da igreja. Contudo, vale ressaltar que em 3 de junho de 1962 foi celebrada a primeira missa campal pelo padre Lúcio e, em 8 de dezembro de 1963, fundada a Associação Assistencial Católica São Bento, com a presença de 45 leigos, com o objetivo de construir a igreja e prestar assistência às famílias pobres, especialmente aos jovens e às crianças. A dissolução dessa associação ocorreria 24 anos depois.

O primeiro lote para a construção da Paróquia São Bento foi comprado por Cândido Campos Lopes. Outros dois lotes foram adquiridos pela comissão de leigos. Inicialmente, a construção, que possuía cinco metros de frente por oito de fundo,

contava apenas com a imagem de São Bento, esculpida em madeira por Joaquim Ferreira Esteves, artista local. Pouco tempo depois, uma segunda capela foi construída em substituição à primeira, que se localizava onde hoje se encontra a cozinha do salão paroquial. As obras se fizeram necessárias por conta do aumento do número de paroquianos. A segunda capela localizava-se onde hoje está o prédio da casa paroquial. Em 18 de novembro de 1973, Dom Jorge Marcos de Oliveira, primeiro bispo da Diocese de Santo André, deu a bênção da pedra fundamental da nova e atual paróquia, cuja construção iniciou-se ainda nesse ano, graças às contribuições mensais de 780 famílias. As obras levaram mais de dez anos para serem totalmente concluídas, e, nesse período, a igreja também pôde contar com apoio da Prefeitura Municipal, de ajuda do exterior e de campanhas beneficentes.

De lá até os dias atuais, muitas reformas foram realizadas para atender aos desejos da comunidade a fim de melhorar as instalações da paróquia e de seu entorno. Em abril de 2002, a igreja foi atingida por um forte vendaval, que causou seu destelhamento - atingindo a casa paroquial e residências vizinhas - e comprometeu a realização das atividades. Foi lançada, então, uma campanha para a sua reconstrução, que, graças à união dos paroquianos, obteve êxito. Uma das últimas citações sobre o assunto refere-se à aquisição de uma casa, na Rua Bom Pastor, nº 1.238, em outubro de 2008, para instalação do centro de formação catequética. No ano seguinte, iniciou-se uma campanha de doações, que terminou em julho de 2010, com a realização de sorteios de brindes aos benfeitores e entrega de medalhas comemorativas a todos que colaboraram.

Também vale ressaltar o dia 8 de maio de 2005, quando foi inaugurada a Praça Dom Jorge Marcos de Oliveira, onde está localizada a igreja. Nesse dia, houve o descerramento de placa comemorativa e a inauguração de um busto em bronze de Dom Jorge (1915 - 1989) e do campanário,



Foto/Antonio Reginaldo Canhoni (FPMSCS)



composto por três torres de concreto, onde estão localizados oito sinos. Por conta do evento, uma missa foi celebrada pelo padre Roberto Alves Marangon. O pedido de reforma da praça era desejo antigo da comunidade e havia sido oficializado por decreto dois anos antes.

Períodos marcantes - Nesse percurso de 50 anos, muitas outras datas se destacam pela importância, nos ajudando a compreender a trajetória da Paróquia São Bento. Em 1989, o padre Manuel Parrado Carral, conhecido como padre Manolo, hoje bispo da Diocese de São Miguel Paulista, tomou posse, e Dom Claudio Hummes, então bispo da Diocese de Santo André (criada pelo Papa Pio XII, em 22 de julho de 1954, e à qual a Paróquia São Bento pertence) instalou na igreja a Casa de Formação Teológica da Diocese, tendo como formador o padre Manolo. A Casa de Formação lá permaneceu até o início de 1995, quando foi transferida para prédio próprio, em Santo André. Desta forma, em 22 de março de 1996, foi inau-

gurado oficialmente o Seminário Diocesano de Santo André. Em sua despedida, em fevereiro de 1999, assim escreveu o padre Manolo: “Aqui estive o Seminário de Teologia, por onde passaram vários rapazes num período de formação que lhes ajudou a optar pelo Reino, mas que também ajudou a comunidade a se interessar mais pela questão vocacional e a valorizar o ministério presbiterial”.

Em 1994, a igreja deu início a um projeto missionário, no Bairro Capelinha, em São Bernardo do Campo: “Se uma comunidade se fecha sobre os seus problemas e suas necessidades que, normalmente são muitos, acaba perdendo a consciência de que a função essencial da igreja é ser instrumento, sinal, sacramento de salvação para o mundo. Portanto, nós nos reunimos com a Igreja mais em vista de servir do que ser servido, para cuidar mais das coisas de fora do que de dentro da nossa Igreja. Assim sendo, nossa comunidade paroquiana assumiu um projeto missionário que se localiza na Estrada Velha do Mar, onde residem mais de 400 famílias em situação bastante difícil. Usamos para isso o dízimo de todos, as promoções, além das contribuições voluntárias de todos que se sentem tocados pelo espírito missionário”.

Além desse projeto, outras ações foram e continuam sendo promovidas pela comunidade para ajudar demais indivíduos e grupos necessitados, em São Caetano e nas cidades vizinhas, com arrecadações de cestas básicas, alimentos, roupas, sapatos, entre outros itens, a exemplo das gincanas missionárias das pastorais, campanhas de fraternidade e as natalinas, mutirões contra a fome e a miséria (ressaltando-se aqui o ano de 2002, quando foi realizado o apitaco, com a participação de diversas paróquias da cidade, “para despertar São Caetano quanto ao flagelo da miséria e da fome presente em nosso Brasil”) e gincanas vocacionais diocesanas, sendo que estas últimas também contam com a presença de demais igrejas da região.

Fachada e altar atuais da Paróquia São Bento, localizada na confluência da Avenida Paraíso com as ruas Antônio Carlos Canovas e Bom Pastor, que celebra 50 anos em 2016

Livro de toambo: registros da igreja e do mundo – Como já dito, a partir da leitura do livro de toambo, além de entendermos o funcionamento de um templo, seus projetos e interação com os fiéis, podemos ter acesso a importantes eventos relacionados àquela religião que deixaram suas marcas na história do Brasil e do mundo.

Um exemplo é o da morte do papa João Paulo II, que liderou a Igreja Católica Romana por 26 anos, em 2 de abril de 2005, aos 84 anos. No livro, a trajetória do carismático líder, chamado de “peregrino da paz”, é assim descrita pelo padre Roberto Alves Marangon: “(...) *(João Paulo II)* Abriu horizontes à evangelização e esteve onde nenhum outro papa havia estado antes. Usou seu pontificado para ser um incansável defensor da vida, desde a concepção até o seu ocaso. Defendeu com veemência os direitos humanos, os pobres e foi um arauto na implantação da paz. Foi até os seus últimos dias um homem da comunicação. Quando não mais pela voz, comunicava por gestos. Por fim, sua entrega final congregou muitos numa comunhão sem precedentes”.

A eleição e renúncia de seu sucessor, o papa Bento XVI, em 19 de abril de 2005 e 11 de fevereiro de 2013, respectivamente, também estão registradas nas páginas do livro, além de sua passagem pelo Brasil, em maio de 2007.

Dois exemplos mais locais podem ser encontrados em outubro de 2009 (quando São Caetano recebeu cerca de 16 mil atletas para disputar a 73ª edição dos Jogos Abertos do Interior, sendo que 70 deles, vindos de Cotia, foram abrigados pela paróquia) e em julho de 2013 (durante a XVIII Jornada Mundial da Juventude, quando foram enviados 16 jovens da paróquia para o Rio de Janeiro. O encontro contou com a presença do novo e atual papa, Francisco).

Festas, encontros e angariações – Engana-se quem pensa que apenas de missas – e dos dízimos nelas arrecadados – vive uma igreja. Tendo aflorado um forte senso de ajuda ao próximo e solidariedade, a

comunidade paroquiana está sempre promovendo a estruturação e manutenção de projetos pastorais e sociais para gerar entrosamento entre os membros dessa comunidade, atrair mais fiéis e angariar fundos para suas atividades, entre elas, a realização de cursos e palestras, e para custear sua participação em encontros, congressos e grupos, muitas vezes reunidos em outras cidades. Alguns registros também apontam gastos referentes ao acervo litúrgico da igreja, como a doação, registrada em 30 de abril de 2003, de Nosso Senhor dos Paços, cuja imagem estava deteriorada. Após restauração paga pela igreja, foram realizadas bênção e procissão, sendo a imagem guardada e conservada na capela do santo sepulcro.

Tendo em vista tantos objetivos e projetos, a Paróquia São Bento já realizou a noite festiva da mortadela na chapa, a festa do Havaí, com concurso de melhor dança havaiana, noite da pizza, da fogaça, da salada, do pastel, do espetinho, almoço com feijoada, com panqueca, festa da sopa no pão italiano, do ridículo, na qual houve competição de melhor fantasia, festival do peixe e até mesmo balhoada beneficente, organizada em parceria com o Rotary Club São Caetano do Sul Oeste.

Contudo, apesar da grande lista já citada, as mais conhecidas e que reúnem o maior número de pessoas são as tradicionais quermesses, normalmente realizadas em maio (inicialmente eram montadas na rua, mas, diante do crescente público e de transtornos causados aos vizinhos, desde 2004, passou para as dependências da paróquia) e a Festa Italiana de São Bento, realizada no mês de julho, que já está em sua 23ª edição e reúne música e pratos típicos. Nos primeiros anos, até mesmo a vestimenta dos voluntários era característica.

Na vida social da igreja, o aspecto cultural também é valorizado, seja por meio da música (com participação em encontro de corais e realização de concertos de música sacra; ou ainda com a instituição, em 2001, da Escola de Música Sacra,



Acervo/Sonia Regina Toledo Moreira



com intenção de oferecer ajuda na formação litúrgica musical nas modalidades de canto e teoria musical), do teatro (com apresentações de peças e autos pelo grupo Jofa – Jovens, Fé e Arte -, que, em 2016, completa dez anos de existência) ou ainda do visual (com a exposição de presépios, que teve início em 2007).

Desta forma, com muito trabalho, união e festas, a Paróquia São Bento chega aos 50 anos, em São Caetano do Sul, “celebrando uma Igreja renovada, fiel e comprometida com a missão, onde o jubileu não é apenas uma festa, mas a atualização da fé, da esperança e da certeza do amor de Deus”, como bem resumiu o padre Manuel Parrado Carral na homilia de abertura das cinco décadas da paróquia, em 15 de fevereiro de 2015. **(Marília Tiveron) R**



Oração da medalha de São Bento
*A Cruz Sagrada seja a minha luz!
 Não seja o dragão o meu guia,
 Retira-te, Satanás,
 Nunca me aconselhes coisas vãs,
 É mau o que tu ofereces,
 Bebe tu mesmo o teu veneno!*
Amém



Acervo/Sonia Regina Toledo Moreira



Paroquianas arrecadam roupas para doação, em 1978, o que demonstra, desde o início, a forte vocação da comunidade para atividades de caridade

Fachada da capela São Bento em 1967, um ano após sua inauguração, em 15 de fevereiro de 1966, e flagrante do lançamento da pedra fundamental da nova e atual paróquia, que teve cerimônia presidida pelo padre Segundo Quessada e acompanhada por Dom Jorge Marcos de Oliveira, primeiro bispo da Diocese de Santo André, em 1973

FONTES:

www.nossasagradafamilia.com.br/conteudo/conheca-a-historia-de-sao-bento-e-os-significados-de-sua-medalha.html. Acesso em: 3 mai. 2016.
www.netpetropolis.com.br/lermais_materias.php?cd_materias=20#VynrXtKDgk. Acesso em: 3 mai. 2016.
santo.cancaonova.com/santo/sao-bento-vida-de-oracao-e-meditacao/. Acesso em: 3 mai. 2016.
academico.arautos.org/2013/09/sao-basilio-magno/. Acesso em: 3 mai. 2016.
www.e-biografias.net/sao_bento_de_nursia/. Acesso em: 3 mai. 2016.
www.paroquiasobento.com.br/index1.asp?nm=Cronologia&nip=R03_&qm=p&ed=1&c=121&tr=apn76. Acesso em: 3 mai. 2016.
www.dgabc.com.br/Noticia/44279/comunidade-evangelica-cresce-35-6-na-regiao. Acesso em: 4 mai. 2016.
www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/igreja-catolica-tem-queda-recorde-de-fieis-no-brasil-3ih8nq3tg2r61m2gwkl26ez2. Acesso em: 4 mai. 2016.
mosteiro.org.br/?page_id=13. Acesso em: 4 mai. 2016.
www.rcr.org.br/noticias/ver/igreja-catolica-do-grande-abc-tem-novo-bispo. Acesso em: 4 mai. 2016.
fratresinunum.com/tag/dom-manuel-parrado-carral/. Acesso em: 4 mai. 2016.
www.dioceses.org.br/historia-da-diocese/. Acesso em: 4 mai. 2016.
www.osb.org.br/medalha.html. Acesso em: 6 mai. 2016.



Deixamos aqui registrados todos os vigários ecônomos e párocos que passaram pela Paróquia São Bento até este ano de 2016 e que marcaram sua história e trajetória, por meio de atos e pregações:

1. Padre Lúcio Gomes Lopes
2. Padre José Bueno Júnior
3. Padre Segundo Quessada
4. Padre Lourenço A. Vallimont
5. Padre Luiz de Souza Ávila
6. Frei Roberto Tottoli
7. Padre Manuel Parrado Carral
8. Padre Roberto Alves Marangon
9. Padre Claudio Tafarelo
10. Padre Alexandre Costa Santos –
 Atualmente, é ele quem está à frente da paróquia.
 Sua posse ocorreu em 6 de dezembro de 2015,
 segundo nomeação de Dom Pedro Carlos Cipollini,
 atual bispo da Diocese de Santo André.



Ao longo dos 50 anos da Paróquia São Bento, além de missas e eventos, muitas histórias pessoais lá se desenrolaram. Seria impossível retratar todas elas nestas páginas, pois são muitos os paroquianos e as situações vividas. Por isso, optamos por contar aqui três singelas histórias de amor que, de alguma forma, têm ligação com a igreja.

A de Sonia Regina Toledo Moreira e José Luiz de Oliveira Moreira remonta à década de 1960, quando a igreja ainda estava sendo construída. Suas famílias ajudaram nesse processo. Seguindo os passos dos pais, os filhos também passaram a frequentá-la. E lá se conheceram, noivaram e casaram em julho de 1978. “Quando casamos, já era essa igreja atual, mas ainda com chão rústico, não tinha piso. Enquanto muitos escolhiam igrejas bonitas, grandes, luxuosas, para nós, era ali que encontramos significado, porque lá tínhamos raízes”, afirma Sonia. E completa: “Hoje não moramos na jurisdição da paróquia, mas continuamos a frequentá-la, porque é lá que a gente se encontra. É como se fosse uma família. Ali você encontra pessoas que te conhecem e a gente tem um carinho especial por todas elas”. A história de Sonia e José Luiz gerou três frutos: Mateus Luis Moreira, Marcel Lucas Moreira e Tiago Regis Moreira, todos batizados na Paróquia São Bento.

A igreja também serviu de ponto de encontro para Márcio Magalhães Fontoura

e Carla Cristina Vecchi. Enquanto Carla era frequentadora, Márcio era seminarista e ajudava o padre Manuel Parrado Carral, conhecido como padre Manolo, na reorganização do templo, que buscava participação mais ativa dos fiéis. Fontoura atuou como seminarista na Paróquia São Bento entre 1993 e 1994. Contudo, depois de três anos cursando filosofia e de outros três de teologia, saiu do seminário por opção vocacional. Após sua saída, começou a namorar Carla. Casaram-se em 1999, na igreja do Bairro Olímpico, em cerimônia presidida pelo padre Manolo. Hoje são pais de Pedro (11 anos) e João (6) e continuam participando ativamente das atividades paroquiais.

Já Emma Crescenzi Vanzo, hoje com 79 anos, resistiu em se mudar para o bairro depois de saber que o marido, Hugo Vanzo, havia adquirido um terreno, na década de 1950. “Quando meu marido comprou o lote, só havia mato. Não tinha nem luz elétrica. Mas hoje é um bairro muito bonito”, afirma a italiana, que há mais de 60 anos mora no Brasil e que acompanhou de perto a construção da Paróquia São Bento, que se ergueu bem ao lado de sua residência. “Moro do lado da paróquia, mesmo que não queira ir, sou convocada”, brinca ela. Em 1983, celebrou suas bodas de prata e agora assiste, orgulhosa, à terceira geração da família continuar seus passos de fé na igreja.



Histórias de fé e amor



A força de São Caetano rumo às Olimpíadas do Rio-2016

Origem, declínio e renascimento da tradição olímpica - Os primeiros registros escritos dos Jogos Olímpicos antigos datam de 776 a.C., quando um cozinheiro chamado Coroebus ganhou o primeiro evento – uma corrida a pé de 192 metros chamada *stade* (originando o moderno “estádio”) –, tornando-se o primeiro campeão olímpico da história. Contudo, acredita-se que os Jogos continuaram por muitos anos a partir daquele tempo. A lenda diz que Hércules (o Hércules romano), filho de Zeus e da mortal Alcmena, fundou os Jogos, os quais, no fim do sexto século a.C., tornaram-se o festival esportivo mais famoso da Grécia.

As antigas Olimpíadas foram mantidas a cada quatro anos, entre 6 de agosto e 19 de setembro, durante um festival religioso em honra a Zeus. Os Jogos foram nomeados por seu local em Olímpia, lugar sagrado próximo à costa ocidental do Peloponeso (península localizada no



sul da Grécia). Sua influência era tão grande que, durante a sua realização, até as guerras cessavam sob a chamada “trégua olímpica”. Os atletas vencedores recebiam coroas feitas de ramos de oliveiras, tradição que perdurou até 393 d.C., quando foi banida pelo imperador romano Teodósio I, depois de quase 12 séculos.

Passaram-se mais 1,5 mil anos antes dos Jogos se reerguerem novamente, em grande parte, graças aos esforços do educador Barão Pierre de Coubertin (1863 - 1937), da França. Dedicado à promoção do esporte, o jovem nobre inspirou-se em criar uma moderna versão dos Jogos Olímpicos, depois de visitar o antigo local onde estes aconteceram. Em novembro de 1892, em uma reunião da *Union des Sports athlétiques*, em Paris, Coubertin propôs a ideia de reviver os Jogos Olímpicos como uma competição atlética internacional realizada a cada quatro anos. Dois anos mais tarde, em 23 de junho de 1894, obteve a aprovação que precisava para fundar o Comitê Olímpico Internacional (COI), que se tornaria o órgão dirigente dos Jogos Olímpicos da Era Moderna.

Os primeiros Jogos Olímpicos modernos foram realizados em Atenas (Grécia), em 1896. Todas as Olimpíadas subsequentes foram consideradas, mesmo no período das guerras, quando não houve jogos (como em 1916, durante a Primeira Guerra Mundial, e em 1940 e 1944, durante a Segunda Guerra Mundial). O símbolo oficial dos Jogos modernos são de cinco anéis coloridos entrelaçados, representando os continentes das Américas, Ásia, África, Europa e Oceania. A bandeira olímpica, com esse símbolo em um fundo branco, voou pela primeira vez nos Jogos da Antuérpia, em 1920.

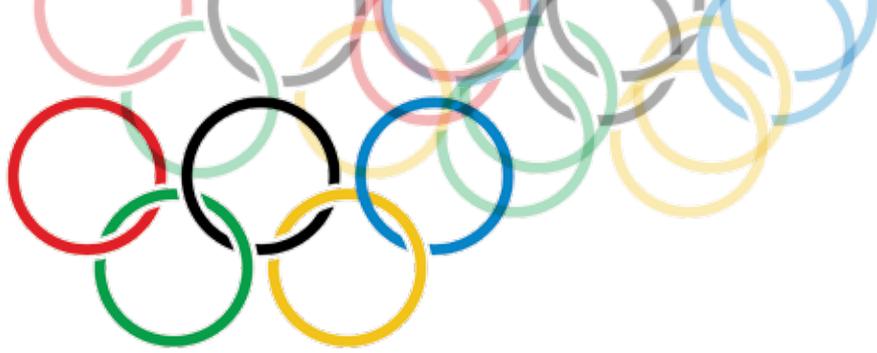
As Olimpíadas realmente decolaram como evento esportivo internacional depois de 1924, quando sua oitava edição foi realizada em Paris (França). Cerca de três mil atletas (com

mais de 100 mulheres entre eles), de 44 nações, competiram naquele ano e, pela primeira vez, os Jogos contaram com uma cerimônia de encerramento. Os Jogos Olímpicos de Inverno estrearam naquele ano, incluindo eventos como a patinação artística, hóquei no gelo, trenó e biathlon. Oitenta anos depois, em 2004, quando os Jogos Olímpicos de Verão retornaram a Atenas, pela primeira vez em mais de um século, cerca de 11 mil atletas, de 201 países, competiram. Em um gesto que juntou ambas as tradições olímpicas (antigas e modernas), a competição de arremesso de peso, naquele ano, foi realizada no local dos Jogos clássicos, em Olímpia.

O Comitê Olímpico do Brasil (COB) – órgão responsável pela organização e envio das delegações brasileiras aos Jogos Sul-americanos, Sul-americanos de Praia, Pan-americanos, Olímpicos, da Juventude e da Lusofonia – foi fundado em 1914, sendo, posteriormente, em 1935, reconhecido pelo COI.

Em 2016, completamos 120 anos dos primeiros Jogos Olímpicos da Era Moderna, realizados em Atenas no ano de 1896, que reuniu cerca de 240 atletas, 14 países e nove esportes. Já na última edição realizada em Londres, em 2012, foram aproximadamente 10.500 competidores, 204 países e 26 modalidades esportivas. No entanto, vale lembrar que Olimpíada e Jogos Olímpicos não significam a mesma coisa. Conforme ressalta o COB: “Olimpíada é o intervalo entre cada uma das edições dos Jogos, que são o evento esportivo propriamente dito. Entre os Jogos Olímpicos de Londres 2012 e do Rio 2016, vivemos o período de uma Olimpíada, período corresponde ao ciclo olímpico, que culminará com a competição no Rio, em 2016”.

O Brasil nos Jogos Olímpicos – O Brasil teve a sua primeira participação nos Jogos Olímpicos



Quadro Edições dos Jogos Olímpicos

JOGOS	ANO	CIDADE, PAÍS
I	1896	ATENAS, GRÉCIA
II	1900	PARIS, FRANÇA
III	1904	SAINT LOUIS, ESTADOS UNIDOS
*4	1906	ATENAS, GRÉCIA
IV	1908	LONDRES, INGLATERRA
V	1912	ESTOCOLMO, SUÉCIA
VI	1916	BERLIM, ALEMANHA
VII	1920	ANTUÉRPIA, BÉLGICA
VIII	1924	PARIS, FRANÇA
IX	1928	AMSTERDÃ, HOLANDA
X	1932	LOS ANGELES, ESTADOS UNIDOS
XI	1936	BERLIM, ALEMANHA
XII	1940	TÓQUIO; HELSINQUE*
XIII	1944	LONDRES, INGLATERRA
XIV	1948	LONDRES, INGLATERRA
XV	1952	HELSINQUE, FINLÂNDIA
XVI	1956	MELBOURNE, AUSTRÁLIA
XVII	1960	ROMA, ITÁLIA
XVIII	1964	TÓQUIO, JAPÃO
XIX	1968	CIDADE DO MÉXICO, MÉXICO
XX	1972	MUNIQUE, ALEMANHA OCIDENTAL
XXI	1976	MONTREAL, CANADÁ
XXII	1980	MOSCOU, UNIÃO SOVIÉTICA
XXIII	1984	LOS ANGELES, ESTADOS UNIDOS
XXIV	1988	SEUL, COREIA DO SUL
XXV	1992	BARCELONA, ESPANHA
XXVI	1996	ATLANTA, ESTADOS UNIDOS
XXVII	2000	SYDNEY, AUSTRÁLIA
XXVIII	2004	ATENAS, GRÉCIA
XXIX	2008	PEQUIM, CHINA
XXX	2012	LONDRES, INGLATERRA
XXXI	2016	RIO DE JANEIRO, BRASIL

**Edição extraoficial, não numerada que celebrou os 10 anos dos Jogos de Atenas*

Não disputado devido à Primeira Guerra Mundial

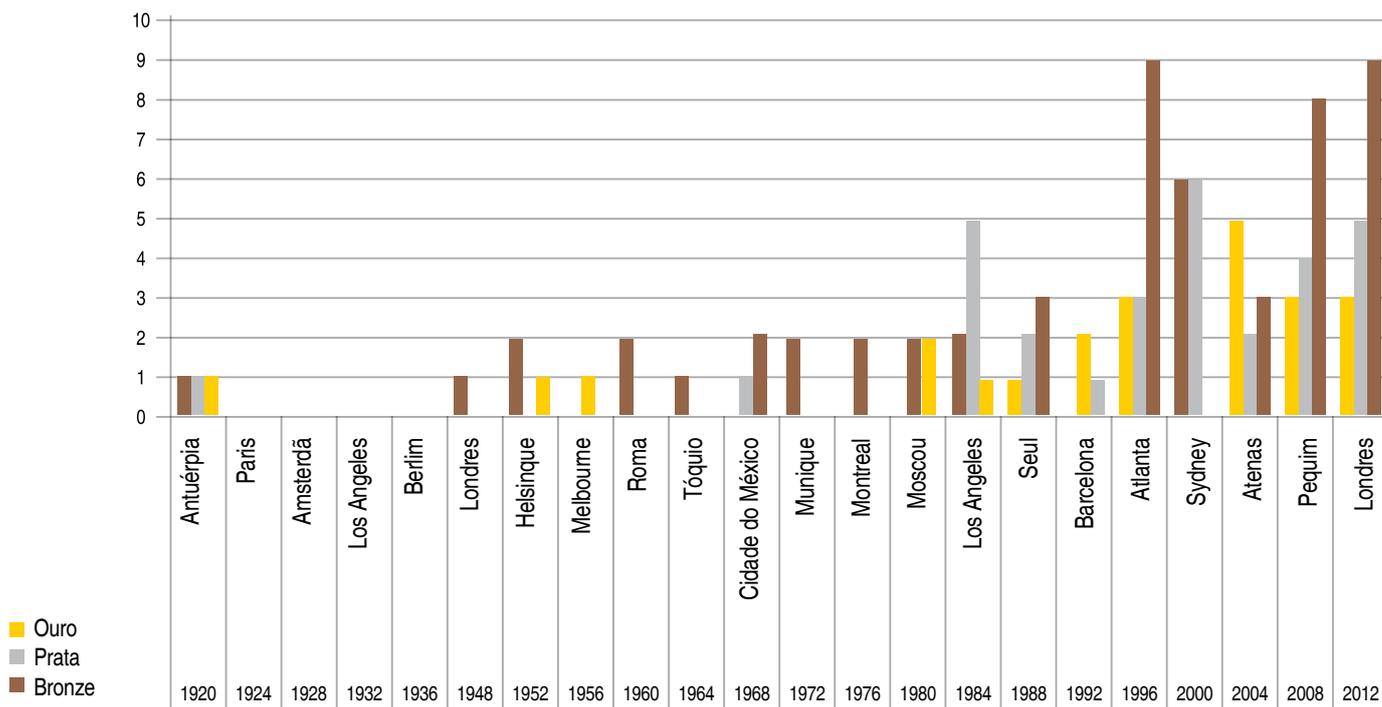
Os Jogos de 1940 chegaram a ser marcados inicialmente em Tóquio (Japão), porém, em virtude da Guerra Sino-Japonesa e da pressão de vários países, em 1938, o Japão desistiu de sediar os Jogos de 1940 e o Comitê Olímpico Internacional (COI) escolheu Helsinque (Finlândia) para sediá-los, que, ao final, não ocorreram em função do início da Segunda Guerra Mundial.

na Antuérpia (Bélgica), em 1920, e, a partir daí, com exceção do ano de 1928, quando o país não esteve representado nos Jogos de Amsterdã, participou de todas as edições. Neste ano, entre 5 e 21 de agosto de 2016, o país será sede dos Jogos Olímpicos, que acontecerão na cidade do Rio de Janeiro. Entre as olimpíadas da Antuérpia (1920) e as de Londres (2012), conquistamos 108 medalhas, sendo: 23 de ouro, 30 de prata e 55 de bronze.

Especial Olimpíadas

Segundo o Comitê Olímpico do Brasil, na modalidade da vela, Robert Scheidt e Torben Grael são os brasileiros com mais medalhas olímpicas, com cinco cada um. Já o judô, é o esporte que mais conquistou medalhas olímpicas para o país, sendo 19 ao todo. Entre os bicampeões olímpicos brasileiros, que receberam medalha de ouro, estão: Adhemar Ferreira da Silva (atletismo), Torben Grael (vela), Marcelo Ferreira (vela), Robert Scheidt (vela), Fabi Alvim (vôlei), Fabiana Claudino (vôlei), Jacqueline Carvalho (vôlei), Paula Pequeno (vôlei), Sheilla Castro (vôlei), Thaisa Menezes (vôlei), Giovane Gávio (vôlei) e Maurício Lima (vôlei).

Quadro - Medalhas



A força de São Caetano nas Olimpíadas – Segundo a Secretaria Municipal de Esporte e Turismo (Seest), São Caetano do Sul só começou a ter uma participação mais efetiva na delegação do Brasil nas edições dos Jogos Olímpicos de Seul, em 1988, com Aurélio Miguel ganhando ouro no judô meio-pesado (-95 kg). Ao total, São Caetano acumula 15 medalhas, sendo: seis de ouro, três de prata e seis de bronze.

A cidade que é base para atletas de alto rendimento sempre esteve muito bem representada, tendo como participantes das três últimas Olimpíadas, conforme dados da Secretaria Municipal de Esporte e Turismo, no atletismo (André Domingos da Silva, Claudinei Quirino da Silva, Edson Luciano Ribeiro, Eronildes Nunes De Araújo, Maurren Higa Maggi, Nelson Ferreira, Raphael de Oliveira, Vanderley Cordeiro de Lima, Vicente Lenilson de

Lima, Sandro Ricardo Rodrigues Viana, Nilson de Oliveira André, Fernando Pereira de Almeida, Kleberon Davide, Hudson Santos de Souza, Marilson Gomes dos Santos, Anselmo Gomes da Silva, Jessé Farias de Lima, Fabio Gomes da Silva, Jefferson Dias

Sabino, Carlos Eduardo Bezerra Chinin, Mário José dos Santos Junior, Lucimar Aparecida de Moura, Rosemar Maria Coelho Neto, Maria Laura Almirão, Maila de Paula Machado, Jailma Sales de Lima, Ze-naide Vieira, Keila da Silva Costa, Fabiana de Almei-

Quadro - Medalhados de São Caetano do Sul

Atletas de São Caetano do Sul	Olimpíada	Medalha	Equipe	Esporte	Modalidade
Arthur Zanetti	Londres 2012	Ouro	individual	ginástica	argolas
Sheilla Tavares de Castro Blassioli	Londres 2012	Ouro	sel. fem. volêi	vôlei	vôlei de quadra
Maurren Maggi	Pequim 2008	Ouro	individual	atletismo	salto em distância
Helia Rogéria de Souza (Fofão) Sheilla Tavares de Castro Blassioli Marianne Steinbrecher	Pequim 2008	Ouro	sel. fem. volêi	vôlei	vôlei de quadra
Thiago Camilo	Pequim 2008	Bronze	individual	judô	super-médio (-81 kg)
Vanderlei Cordeiro de Lima	Atenas 2004	Bronze	individual	atletismo	maratona
Thiago Camilo	Sydney 2000	Prata	individual	judô	leve (-73 kg)
Carlos Honorato	Sydney 2000	Prata	individual	judô	médio (-90 kg)
André Domingos Claudinei Quirino Édson Luciano Vicente Lenilson	Sydney 2000	Prata	equipe	atletismo	4x100 m
Helia Rogéria de Souza (Fofão)	Sydney 2000	Bronze	sel. fem. volêi	vôlei	vôlei de quadra
Aurélio Miguel	Atlanta 1996	Bronze	individual	judô	meio-pesado (-95 kg)
André Domingos Edson Luciano	Atlanta 1996	Bronze	equipe	atletismo	4x100 m
Helia Rogéria de Souza (Fofão) Ana Beatriz Moser	Atlanta 1996	Bronze	sel. fem. volêi	vôlei	vôlei de quadra
Rogério Sampaio	Barcelona 1992	Ouro	individual	judô	-65 kg
Aurélio Miguel	Seul 1988	Ouro	individual	judô	meio-pesado (-95 kg)

da Murer, Tânia Regina Spindler, Elisangela Maria Adriano, Alessandra Nobre Resende, Mauro Vinicius Hilário Lourenço da Silva, Ronald Odair de Oliveira Julião, Luiz Alberto Cardoso de Araujo, Ana Claudia Lemos da Silva e Geisa Aparecida Muniz Coutinho); boxe (Waldemir dos Santos Pereira); ginástica artística (Arthur Nabarrete Zanetti); judô (Carlos Honorato, Cristina Sebastião, Ednanci Silva, Thiago Camilo, Danielli Yuri Barbosa, Eduardo Lucas Costa dos Santos e Samanta Soares); natação

(Dainara Lopes Ferreira de Paula e Juliana Bassi Kuri); tênis de mesa (Carlos Issamu Kawai, Gustavo Tsuboi e Caroline Kumahara); e vôlei (Janina Deia Chagas da Conceição, Helia Rogéria de Souza - Fofão, Sheila Tavares de Castro Blassioli e Marianne Steinbrecher).

Para os Jogos do Rio - 2016, a Secretaria Municipal de Esporte e Turismo nos adiantou o nome de alguns dos atletas que representarão a cidade, são eles: na ginástica artística (Arthur Nabarrete Zanet-



1. Recepção da população de São Caetano ao judoca Rogério Sampaio, atleta da ABREV – Barcelona, após conquista da medalha de ouro na Olimpíada de Barcelona, em 1992



Acervo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



2. Aurélio Miguel, primeiro medalhista de São Caetano na Olimpíada de Seul (1988), marcando presença nos Jogos Escolares, no Ginásio Milton Feijão (Complexo Poliesportivo Lauro Gomes de Almeida). O judoca conquistou medalha de ouro na modalidade meio-pesado (-95 kg). Foto de 1992



3. Os judocas Thiago Camilo e Carlos Honorato desfilam em carro aberto pelas principais ruas de São Caetano do Sul, após os Jogos Olímpicos de Sydney, em 2000. Na ocasião, os atletas receberam medalha de prata nas modalidades: leve (-73 kg) e médio (-90 kg), respectivamente. Posteriormente, nos Jogos de Pequim (2008), Camilo recebeu medalha de bronze na modalidade super-médio (-81 kg)

4. Maurren Higa Maggi, medalhista de ouro na modalidade salto em distância na Olimpíada de Pequim, em 2008. Na ocasião, foi recepcionada no Palácio da Cerâmica, em São Caetano

ti); taekwondo (André de Oliveira Lima e Maicon Andrade Siqueira); e tênis de mesa (Karoline Kumahara, Gustavo Tsuboi e Hugo Calderano). Já no atletismo, segundo explica Heleni Felipe, assessora do Clube BM&FBOVESPA, até o momento, são 11 os atletas classificados para as Olimpíadas, sendo que, apenas dois já estão convocados para a seleção, uma vez que o prazo para o índice nessas provas já terminou. São eles: Marílson Gomes dos Santos (maratona) e Mário dos Santos Jr. (marcha atlética 50 km). Os outros nove atletas que já têm índices, mas que aguardam convocação oficial após o prazo final fixado pela Confederação Brasileira de Atletismo, em 3 de julho, são: no salto com vara (Augusto Dutra e Fabiana Murer); lançamento do disco (Fernanda Raquel Borges); 400 m (Jailma Sales de Lima); lançamento de dardo (Julio Cesar de Oliveira); salto triplo e salto em distância (Keila Costa); decatlo (Luiz Alberto Cardoso de Araújo); 800 m (Lutimar Paes); e 1.500 m (Thiago do Rosário André).¹

É tamanha a representatividade que a cidade possui na história dos Jogos Olímpicos no Brasil que foi oficialmente convidada a integrar o roteiro de passagem da Tocha Olímpica dos Jogos do Rio-2016. Um feito histórico para a cidade que está na lista dos 300 municípios escolhidos. A tocha chegará de Guarulhos no dia 23 de julho e, após

passagem por São Caetano, seguirá por Santo André e São Bernardo do Campo. O revezamento, que teve início em Brasília, em maio de 2016, se encerrará no dia 5 de agosto, no Estádio do Maracanã, data e local da cerimônia de abertura. Ainda segundo informações da Secretaria, ao total, serão 45 os condutores na cidade (entre atletas e anônimos), sendo quatro atletas já definidos e indicados pela prefeitura: Arthur Zanetti (ginástica artística), Caroline Kumahara (tênis de mesa), Bruna Alexandre (atleta paraolímpica do tênis de mesa) e Vanda Tormar (ex-atleta da seleção brasileira de basquete). Mestre Gêra, professor professor e mestre de capoeira, nos confirmou sua participação por meio de inscrição realizada para o evento. Já os demais condutores definidos pelos patrocinadores e pelo Comitê Olímpico do Brasil, até o fechamento desta edição, não haviam sido divulgados. **(Talita Scotá Salvatori)R**

NOTAS

¹ Informações concedidas em 23 de maio de 2016.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Secretaria Municipal de Esporte e Turismo (Seest) CARVALHO, Cristina Toledo de; SEVERINO, Viviane Campos. *A Força de São Caetano nas Olimpíadas*. (Exposição fotográfica) São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 2004.
COLLI, Eduardo. *Universo olímpico: uma enciclopédia das olimpíadas*. São Paulo: Códex, 2004. SITES
www.cbat.org.br/. Acesso em: 18 abr. 2016.
www.clubedeatletismo.org.br/. Acesso em: 23 mai. 2016.
www.cob.org.br/. Acesso em: 18 abr. 2016.
www.history.com/. Acesso em: 18 abr. 2016.
www.olympic.org/. Acesso em: 17 abr. 2016.
www.saocaetanodosul.sp.gov.br/. Acesso em: 19 abr. 2016.
www.rio2016.com/. Acesso em: 2 jun. 2016

Toda a disciplina e o comprometimento do ginasta resultam em apresentações precisos e dignos de aplausos

O garoto das argolas olímpicas



Divulgação/Oswaldo F. Contratto

Nascido em São Caetano do Sul, Arthur Zanetti é o primeiro campeão olímpico, pan-americano e mundial nas argolas e na ginástica artística, e busca o bicampeonato nas Olimpíadas Rio-2016

Quando tinha 7 anos, Arthur Naborre Zanetti queria jogar futebol, assim como boa parte dos garotos da sua idade. Mas a falta de habilidade para esse esporte e o conselho do professor de educação física Sérgio Oliveira dos Santos, do Colégio Metodista, em São Bernardo do Campo, foram determinantes para mudar a trajetória esportiva do hoje consagrado ginasta brasileiro. Por ser mais baixo que os outros alunos, ágil e apresentar tronco forte, o mestre sugeriu aos seus pais que o levassem para fazer um teste de ginástica na Sociedade Esportiva Recreati-

va e Cultural (Serc) Santa Maria, em São Caetano do Sul. “Fui lá, fiz a prova, gostei e fiquei”, recorda Arthur Zanetti.

Dado o primeiro passo, o garoto passou a treinar com Cláudia Cobo e, na sequência, passou a trabalhar com o atual técnico, Marcos Goto. “A história começou a ficar séria quando o treinador veio de Guarulhos para São Caetano e implantou a ginástica competitiva na cidade e eu, apenas com 8 anos, fui escolhido para ficar no grupo dele”, relata. A história da ginástica brasileira ganhava o registro de vitórias em competições mundiais com a popularização e a divulgação da modalidade no Brasil.

Mas o caminho até o topo não foi fácil. Numa fase da adolescência, a rotina exaustiva de treinos diários desanimava. A família teve papel fundamental durante esse período. Os pais sempre foram envolvidos com esportes. O pai, Archimedes Zanetti, fez atletismo, e a mãe, Roseane Nabarrette Zanetti, natação. Além dessa inspiração e exemplo, eles sempre cuidaram da alimentação e da saúde do filho, voltadas para a sua formação como atleta. Como a mãe trabalhava, a avó Neide Thomazzo ficou responsável por levar o neto para treinar todos os dias. Para que ele não desistisse do esporte e diante de muitas reclamações do neto, ela prometia uma ida à padaria após os treinos para ele comer o que desejasse. Sem pensar duas vezes, Arthur Zanetti escolhia bomba de chocolate, um de seus doces preferidos.

Rumo ao sucesso - Ainda menino, aos 8 anos, Arthur Zanetti deu início à caminhada que o levaria ao ouro olímpico e mundial com o apoio do treinador Marcos Goto. Sem dar moleza, o técnico fazia o ginasta chorar. “Quando eu era pequeno, achava ele bravo. Mas, hoje, sei o quanto é importante e necessário ter essa cobrança e disciplina desde cedo para alcançar os objetivos. Ele fez esse papel e, ainda hoje, me motiva para eu dar o meu 100% no treino e na competição”, observa. A sintonia é tanta que a dupla treina até hoje na Serc Santa Maria, da Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul – a ginástica tem administração realizada pela As-

sociação de Ginástica Artística Di Thiene de Pais e Mestres (Agith).

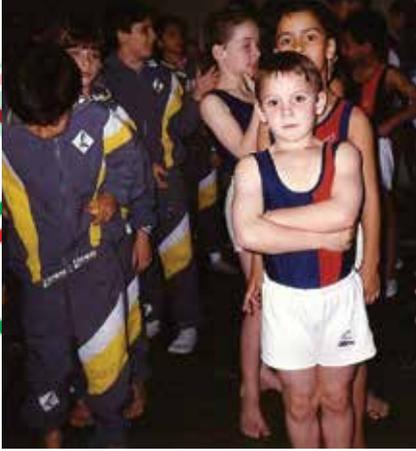
Toda essa disciplina e dedicação começaram a dar resultados efetivos em 2007, com a convocação do ginasta para a seleção brasileira que disputaria o Mundial de Stuttgart, na Alemanha. Arthur Zanetti não trouxe medalha, mas foi destaque na seleção brasileira. Na volta para o Brasil, Marcos Goto teve a certeza de que ele poderia ir longe e começou a preparação para os Jogos Pan-Americanos Juvenis da Guatemala, que aconteceriam em 2011. “Montamos uma rotina para vencer as argolas no Brasileiro, seletivo para o Pan. Daí, ele ganhou confiança”, lembra o técnico, orgulhoso.

A evolução continuava. Ainda em 2007, Arthur Zanetti se tornou campeão pan-americano juvenil e, em 2009, em Londres, foi o primeiro ginasta brasileiro finalista nas argolas em um Mundial. No mesmo ano, recebeu medalha de prata nas argolas na etapa de Stuttgart (Alemanha) da Copa do Mundo de Ginástica Artística. Dois anos depois, o ginasta ganhou prata

nas argolas e ouro por equipes nos Jogos Pan-Americanos de Guadalajara, no México. Ao longo desse tempo dedicado ao esporte, o ginasta já colecionava mais de 200 medalhas, com destaque para o ouro nos Jogos Universitários Mundiais de Shenzhen, na China, em 2011, e Kazã, na Rússia, em 2013, e a prata no Mundial de Tóquio, no Japão, em 2011, que garantiu a vaga para os Jogos Olímpicos de Londres, no ano seguinte.

“Com certeza, essas medalhas abrirão muitas portas para que mais atletas possam praticar a ginástica. A todos que têm um sonho, assim como eu, quero dizer para treinarem muito e nunca tirarem esse objetivo da cabeça, porque, um dia, com trabalho e dedicação, vão alcançá-lo. E o mais importante: independentemente dos resultados, é saberem que o esporte ajuda a formar o caráter de cada um.”

Arthur Zanetti, sobre o ouro olímpico (2012)



Arquivo/Arthur Zanetti

Com apenas 7 anos, a baixa estatura e o tronco forte despertaram a atenção do professor de educação física Sérgio Oliveira dos Santos, do Colégio Metodista, o que resultou no teste e início dos treinos na Sociedade Esportiva Recreativa e Cultural Santa Maria



Arquivo/Arthur Zanetti

Em 1997, o ginasta participa de competição no clube Movimento de Expansão Social Católica (Mesc), em São Bernardo do Campo, e mostra o início da boa articulação com as argolas

Orgulho nacional - Apaixonado pelo que faz, Arthur Zanetti queria mais. E isso aconteceu em 2012, com a apresentação impecável durante os Jogos Olímpicos de Londres. Com movimentos simétricos e rígidos, superou o chinês Yibing Chen e o italiano Matteo Morandi e alcançou, orgulhosamente, os 15.900 pontos para ganhar o ouro olímpico. “Em 2012, ele disputou diversas etapas da Copa do Mundo e conquistou medalha em todas. Com isso, conseguimos analisar o nível da ginástica mundial e aprimorar nosso trabalho a cada dia”, destaca o técnico.

O ano olímpico foi encerrado com mais uma medalha de prata em Ostrava, na República Tcheca, e uma de ouro na Copa Toyota, no Japão. A temporada histórica fechou com chave de ouro com o Prêmio Brasil Olímpico de Melhor Atleta do Ano. Pressionado pelo *status* de campeão, Arthur Zanetti estrearia uma nova fase em seguida. O desafio seguinte à Londres 2012 foi o Mundial de Antuérpia, na Bélgica, em outubro de

2013. Com uma apresentação estratégica e limpa, o resultado foi mais um ouro inédito, tornando-se campeão mundial com apenas 23 anos.

Todos esses títulos confirmam o seu total domínio nas argolas. Em 2014, o foco foi o 45º Mundial de Nanning, na China. Treinou solo e salto, além das argolas, com o objetivo de conseguir a melhor colocação da história da ginástica artística em um Mundial. O Brasil ficou em sexto lugar e o ginasta levou prata nas argolas. Individualmente, no mesmo ano, estreou sua vitória nas argolas nos X Jogos Sul-Americanos de Santiago, no Chile, no II Meeting de Ginástica Artística de Santos e na etapa da Copa do Mundo de Anadia, em Portugal. Ajudou o país a se classificar para os Jogos Pan-Americanos de Toronto (Canadá), em 2015.

O desempenho confirmou o seu favoritismo nas competições. O ginasta recebeu, em 2014 e pela segunda vez, o prêmio Brasil Olímpico como o Melhor Atleta do Ano. No 58º Jogos Regionais de Osasco, em São Paulo, brigou por pontos para São Caetano do Sul, sua cidade natal, e venceu as argolas com maestria. O município foi vice-campeão do torneio por equipe com a ginástica masculina.

Arthur Zanetti é um daqueles atletas para quem toda competição tem a sua importância e deve ser encarada com profissionalismo. “Atualmente, o treino é mais intensificado para quem quer se manter no topo. É como se estivesse começando a treinar agora. Por isso, o meu comprometimento tem de ser ainda maior com os treinos e a ginástica”, destaca.

Classificação olímpica - Com as conquistas, vieram desafios constantes. Em 2015, ele foi convocado pela seleção brasileira e passou parte do ano no Rio de Janeiro em treinamento com o grupo. A meta era ter um ótimo desempenho por equipe no Mundial de Glasgow, na Escócia, que funcionou como seletiva pré-olímpica. Até então, o

Especial Olimpíadas

Brasil nunca havia levado uma equipe masculina completa à Olimpíada. Com a mesma dedicação dada às argolas, o ginasta treinou solo e salto e conseguiu o sétimo lugar da qualificação e assegurou a vaga olímpica.

Emocionado, não escondeu o amor ao Brasil após a conquista. “Estamos muito felizes, porque temos feito história para o nosso país e o esporte. Quero dar os parabéns aos atletas, a todos os integrantes da comissão técnica, aos fisioterapeutas, aos médicos... Estamos orgulhosos uns dos outros. Todos poderão sentir o gosto de uma Olimpíada em casa”, disse Arthur Zanetti, ao saber da classificação. Sem chegar à final individual das argolas em Glasgow, o ano de 2015 ficou marcado pela conquista do ouro nos Jogos Pan-Americanos de Toronto, única medalha que faltava para a sua coleção. Ainda deixou o Canadá com a medalha de prata conquistada pelo Brasil por equipe.

Briga pelo bicampeonato, o desafio - De segunda a sábado, Arthur Zanetti treina com o grupo de ginastas da Serc Santa Maria de São Caetano. Das 8h30 às 11h30, e das 14h às 18h30, ele tem total comprometimento com o trabalho, confiança no treinador e apoio de toda a comissão médica e técnica e, principalmente, da cidade onde treina. “Aqui em São Caetano encontro tudo isso. Além da estrutura, o município tem vocação esportiva. Semanalmente, cerca de 300 ginastas passam pelo ginásio. Foi daqui que saiu a conquista histórica de uma medalha de ouro na ginástica artística para o Brasil durante os Jogos de Londres. Fiz aqui toda a minha preparação e tenho treinado para os Jogos Olímpicos do Rio”, afirma o ginasta.

A respeito das expectativas em relação às Olimpíadas Rio-2016, Zanetti ressalta a importância de um evento desse porte ser realizado, pela primeira vez, na América do Sul e, principalmente, no Brasil, e destaca que a preparação



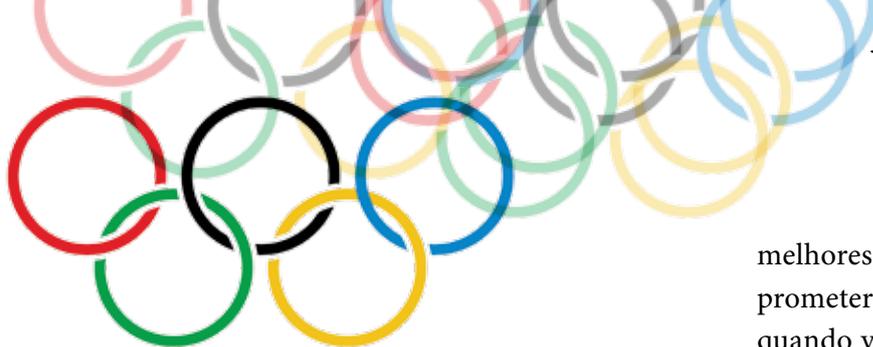
Arquivo/Arthur Zanetti



Arquivo/Arthur Zanetti

Desde pequeno, Arthur Zanetti recebeu apoio e estímulo da família. Durante o Campeonato Aberto de Ginástica Artística de São Caetano, ele aparece (à frente) ao lado dos pais, Archimedes Zanetti e Roseane Zanetti, e do irmão, Victor Zanetti

Muitas medalhas marcaram a infância de Arthur Zanetti, a exemplo da que recebeu em 1999 ao vencer o Campeonato Aberto de Ginástica Olímpica de São Caetano do Sul



tem sido bem intensa, assim como a forte cobrança em cima da seleção masculina. “Todo mundo tem esperança de medalha para o Brasil e eu tenho um resultado para defender, o bicampeonato olímpico nas argolas. Mas nem eu e nem os outros atletas da ginástica podemos garantir nada. É uma Olimpíada, reúne os

melhores ginastas do mundo. O que eu posso prometer é dar o meu melhor. E todos os dias, quando vou ao ginásio, eu faço o meu máximo em cada treino para chegar à competição e conseguir dar um bom resultado. Espero que, com isso, eu consiga buscar uma medalha, como fiz em 2012”, finaliza, com aquele brilho nos olhos e a determinação de quem sabe exatamente aonde quer chegar e deixar os brasileiros felizes da vida. **(Ana Luísa Lage) R**

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA
<http://www.arthurzanetti.com.br>

FICHA TÉCNICA

Arthur Nabarrete Zanetti

Data e local de nascimento:

16 de abril de 1990, em São Caetano do Sul (SP)

Altura:

1,56 m

Peso:

63 kg

Esporte:

ginástica artística

Especialidade:

argolas

Técnico:

Marcos Goto

Clube:

Sociedade Esportiva Recreativa e Cultural Santa Maria (Serc)

Escolaridade:

formado em educação física pela Universidade Municipal de São Caetano do Sul (Uscs)

Pontos fortes:

força e concentração nos treinos e competições; persistência para alcançar e ultrapassar objetivos

Objetivos no esporte:

conseguir fazer uma boa disputa nos Jogos do Rio, brigando pelo bicampeonato olímpico

CONQUISTAS

Copa do Mundo – Osijek, Croácia 2015

Troféu Brasil – Aracaju, Sergipe 2015

Jogos Pan-Americanos de Toronto,
Canadá 2015

Copa do Mundo – São Paulo, Brasil 2015

Copa do Mundo – Doha, Catar 2015

Copa do Mundo – Cottbus, Alemanha 2015

Pan-Americano de Ginástica –
Mississauga, Canadá 2014

Campeonato Brasileiro –
Aracaju, Sergipe 2014

Copa do Mundo – Anadia, Portugal 2014

Troféu Brasil de Bento Gonçalves,
Rio Grande do Sul 2014

Meeting Internacional de Santos,
São Paulo 2014

Jogos Sul-Americanos de Santiago,
Chile 2014

Mundial de Ginástica Artística
de Antuérpia, Bélgica 2013

Copa Toyota, Japão 2013

Copa do Mundo – Anadia, Portugal 2013

Copa do Mundo – Doha, Catar 2013

Copa Toyota, Japão 2012

Copa do Mundo – Oseijek, Maribor
e Ghent 2012

Jogos Olímpicos de Londres 2012

Evento-Teste para Londres 2012

Jogos Sul-Americanos 2010

Abre a roda para mestre Gêra passar!

Mestre Gêra durante entrevista concedida à Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, na sede da instituição, em 10 de maio de 2016

Manifestação cultural que mistura arte marcial brasileira, cultura popular, música e jogo, a história da capoeira até hoje é fruto de estudos e debates. Enquanto muitos afirmam ser uma expressão genuinamente nacional, que teria nascido no século 17, outros argumentam que sua origem remete ao século 16 e que teria sido trazida de Angola e adaptada às condições locais, por isso, seria uma representação afro-brasileira.

Mesmo seu surgimento no Brasil é alvo de controvérsias, pois há aqueles que acreditam que a capoeira era um modo de socialização entre os escravos, há outros (a maioria) que dizem que era uma forma de luta (contra os capitães-do-mato, que os perseguiram após fugirem das fazendas, onde eram submetidos a tratamentos violentos, ou ainda para se defenderem contra



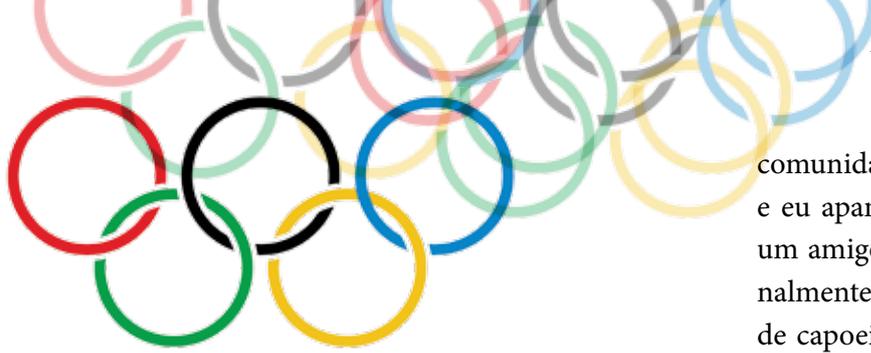
Foto: Antonio Reginaldo Canhoni (EPNCS)

Um dos escolhidos para carregar a tocha olímpica, que passará por São Caetano do Sul, mestre Gêra comemora 35 anos de atuação com a ACD Capoeira Santa Izabel e revela sonho de ver a capoeira como modalidade olímpica

as constantes investidas aos quilombos) e resistência (a fim de resguardarem sua cultura e seus costumes) e há ainda aqueles que creem que é uma dança que incorporou elementos de luta.

Até a década de 1930, a capoeira foi encarada como uma prática violenta e subversiva, que constava no Código Penal Brasileiro, por serem aqueles que a praticavam “capazes de produzir lesão corporal, provocando tumulto ou desordens”, e possuía uma prisão própria, em Fernando de Noronha (Pernambuco).

Contudo, como a arte, a história também é mutável, e assim ocorreu com a capoeira, que passou de marginalizada para modalidade desportiva e cultural, sendo a roda de capoeira, desde 2008, reconhecida pelo Iphan (Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) como Patrimônio Cultural Brasileiro, inscrita no Livro de Registro das Formas de Expressão, assim como o Ofício dos Mestres de Capoeira,



incluído no Livro de Registro dos Saberes. Em 2014, a Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) reconheceu a roda de capoeira como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade, um marco importante não só como título, mas como forma de pressão aos governos para que assumam compromissos de preservação desse bem.

Vale lembrar que, em 1999, a capoeira ganhou o *status* de curso superior sequencial na Universidade Gama Filho, no Rio de Janeiro, com duração de dois anos. O curso deixou de existir em 2001. Hoje é considerada disciplina esportiva optativa nos cursos de bacharelado e licenciatura de educação física do país. Atualmente são mais de 8 milhões de praticantes no mundo, espalhados por cerca de 160 países. No dia 3 de agosto é celebrado o Dia do Capoeirista.

Mestre Gêra - Ao conhecermos a trajetória de mestre Gêra, expoente da capoeira em São Caetano, e fundador da Associação Desportiva e Cultural de Capoeira Santa Izabel, que celebra 35 anos de atuação em 2016, notam-se pontos em comum com a história da capoeira, presente em sua vida há 45 anos. Geraldo José dos Santos nasceu em Bom Repouso (Minas Gerais) e, em 1965, ainda criança, veio para São Bernardo do Campo. Depois de dois anos, a família mudou para Santo André, onde conheceu aquela que seria sua profissão e paixão.

E, tal como a capoeira que teria nascido da luta e resistência dos escravos, mestre Gêra também a procurou como um mecanismo de defesa. “Eu entrei na capoeira para brigar. Éramos sete irmãos e, assim como a maioria das famílias da

comunidade, éramos pobres e vivíamos na rua, e eu apanhava muito”, lembra. Por sugestão de um amigo, tentou o judô e o karatê antes de finalmente se deparar e se encantar com uma roda de capoeira no Parque Celso Daniel. “Eu tinha 13 anos e a intenção era não apanhar mais. Só que quando meu pai descobriu, apanhei. Ele era muito rígido e não queria que eu a praticasse. Mas não larguei (*a capoeira*). Aí chegou uma hora que ele viu que não tinha mais jeito e me deixou treinar.”

Outra relação que pode ser estabelecida entre ambas as histórias diz respeito ao reconhecimento: após anos de discriminação, a capoeira foi transformada em esporte nacional por Getúlio Vargas, então presidente do Brasil, já mestre Gêra também batalhou para se fazer conhecido no meio. Depois de ficar sem se graduar durante algum tempo por falta de dinheiro, conseguiu se formar, em 1980, na Associação de Capoeira Santo André, que pertencia ao mestre José Andrade. Quatro anos depois venceu outro desafio. “Em 1984, me formei mestre no primeiro curso de mestres que existiu no mundo, que ocorreu em uma chácara em Ibiúna. Ficamos três dias ‘presos’ lá dentro, sofrendo que nem doidos, mas era esse o objetivo. Tínhamos de aguentar”, conta ele, que alcançou o primeiro grau: “Hoje mestre é mestre, não existe mais essa divisão de graus”. Mestre Gêra também é membro do Conselho Superior de Mestres, vaga conseguida após indicação. “É igual à Academia Brasileira de Letras, só que o (*conselho*) da capoeira é no mundo todo. Apenas quando um morre, entra outro. São 150 cadeiras.”

Assim como a capoeira, que promove a socialização entre seus praticantes e a inclusão, podendo ser realizada por pessoas com diversos tipos de deficiência, a mesma linha de atuação segue mestre Gêra: tanto dentro da sala de aula – permitindo que pessoas de diversas faixas de

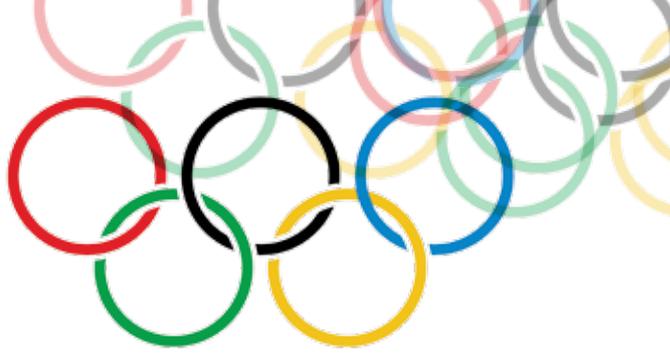
renda frequentem as aulas de sua associação, mesmo que não possam pagar a colaboração financeira sugerida – quanto nos eventos realizados por ele, ao convidar demais escolas para participar, deixando de lado egos e possíveis rivalidades. Em comemoração aos 35 anos da Associação Desportiva e Cultural de Capoeira Santa Izabel, além de exposição fotográfica, acampamento e baile dançante, foi promovido um festival de capoeira e outras manifestações, no dia 12 de junho deste ano, e diversas pessoas da cidade e da região foram chamadas a integrar o evento. “A gente quer unir e não separar. Temos de incluir para que possamos trabalhar juntos, aí fica um negócio mais rico, envolvendo conhecimentos diferentes. Porque, por exemplo, uma pessoa aprendeu comigo, outra com mestre Bimba, é a mesma capoeira, mas a expressão corporal dele é diferente, então é esse conhecimento que nos enriquece. Vamos pegando mais artimanhas de jogo e, para isso, dependemos do outro, sem o outro, não conseguimos evoluir nas nossas técnicas. Treinar capoeira em uma pessoa é só treino. Para viver e jogar capoeira, têm de ser dois ou mais. Capoeira é um coletivo”, afirma.

A associação foi fundada por ele em 16 de outubro de 1981, no Bairro Sacadura Cabral, em Santo André, e, desde 1989, está instalada na Rua Sebastião Diogo, nº 99, no Bairro Boa Vista, dentro do Clube Esportivo Recreativo Luiz Baraldi – Gisela, e, atualmente, conta com oito professores e cerca de 50 alunos, cujas colaborações financeiras mensais ajudam a manter a instituição em funcionamento. Além de capoeira – angola e regional -, são oferecidas ainda aulas de outras manifestações relacionadas, como jongo, maculelê, puxada de rede, samba de roda e, mais recentemente, o maracatu. Funciona todos os dias, inclusive nos fins de semana, e aceita alunos a partir dos 6 anos de idade. Mestre Gêra afirma ser extremamente importante ter os

jovens desde cedo treinando, pois “a capoeira é uma coisa muito complexa, se deixar para entrar muito tarde, você vai aprender, mas vai demorar muito. Mas, se entrar ainda pequeno e não largar, com 20 anos você estará conhecedor de capoeira, dá para conversar com qualquer um. Para participar de um seminário ou um fórum, por exemplo, tem que ter, pelo menos, uns dez anos (*de prática*), senão vai falar sobre o quê, se nem jogar sabe?! Eu estou com 45 anos de capoeira e, de vez em quando, ainda me perco, imagina os mais jovens...”. Além disso, fala sobre outros benefícios: “Eu costumo dizer que quem joga capoeira vive melhor, porque o que fazemos em uma roda, fazemos na vida, não com movimentos de capoeira, mas com expressão, com diálogo, seja no serviço ou na escola. Temos de jogar capoeira não só dentro da roda, mas fora também. E esse jogo de fora é mais importante. Só que é o de lá de dentro que te dará sustentação. Aprendemos a ter paciência, a precisar do outro, a ter que fazer alguma coisa para se defender, atacar, ajudar e ser ajudado”.

Atualmente, além de seus atletas participarem das seleções paulista e brasileira de capoeira, a equipe de mestre Gêra também representa São Caetano nos Jogos Regionais e nos Jogos Abertos do Interior. “A gente nunca deixou de trazer de primeiro a terceiro lugares para a cidade”, orgulha-se.

Se na vida profissional mestre Gêra tem um importante marco a comemorar, na vida amorosa também. No mesmo ano em que fundou sua academia, casou-se com Irene Zambetti dos Santos, que, além de companheira de vida, também o ajuda na parte administrativa. O casal tem duas filhas: Samila e Dryeli, que também cooperam com os pais. Hoje, Gêra e Irene vivem unicamente dos ganhos com os campeonatos de capoeira. O dinheiro também é utilizado para gastos cotidianos e de reformas no espaço da



Associação Santa Izabel. Até o ano passado, ele complementava a renda com aulas de capoeira na Associação Desportiva Classista Mercedes-Benz, mas foi dispensado por causa da crise.

Tocha olímpica – Foi com entusiasmo que mestre Gêra recebeu a notícia de que seria um dos 45 condutores da tocha olímpica em São Caetano. Inscrito por seus alunos, recebeu no início de maio a notícia de que havia sido selecionado pelo Comitê Olímpico do Brasil (COB) e pelos patrocinadores. “Essa é uma missão ‘meio braba’. Jamais imaginei que eles (*os alunos*) iriam conseguir”, conta. Ele carregará a tocha no dia 23 de julho em percurso ainda a ser definido. Questionado se essa escolha tem algum significado especial, responde: “A capoeira não está nos Jogos Olímpicos, mas o capoeirista está lá dentro de alguma forma”.

Contudo, Gêra aproveita o momento para criticar a desunião entre os capoeiristas: “Eu queria ver a capoeira nos Jogos Olímpicos. Eu não vou ver isso, por culpa dos capoeiristas, por falta de união. Ajudei a escrever a carta olímpica em 2002 e já está aprovada pelo Comitê Olímpico Internacional. Só que a gente não consegue (*levar isso adiante*) por falta de organização dos mestres de capoeira. Tem outro ponto também: a capoeira tem muitas faces,



Aerov/Mestre Gêra

Alunos e professores da Associação Desportiva e Cultural de Capoeira Santa Izabel em apresentação no Espaço Verde Chico Mendes, em 2005



Aerov/Mestre Gêra

Além da capoeira, outras manifestações da cultura afro-brasileira também são ensinadas pela associação Santa Izabel, como maculelê e samba de roda. Na imagem, o público atento observa os alunos que cantam e dançam durante encenação da puxada de rede. Foto de 2010



Aerov/Mestre Gêra

Membros da ADC Capoeira Santa Izabel posam para foto em 2011. Em 2016, a instituição completa 35 anos, sendo 27 deles em São Caetano. Mestre Gêra é o quinto, da esquerda para direita, na segunda fila, de trás para frente



Foto/Antonio Reginaldo Camboni (FPNACS)

Apresentação da ADC Capoeira Santa Izabel no Museu Histórico Municipal, que, na ocasião, participava da 7ª Primavera de Museus, temporada de eventos organizada pelo Instituto Brasileiro de Museus (Ibram/MinC). Foto de setembro de 2013



Diploma de mestre conferido a Geraldo José dos Santos, mais conhecido como mestre Gêra, pela Federação Paulista de Capoeira, em 18 de junho de 1984

qual vai ser disputada? Será a angola, a regional? Isso é uma coisa que precisa acertar. E quem faz isso? A Federação Internacional de Capoeira. Mas ela tem de ter a ajuda dos outros, e, sem ajuda, não vai fazer nada. Aí um diz: ‘Tem que ser do meu jeito’, o outro responde: ‘Não, do meu’, aí acaba não indo de jeito nenhum. Apesar de querer, eu sei que não vou ver a capoeira nos Jogos. Demora-se muito, o processo é muito lento. Talvez nem minhas filhas vejam”.

Além do desacordo entre os próprios mestres de capoeira, Gêra também comenta sobre outro ponto fundamental que dificulta o reconhecimento da prática: “Falta apoio governamental, que é prefeitura, governo, secretarias. E esse reconhecimento não é falar: ‘Mestre, tá aqui mil reais’, não é isso. Reconhecimento é: ‘Mestre, tem um espaço ali para você dar aula’. Dessa for-

ma, fazendo nosso trabalho, mostrando nossa capacidade, o dinheiro vem, muito ou pouco, cedo ou tarde, mas vem. Por outro lado, o capoeirista tem de fazer cursos, correr atrás, precisa crescer, procurar conhecimento. Tem alguns que, depois que se formam, já acham que são ‘Deus’ na capoeira. Não é assim, temos de aprender sempre. O negócio desses aí é bater nos outros. Bate sem saber o porquê de estar batendo. Isso não é ser capoeirista, é ser jogador de capoeira, porque o capoeirista de verdade é aquele que estuda a história, sabe quem foi quem, descobre como a capoeira nasceu”.

Antes de terminar a entrevista, mestre Gêra faz questão de ressaltar três importantes mestres que deixaram suas marcas na história da capoeira em São Caetano, mostrando que sua fala e ações estão em concordância quanto ao estudo da história da prática: “O pioneiro foi o mestre João Ferreira, que tinha academia na Rua Amazonas, pouco antes da esquina com a Avenida Goiás. Ele começou a dar aulas ainda na década de 1970, num época que só existiam três academias na região: uma em São Caetano, uma em São Bernardo e uma em Santo André, onde me formei. Ele já é falecido. Depois, veio o mestre Ma-

nezinho, não sei ao certo qual era seu nome completo. Deu aulas no Boque do Povo durante 25 anos e fazia o serviço totalmente social, não cobrava nada, era só para tirar a criança da rua. Chegou a trabalhar na mesma época que eu, mas parou. Hoje mora no Bairro Areião, em São Bernardo. E, por fim, apareceu o mestre Besouro Nicomédio (*José Nicomédio dos Santos Filho*), que faleceu no ano passado. Deu aula no Acre (*Associação Cultural, Recreativa e Esportiva*) Luiz Gama/Corinthians. Ficou famoso na capoeiragem, conhecido no Brasil inteiro. Eu acho que esses foram os mais importantes. Já passaram muitos mestres por aqui, mas nenhum desses outros levou o nome da cidade para frente, para fora”. E conclui, com modéstia: “E depois veio eu”. E, com muito orgulho e ginga, Mestre Gêra escreveu e ainda escreverá por muitos anos importantes páginas da capoeira na cidade. Axé!
(Marília Tiveron) R

FONTES

<http://www.ime.usp.br/~salles/ceaca/capo1.html> - Acesso em: 9 mai. 2016.
http://www.cultura.gov.br/noticias-destaques/-/asset_publisher/OiKX3dR9jTn/content/id/1230742 - Acesso em: 11 mai. 2016.
<http://www.dw.com/pt/unesco-reconhece-capoeira-como-patrim%C3%B4nio-cultural-imaterial-da-humanidade/a-18090747> - Acesso em: 11 mai. 2016.
<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/497> - Acesso em: 11 mai. 2016.
<http://www.capoeiradobrasil.com.br/confederacao.htm> - Acesso em: 11 mai. 2016.
<http://cevo.org.br/biblioteca/a-capoeira-nas-universidades-universidade-gama-filho/> - Acesso em: 11 mai. 2016.
http://www.suapesquisa.com/educacaoesportes/historia_da_capoeira.htm - Acesso em: 11 mai. 2016.
<http://www.copacabanarunners.net/historia-capoeira.html> - Acesso em: 11 mai. 2016.
<http://educacao.uol.com.br/disciplinas/cultura-brasileira/capoeira-origem.htm> - Acesso em: 11 mai. 2016.
<http://capoeiraocce.webnode.com.br/a-arte-capoeira/lei%20de%20proibicao%20de%20a%7C%3%A3o%20da%20capoeira/> - Acesso em: 11 mai. 2016.
<https://adccapoeirasantaizabel.wordpress.com/> - Acesso em: 9 mai. 2016

Priscila Gorzoni

José de Souza Martins e a saga da criação do Museu Histórico Municipal

Criar um museu em São Caetano do Sul não foi tarefa fácil. A ideia nasceu em 1957, quando o renomado sociólogo e escritor José de Souza Martins percebeu que a cidade não dispunha de um local que preservasse seus documentos e objetos históricos. Passando por muitas dificuldades, e depois de muita luta, o Museu Histórico Municipal foi criado, em 1959. Para conhecer mais detalhes desta história, esta publicação entrevistou o professor Martins, idealizador e grande incentivador do Museu.

RAÍZES: Quando o Museu foi criado?

José de Souza Martins: O decreto de criação do Museu Municipal (nome oficial e original) é de 1959.

R: Como nasceu sua ideia de criar o Museu?

JSM: Em julho de 1957, publiquei meu livro *São Caetano do Sul em Quatro Séculos de História*, patrocinado pelo Rotary Club. Durante a pesquisa, iniciada em 1955, quando eu tinha 16 anos de idade, ficou claro que São Caetano não dispunha de uma instituição que preservasse os documentos de sua história e os objetos a ela relacionados. No aniversário da cidade, era

costume que as lojas expusessem esses objetos, documentos e fotografias, emprestados pelas famílias antigas. Era fácil perceber que, com o passar do tempo, essas coisas desapareceriam. Eu tinha presenciado o que acontecera em minha própria família. Na mesma semana em que minha avó morreu, em 1946, minha mãe e minhas tias fizeram uma reunião na casa em que ela vivera, na Rua José do Patrocínio, nº 184, dividiram entre elas o que interessava e fizeram no quintal uma fogueira em que foram queimados documentos e fotos. Eu tinha uns 7 anos de idade e aquilo ficou na minha memória, especialmente a imagem das fotos sendo consumidas pelo fogo. Para o livro, fiz toda a pesquisa nos arquivos e museus da cidade de São Paulo e em um dos arquivos do Rio de Janeiro. A história oficial de São Caetano, difundida pelos jornais locais, era baseada na repetição de crônicas já publicadas, como o livreto do jornalista Renato Bellucci, de 1927, *Pagine di Verità e di Vita*, e, eventualmente, uma ou outra entrevista com os moradores mais antigos. Havia muitas lacunas nessa história, especialmente em relação ao período anterior ao da fundação do Núcleo Colonial, em 1877.

R: Por que teve essa ideia?

JSM: Já pensando em formalizar uma proposta

nesse sentido, organizei no Instituto de Educação Dr. Américo Brasiliense, de Santo André, onde eu era aluno do curso normal, um Seminário de Museologia, de 25 de setembro a 17 de novembro de 1959. Tive o apoio da professora Marina de Lourdes Seber, titular da cadeira de Prática e Metodologia do Ensino, e do então diretor da escola, professor Edesio Del Santoro. Convidei expositores de várias instituições especializadas - do Museu Paulista, da Pinacoteca do Estado e da Discoteca Municipal de São Paulo, além da catedrática de história do Américo Brasiliense, professora Margarida Amyr Silva -, para fazerem as sete conferências. Fui a Atibaia visitar o Museu Municipal, muito bem instalado na antiga casa da Câmara e Cadeia, de 1832. Passei uma tarde inteira conversando com a diretora, muito acessível, que me deu todas as indicações sobre providências, formalidades, dificuldades e estratégias para viabilizar um museu em São Caetano. Ao fim desse processo todo, concluí que era viável propor ao então prefeito, Oswaldo Samuel Massei, a criação do que viria a chamar-se Museu Municipal. Por deploráveis e descabidos motivos políticos, o Museu foi fechado em 1961. Seria reaberto em 1977 com outro nome - Museu Histórico Municipal e da Imigração Italiana Oswaldo Samuel Massei - aparentemente para evitar que, com o nome original, eu pudesse pleitear na Justiça minha reintegração como encarregado-conservador, já que meu cargo fora criado pela Câmara e era de livre provimento do prefeito. Eu estava em estágio probatório quando fui demitido.

R: Quais foram as primeiras dificuldades nesse início?

JSM: Na criação e instalação do Museu, encontrei um número absurdo de dificuldades e opo-

sições. Meu livro havia sido publicado, em julho de 1957, graças ao interesse e ao empenho de Urames Pires dos Santos, que era engenheiro da Cerâmica São Caetano, onde eu trabalhava. Mostrei a ele o original do livro e ele tomou iniciativas para viabilizar a publicação. Mas alertou-me para as dificuldades que enfrentaria: ao alargar cronologicamente a história local, remontando-a ao século 16, contrariaria o ponto de vista oficializado de que São Caetano tivera início em 1877 e que, antes disso, era um deserto. Mário Porfírio Rodrigues, também rotariano, que era o editor do *Jornal de São Caetano*, veio em socorro de meu livro, divulgando-o em seu jornal. O também rotariano, Dr. Manoel Gutierrez Durán, médico em São Caetano e autor de livros, agregou seu aval à publicação.

Mas, de fato, se difundiu o boato de que eu negava a história oficial e que até mesmo não existiam os documentos e referências que cito no livro. Walter Thomé, que fora meu professor de inglês no curso secundário, no Instituto de Ensino de São Caetano do Sul, e era um dos mais exaltados contestadores da tese supostamente defendida por mim, chegou a ir ao Mosteiro de São Bento para interpelar o monge arquivista e obter provas de que eu não fizera a pesquisa e de que os documentos não existiam. Foi repellido pelo monge que me atendera, Dom Mauro Haag. Quem me contou essa história foi Hermano Pini Filho, que era jornalista do *O Estado de S. Paulo* e também trabalhava na Cerâmica São Caetano, quando escrevi o livro. Ao remontar a história local à época de Santo André da Borda do Campo, entendiam alguns que eu questionava a data reconhecida de fundação de São Caetano. Para mim, a disputa sobre a fundação era irrelevante. Meu entendimento era o de que 28 de julho de 1877 era a data de fundação do Núcleo Colonial de São Caetano, nas terras da antiga Fazenda de

São Caetano, e do Bairro de São Caetano, com esse nome recenseado em 1765. O antigo bairro constituía um território extenso, que abrangia todo o atual município mais o território que compreende o morro do Sacomã, a favela Heliópolis e a Vila Carioca, chegando até o Córrego do Moinho Velho, hoje ladeado pela Avenida Tancredo Neves. Abrangia ainda a margem direita do atual Rio Tamanduateí, até o Ribeirão da Mooca, basicamente o que fora o extenso Bairro do Tijucuçu no século 16, ao redor das terras pantanosas e de pastoreio que circundavam o delta do atual Rio dos Meninos, afluente do Rio Tamanduateí. Portanto, havia uma história anterior que não podia ficar desconhecida, razoavelmente documentada. Moradores de São Caetano do século 18 estão na *Genealogia Paulista*, de Silva Leme, publicada entre 1901 e 1905.

Havia, por isso, quem descabidamente achasse que com o Museu eu pretendia, na verdade, dar sumiço em objetos e documentos das famílias originárias dos imigrantes chegados em 1877. Esse mal-estar foi abrandado com o firme apoio de Oscar Garbelotto, da Seção de Educação e Cultura, que foi comigo à casa de várias pessoas que poderiam contribuir para a formação do acervo inicial. A formação desse acervo foi uma verdadeira epopeia.

O prefeito Massei me havia dito que, se eu conseguisse formar o acervo e localizar um imóvel que pudesse ser alugado para instalá-lo, ele o criaria por decreto e me contrataria para que organizasse o Museu. Mas seria necessário que um

vereador apresentasse na Câmara Municipal uma indicação ao prefeito nesse sentido. Já havia um projeto aprovado do vereador Urames Pires dos Santos, de fevereiro de 1958. Consegui que o vereador Lauriston Garcia fizesse uma nova proposta, mas Massei preferiu que fosse feita pelo vereador Hermógenes Walter Braidó, seu candidato a prefeito. Braidó o fez, em outubro de 1959. Duas semanas depois, em novembro, Massei confirmava publicamente que criaria o Museu. No dia 30 de novembro de 1959, pelo decreto nº 716, o Museu foi criado. Eu poderia ter sido contratado como encarregado-conservador do



Foto: Antonio Reginaldo Canhoni

Museu imediatamente, pois o cargo era de livre provimento, mas propus ao prefeito que fosse feito um concurso público de títulos para escolha da pessoa que o dirigiria. Inscreveram-se dois candidatos, fui o escolhido pela comissão examinadora

e nomeado pelo decreto nº 795, no dia 8 de fevereiro de 1960.

Eu trabalhara um ano inteiro, sem remuneração, como voluntário, para convencer as famílias antigas a contribuírem com doações de documentos e objetos que me permitissem instalar o Museu. E consegui. Para dar a ele o solene significado que deveria ter, decidi que seria preferível instalá-lo com uma exposição temporária de obras da Pinacoteca do Estado. Eu havia feito amizade com o diretor daquela instituição, o artista plástico Túlio Mugnaini, que aceitou, em

José de Souza Martins durante lançamento de seu livro *Diário de uma Terra Lontana - Os 'fait divers' na história do Núcleo Colonial de São Caetano*, editado pela Fundação Pró-Memória, realizado dia 25 de fevereiro de 2015, na Câmara Municipal

princípio, organizar uma mostra em São Caetano, desde que o secretário de Governo do Estado o autorizasse. O secretário era amigo de Massei, o que facilitou a viabilização da mostra. Havia, também, a questão da segurança, já que se tratava de obras de arte que valiam uma fortuna. Para isso, obtive apoio do coronel Juventino Borges, da Força Pública, que comandava a guarnição local e que destacou soldados para protegerem o Museu durante a exposição.

R: Qual era a localização do Museu e por que esse local foi escolhido?

JSM: O Museu foi inicialmente instalado no edifício em que funcionara a prefeitura, na esquina das ruas Baraldi e Rio Grande do Sul, alugado, que pertencia à família de José Benedetti. Ele estava subutilizado. Exatamente o grande salão da esquina era ocupado pela Agência Municipal de Estatística do IBGE (*Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística*). Era uma agência pequena, com apenas dois funcionários. Sabendo de minha dificuldade para encontrar um imóvel para o Museu, o diretor da agência, Fausto da Câmara Leal, mostrou-me o local e sugeriu que eu propusesse ao prefeito fazer, com uma parede de madeira, uma pequena sala para a Agência e preparar o restante do salão para o Museu. Assim foi feito. Por sugestão do diretor da Pinacoteca do Estado, Túlio Mugnaini, em função da exposição de pintura que inauguraria o Museu, todo o salão foi pintado na cor sândalo, uma linda variante da cor cinza. Um desenhista da Prefeitura projetou os móveis, depois de visitar comigo vários museus. Fez um trabalho original e criativo.

R: Como eram os trabalhos iniciais de pesquisa nesse Museu?

JSM: O Museu nunca chegou a desenvolver

um trabalho próprio de pesquisa. Em sua curta existência, limitou-se à exposição permanente, aberta logo após a exposição da Pinacoteca, e a várias exposições temporárias. Eu continuei fazendo pesquisa, fora do horário de funcionamento da instituição. No Museu, cuidava de fazer o tombamento das peças.

R: Quem trabalhava nele? Quantas pessoas trabalhavam ali?

JSM: Éramos dois funcionários: um porteiro, que também se encarregava da limpeza, e eu, que me encarregava de tudo o mais do patrimônio cultural, o que incluía visitas guiadas.

R: Como eram feitas as pesquisas e como foi a recepção desse Museu na cidade?

JSM: Como eu trabalhava em jornal, era o correspondente local do *News Seller*, atual *Diário do Grande ABC*, dei boa divulgação aos trabalhos do Museu. Qualquer nova peça no acervo era objeto de notícia. Os outros jornais, como o *Jornal de São Caetano*, também ajudaram muito. O Museu recebia diariamente dezenas de visitantes, especialmente jovens. Apesar da desconfiança inicial, foi bem recebido pela população.

R: Conte, por favor, alguma história curiosa desse início.

JSM: A única história curiosa é também a deplorável história de sua extinção, em 1960. O Museu funcionava à tarde e parte da noite. Eu havia acabado de abrir-lhe as portas, um dia, quando chegou o diretor jurídico da prefeitura, Dr. Plínio de Assis, para dizer-me que o prefeito Massei, que estava nos últimos dias de seu mandato, mandara desocupar o prédio para devolvê-lo aos Benedetti. O Museu seria removido para os baixos do Viaduto dos Autonomistas, para um pequeno

e insuficiente salão, com duas portas gradeadas de correr, dessas de açougue. Algumas horas depois, chegaram empregados da prefeitura, que desmontaram o Museu e jogaram tudo para cima de um caminhão, de qualquer jeito, sem embalar o acervo em caixas ou caixotes. Tudo foi descarregado do mesmo jeito: documentos, objetos e livros foram jogados no salão, me deram a chave e foram embora. Era inútil trancar as portas vazadas, tudo exposto à sujeira e até à chuva de vento. Fui imediatamente para o Paço Municipal, redigi um protesto ao prefeito e denunciei os riscos que o acervo passava a correr. Na prática, o Museu fora extinto no ‘tapa’. No mesmo dia, houve a mudança de prefeitos. Eu estava no salão, tentando limpar e arrumar os papéis e os objetos, quando chegou José Luiz Marinaro, que era o novo diretor de administração da prefeitura. Mandou trancar as portas e acompanhá-lo ao gabinete do prefeito. Marinaro, que tinha formação de professor primário, além de radioamador e inventor de uma antena de rádio patenteada, chamada Maria Maluca, era também autor de um texto sobre a história de São Caetano. Em nenhum momento me apoiara, e sua primeira visita ao Museu desmantelado foi também a última, para fechá-lo de vez. Esse episódio é emblemático das hostilidades de que fui vítima e que alcançaram e condenaram o próprio Museu.

No gabinete, mandaram-me entrar para uma sala anexa e esperar. Fui informado de que ficaria trabalhando junto ao gabinete, como datilógrafo, até que a Câmara Municipal extinguisse meu cargo e eu fosse demitido. E assim foi. Na prática, essa medida extinguiu o Museu. Ainda consegui que o acervo fosse removido para os baixos do Paço Municipal, supostamente mais protegido: lá foi jogado numa área que era de livre acesso dos contribuintes que tinham assuntos a tratar no Serviço Municipal de Trânsito.

O acervo ficou separado da área de passagem por uma corda. Pessoas pegavam documentos e objetos. Sumiram dois quadros a óleo do premiado artista plástico João Fernandes Ribeiro, radicado em São Caetano, um da capela de Santo Antônio, dos Cavana, numa viela entre as ruas Baraldi e Margarido Pires, e outro de uma das olarias de São Caetano. Mais tarde, esses quadros foram recuperados.

Também desapareceram fotografias de Giovanni Scarazzato (1868 - 1915), nascido em Treviso (Itália), excelente fotógrafo, antigo morador da cidade. Teve casa na Rua Pará. Foi fotógrafo da Comissão Geográfica e Geológica no começo do século 20, o que sugere que trabalhou na equipe de Theodoro Sampaio, engenheiro, historiador, linguista, que fez todo o levantamento e mapeamento do Oeste do Estado de São Paulo, o então ‘Sertão desconhecido’. As duas fotos de Scarazzato que desapareceram foram doadas ao Museu por sua bisneta, Wilma Vincenzi, que era minha colega no (*colégio*) Américo Brasiliense, em Santo André. Eram fotos extraordinariamente bonitas e tecnicamente bem feitas, anteriores a 1915, superiores às de famosos fotógrafos paulistanos da época: uma do interior da Estação da Luz e outra da Estação do Ipiranga. Justamente fotos que indicam que Giovanni Scarazzato era mais do que o fotógrafo técnico. Era um fotógrafo dotado de uma preocupação estética com a imagem, claramente um precursor da fotografia artística em São Paulo.

Fui removido para uma das salas próximas, de castigo (!), até que se consumasse minha demissão. Para contornar a humilhação descabida, Manoel Claudio Novaes, excelente ser humano e amigo, que ocupava uma função importante no gabinete, convidou-me a ficar em sua sala e ajudá-lo em suas atividades até que tudo se encerrasse.

Nesse meio tempo, o prefeito cogitou entregar todo o patrimônio do Museu para a Associação Cultural e Artística de São Caetano do Sul que, aparentemente, não estava em condições de assumir essa responsabilidade. Era óbvio o intuito hostil de separar o Museu de minha pessoa.

O novo diretor da Fazenda, Sílvio Fernandes, justificava o fim do Museu dizendo que São Caetano não precisava ter um. Ali perto já havia o Museu do Ipiranga, bem grande... Nem se deu conta de que o Museu Municipal, que ele nunca visitara, era um museu local, voltado para a preservação da história do município, e que a função do Museu Paulista era completamente outra. Provavelmente, nunca o visitara. Aliás, nenhum dos algozes do Museu jamais o visitou.

Essa mentalidade presidiu a extinção do Museu Municipal. E, conseqüentemente, a perda de uma parte importante do seu acervo, como os papéis, jornais e objetos que foram de Armando de Arruda Pereira, parente de Roberto Simonsen e antigo diretor da Cerâmica São Caetano, que tinha um museu pessoal em sua casa, na Avenida Brigadeiro Luís Antonio, em São Paulo. Vários desses documentos eram relativos ao primeiro movimento autonomista, de 1928. Perderam-se, também, objetos e documentos da antiga Fábrica de Formicida Paulista, a primeira indústria de São Caetano, fundada em novembro de 1890, por Manoel Joaquim de Albuquerque Lins, que viria a ser governador de São Paulo, do médico sanitarista e militar Ascendino Reis e de outras figuras conhecidas. Consegui essa doação dos descendentes de Virgínio de Resende, que fora o gerente local da empresa desde sua fundação. A

fábrica ficava em extenso terreno onde é hoje a esquina das avenidas Goiás e Dr. Augusto de Toledo, em frente à Fundação Pró-Memória e se ligava à estrada de ferro São Paulo Railway por uma ferrovia Decaville.

A saga do Museu Municipal é capítulo da deplorável história do obscurantismo na cidade, que mesclava uma religiosidade estreita com notórias influências autoritárias. Uma cultura campanilista e intolerante, de um localismo estreito e oligárquico, bloqueou e desqualificou iniciativas como essa. O que contrastava com Santo André, município mais aberto à criação cultural. Durante largo tempo, a cidade foi vitimada pelo pendularismo político Campanella - Massei. Nada podia ser feito na área da educação e da cultura senão como verdadeira servidão em relação a um grupo ou a outro. A própria criação da Biblioteca Municipal Paul Harris só aconteceu por iniciativa do Rotary Club, e não da prefeitura.

R: Qual trabalho mais marcou esse início?

JSM: Tudo foi marcante. A formação do acervo, a instalação do Museu, as exposições – permanente e temporárias – e também a pequena biblioteca formada com doações de arquivos históricos brasileiros e estrangeiros. Havia uma preciosa coleção de volumes sobre a África Portuguesa, do século 19, com ilustrações belíssimas, que me foram enviados pelo Dr. Alberto Iria, diretor do Arquivo Histórico Ultramarino, de Lisboa. **R**

PRISCILA GORZONI

É FORMADA EM JORNALISMO PELA UNIVERSIDADE METODISTA, EM CIÊNCIAS SOCIAIS PELA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO E EM DIREITO PELA UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE, TEM ESPECIALIZAÇÃO EM FUNDAMENTOS E ARTES PELO INSTITUTO DE ARTES DA UNESP DE SÃO PAULO E É MESTRE EM HISTÓRIA PELA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO (PUC-SP).

Mariana Zenaro

Rick'n'Roll:

memória sonora do ABC

« *A vida imita a arte muito mais do que a arte imita a vida...* »
(Oscar Wilde)

A arte imita a vida ou a vida imita a arte? Esta pergunta nos leva a sondar a biografia pitoresca de um cidadão carismático de São Caetano do Sul: Ricardo Martins de Souza, 56 anos, mais conhecido como Rick'n'Roll, cujo apelido é uma brincadeira com o estilo musical que seduz e entusiasma geração após geração. Rick, com sua atitude e gosto musical, nos evoca os anos dourados da juventude roqueira, que vislumbrava arrojo, irreverência e liberdade. Ele é proprietário de uma loja de discos, possui um acervo de aproximadamente 2 mil LPs, além de um extenso catálogo de CDs e DVDs, importados e nacionais, sendo boa parte composta por itens de colecionador.

A loja Rick'n'Roll, fundada em 31 de dezembro de 1986, iniciou suas atividades em 31 de janeiro de 1987, na Avenida Conde Francisco Matarazzo, em São Caetano do Sul, onde permaneceu até 1994, quando passou a funcionar na Rua Baraldi, sendo que, em 2009, retomou as atividades naquele local. Hoje o lado B da cultura do ABC pode ser cultuado na Av. Conde Francisco Matarazzo, nº 85, Loja 5, no Bairro Centro.

De 1986 a 1996, a loja se destacou no mercado fonográfico regional por percorrer um circuito alternativo, relacionado aos amantes do *rock and roll*, e pelo grande número de títulos e tendências

musicais oferecidos. “Passados 15 anos do encerramento da loja e diante do cinismo da música atual, resolvi reativar as atividades, mantendo o mesmo perfil de atendimento e qualidade musical”, conta. O estabelecimento é um verdadeiro monumento à cultura pop no ABC.

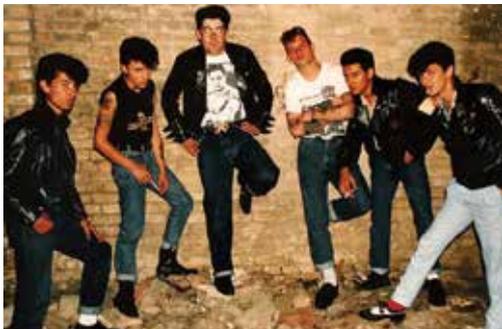
Um filho de São Caetano do Sul - Ricardo Martins de Souza nasceu em São Caetano do Sul, em 1959. É filho de João Martins de Souza, nascido em 9 de maio de 1930, no Bairro da Mooca, na capital paulista, e de Aracelis Gomes de Souza, nascida em São Caetano, em 26 de janeiro de 1926.

Os avós maternos, Antonio Gomes Escaño e Vitória Gomes Romero, vieram da Espanha com a promessa de novas oportunidades, e se conheceram e casaram em São Caetano. Inicialmente, abriram um armazém de secos e molhados, situado na antiga Rua Minas Gerais (atual José Benedetti), onde

Ricardo Martins, mais conhecido como Rick'n'Roll, em sua loja na Avenida Conde Francisco Matarazzo, nº 85, considerada o lado B da cultura do ABC. Foto de 2015



Acervo/Ricardo Martins de Souza



Arquivo/Ricardo Martins de Souza

Da esquerda para a direita, observam-se: Sid, Douglas, Rick'n'Roll, Peter Grenchi, Xiza e Jack Burnette. A turma de *rockers* posa, com muito estilo, para foto em uma das ruínas industriais de São Caetano do Sul



Arquivo/Ricardo Martins de Souza

Aparecem, da esquerda para a direita: Kid, Peter Grenchi, Rick'n'Roll, Xiza, Milton Monstro, Chico Billy, Jack Burnette e Vareta. *Rockers* posam para foto na cena underground de São Caetano

também viviam. Eles tiveram oito filhos, cinco mulheres e três homens. Aracelis é a terceira filha e, atualmente, apenas ela e uma irmã estão vivas.

Os avós paternos de Ricardo são Carmela Russi (que tem ascendência italiana) e Antônio Martins de Souza (português e caixeiro viajante). Carmela veio a falecer muito jovem, apenas alguns meses após dar à luz o pai de Ricardo, que foi adotado por outra família.

Rick tem duas filhas biológicas - frutos do primeiro casamento com Lili Angélica: Greta Martins de Souza, nascida em 28 de abril de 1986, e Lauren Martins de Souza, que nasceu em 21 de março de 1989, e é mãe de Leila -, e um filho de coração, Camilo, filho de sua ex-esposa.

Loja de discos Rick'n'Roll: a história do memorial da cultura pop no ABC - A ideia de abrir a loja de discos surgiu de uma paixão dos tempos de garoto, a de colecionar discos. No final da década de 1970, Rick cursava jornalismo na Universidade Metodista de São Paulo, e, muito embora tenha frequentado as aulas apenas até o segundo semestre, a atividade no campo do jornalismo, associada à afinidade com música, o levou à oportunidade de fazer resenhas de discos e comentários

para jornais, o que lhe proporcionou cultivar uma incrível memória fonográfica. Assim, começou a trabalhar em assessoria de imprensa de produtoras de discos, como a CBS, PolyGram e EMI.

Por meio dessa experiência, passou a ter contato com o meio musical e acesso a vários jornais e revistas especializadas, e a cultivar o hábito de colecionar LP's. Entre o fim de 1978 e início de 1979, Rick, com a ajuda de colegas do curso de comunicação, criou um jornal na região direcionado para a cultura jovem, com editorias de música, estilo e comportamento, o *Rocker Jornal*, com sede no Bairro Rudge Ramos, em São Bernardo. "Escrevíamos sobre música, skate, filosofia, temáticas urbanas. Era uma somatória de várias pessoas pensando sobre tendências da década de 1980, isso antes do megafestival de música *Rock in Rio*, que reuniu diversos nomes da cena roqueira nacional e internacional, no Rio de Janeiro, em 1985, e 1,5 milhão de espectadores", recorda.

Era um período de transformação política, social e cultural do país, pois o Brasil passava pela transição entre o fim da ditadura militar e a redemocratização. Foi esse o auge da explosão do movimento punk, sobretudo no Grande ABC, celeiro de bandas emblemáticas, como Garotos Podres, DZK, Desordem, Caos Urbano, entre outras. Uma série de grupos de punk rock surgiu entre o final dos anos 1970 e o início da década de 1980. Nesse momento, foram inaugurados vários locais de encontro das tribos urbanas na região, que ofereciam espaço para as bandas alternativas. Em São Caetano, o Casa Grande Bar, o Amarelo 20 e a Zoster eram alguns exemplos que eventualmente disponibilizavam seus espaços. Houve uma explosão das tribos urbanas no ABC. No final dos anos 1970 até a década de 1990, era comum encontrar góticos, punks, *rockabillys*, *psychobillys*, rastafáris, *skinheads* (os tradicionais, do movimento cultural) e skatistas em interação e não havia qualquer tipo de violência até aquele momento.

Campeonato de Topetes - A profusão de tribos urbanas no ABC criou um ambiente favorável para o comércio especializado em música, no qual se podiam encontrar discos das bandas preferidas de todos os estilos. Em Santo André, havia uma loja de *heavy metal*, a Metal, outra de punk rock, a Vaticano, além dos emblemáticos estabelecimentos especializados e segmentados da cultuada Galeria do Rock, no centro de São Paulo. Porém, não existiam lojas com o perfil cultural *rockabilly*¹. Surgiu, então, a oportunidade para Rick preencher esta lacuna de mercado e abrir uma loja identificada com o ícone do *rock'n'roll*, Elvis Presley.

Na década de 1980, houve grande difusão do movimento *rockabilly* em todo o mundo, inclusive no ABC, onde a loja de discos Rick'n'Roll capitaneou a expansão desse estilo. Na vitrine mais “subterrânea” de São Caetano eram ostentados os discos raros de Rick nos estilos *rockabilly*, *psychobilly*, *blues*, *country* e *surf music*. A loja era ponto de encontro da moçada e, como uma grande jogada de mestre, Rick criou um evento que tinha a missão de criar público e aglutinar os amantes de *rock'n'roll*: o Campeonato de Topetes. Elvis Presley, Bill Harley, Johnny Cash, Gene Vincent e Jerry Lee Lewis, ídolos do *rockabilly*, e os novos grupos de *neo-rockabilly*, como Stray Cats, The Polecats e Matchbox, reinavam absolutos nos domínios do Rick'n'Roll.

O primeiro Campeonato de Topetes aconteceu nas dependências da loja em 1988 e teve a participação de topetudos de toda a região, que concorreram nas categorias: clássico, volume e criativo. Até aquele momento, não havia a modalidade feminina, sendo, em princípio, exclusivamente um evento do universo masculino. Na primeira edição do concurso, diversas bandas consagradas, como Eddy Teddy, Kães-Vadius e Garotos Podres, se apresentaram, e participaram do corpo de jurados. Em 1991, ocorreu a segun-

da edição da disputa, que obteve grande repercussão na mídia, chamando a atenção da produção do programa *Jô Soares Onze e Meia*, que fez o convite para Rick e os 12 finalistas participarem de uma divertida entrevista.

Em 1995, essa ideia insólita serviu de inspiração para a escritora Glória Perez criar um personagem topetudo para a novela *Explode Coração*. “Esse momento me rendeu um convite da produção da TV Globo para participar da novela e entregar o troféu do Campeonato de Topetes do Rio de Janeiro ao personagem Bebeto a Jato, interpretado pelo ator Guilherme Karan. Em 1994, houve a terceira edição do Campeonato de Topete, realizada no Serviço Social do Comércio (Sesc) de São Caetano, que teve a novidade de contemplar a categoria feminina. No encerramento, o Sesc promoveu um evento em que se narrava a história do *rockabilly*, com a partici-

Ricardo Martins e os integrantes da banda João Penca e Seus Miquinhos Amestrados exibem seus topetes na ocasião da gravação da novela *Explode Coração*. Da esquerda para direita: Bob Galo, Rick'n'Roll, Big Abreu e Avelar Love. Foto de 1996



Foto: Ricardo Martins de Souza



Foto: Ricardo Martins de Souza

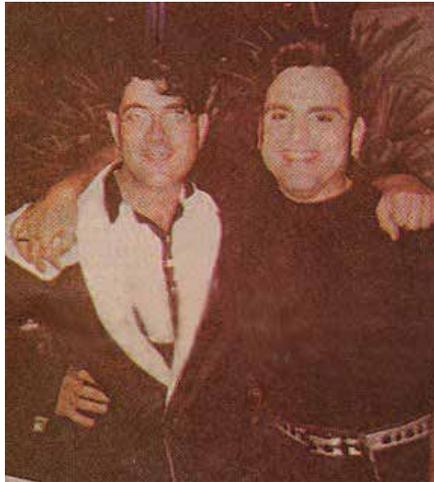
Da esquerda para direita: Gilmar, Baby Franky, Alexs Rocker, Plowska e Rick'n'Roll, no programa *Jô Soares Onze e Meia*, em 1991



Arquivo/Ricardo Martins de Souza

Terceira edição do Campeonato de Topetes no Serviço Social do Comércio (Sesc), em São Caetano do Sul, em 1994. Da esquerda para direita: Daniel, Douglas, Pulga, Jean Presley, Ivonete, Wagnão, Vivi, Alexs Rocker e Paulo

Rick'n'Roll e o ator Guilherme Karan, que interpretava Beбето a Jato, nos bastidores da gravação da novela *Explode Coração*, exibida pela TV Globo entre 1995 e 1996



Arquivo/Ricardo Martins de Souza

pação de vários artistas, como Tony Campello, Baby Santiago, Demétrius e tantos outros que participaram da primeira fase do rock brasileiro. Por fim, o campeonato foi encerrado com um show do João Penca e seus Miquinhos Amestrados. Foi bárbaro!”, recorda. E completa: “Decorridos mais de 20 anos, estou programando o 4º Campeonato Nacional de Topetes. A primeira eliminatória ocorreu em São Paulo, no dia 13 de junho de 2015, no Mary Pop Club, com a participação de *rockers* nas categorias masculina e feminina. Para a grande final, estou programando um show com o grupo carioca João Penca e Seus Miquinhos Amestrados”, conta.

Hoje, apesar da falta de reconhecimento e incentivo cultural, os *rockers* continuam desfilando com atitude e elegância. Prova concreta é o surgimento de novas gerações e a disseminação de grupos de *rockabilly* e *psychobilly* que

estão espalhados por todo o Brasil levantando a bandeira do imortal *rock'n'roll*.

Novela *Explode Coração* - Rick'n'Roll via com desconfiança as mudanças de comportamento e do mercado fonográfico na década de 1990, sendo avesso ao abandono do LP, que estava sendo substituído pelo CD. O *rockabilly* sempre foi mantido como identidade da loja, mas as demais tribos urbanas mais radicais também eram reverenciadas e bem-vindas. A restrição era direcionada aos artistas pop demasiadamente mercadológicos. “Nunca perdi o foco do *rockabilly*, que sempre foi o carro-chefe da loja, mas agregava à identidade da loja todas as outras tribos urbanas. Eu não vendia discos da Xuxa, nem da Madonna, nem do Michael Jackson. Eu era bem radical e purista, focado na musicalidade das tribos, cujos comportamentos refletiam um pensamento contestatório e irreverente”, confessa.

Por volta de 1995, Rick começou a sentir as mudanças do mercado fonográfico com o declínio do LP. “Senti que estava derrapando comercialmente, porque não acompanhava as novas tendências de mercado”, relata. O último suspiro da loja veio por meio de uma situação inusitada, quando Ricardo Martins foi convidado para participar da novela global. “Quando a novela foi exibida, em 1995, notei que o personagem Beбето a Jato demonstrava várias semelhanças comigo, e que seu núcleo, em Jacarepaguá, se identificava com o ABC, por ser uma região suburbana, cenário para o movimento *rockabilly* e onde se tinha um certo Campeonato de Topetes. Então, resolvi processar a Rede Globo, pois achei que eles estavam se aproveitando de todas as circunstâncias que eu e meus amigos havíamos criado no ABC. Eu tinha toda essa história documentada. Entrei em contato com o *Estado de S. Paulo*, com a *Folha de S. Paulo* e o *Diário do Grande ABC*, que contataram a produção da novela. Para a minha surpresa, fui con-

vidado a fazer parte do elenco de *Explode Coração* como ator coadjuvante - uma vez que não tenho formação de ator -, para representar o consultor musical do personagem do Guilherme Karan. Assim, o processo sequer foi levado adiante”, recorda.

Após essa divertida história, Rick acabou fechando as portas de seu “museu fonográfico”. Por mais de dez anos, de 1996 até 2008, trabalhou na assessoria de cultura do município - que se transformou em Secretaria Municipal de Cultura -, na produção de eventos, shows e projetos, como o *Música na Praça* e o *Música na Rua*, que tinham o objetivo de agitar a cidade por meio da música e valorizar o trabalho de músicos locais.

Livro *Rockabilly Brasil* – Mais recentemente, no início de 2016, Rick’n’Roll ganhou destaque no livro *Rockabilly Brasil*, escrito por Eduardo Molinar. A obra apresenta a evolução do *rockabilly* no Brasil e no mundo, com capítulos que trazem histórias de diversos integrantes do movimento e lugares da cena *rocker*. Rick e sua presença cultural no ABC estão contemplados em oito páginas, entre textos e fotos. “O ABC paulista, e consequentemente Rick N Roll, foram marcos importantes na história do movimento no Brasil, tanto como formadores de uma iden-

tidade ganguista como na distribuição de informação musical vinda do exterior aos jovens *rockers* que continuam surgindo”, opina o autor.

Nostalgia e reinvenção: preciosidades da loja de discos Rick’n’Roll – Recentemente, ao perceber uma bolha de consumo por parte das novas gerações, Rick se sentiu novamente confiante para reabrir sua saudosa loja. Inicialmente, colocou seus discos à venda, porém tendo como principal objetivo colocá-los como objetos de apreciação da história da música pop para as novas gerações. “A maioria dos discos originais da minha coleção não é vendida, mas tiro cópia em CD para quem quiser escutar a partir do original”, explica. “Há itens que possuem um valor inestimável para mim. Uma coleção exige diversos critérios, como o estado de conservação, um diferencial na capa ou no encarte, possuir elementos de raridade que possam tornar o objeto distinto. O disco em si não é apenas uma ‘bolacha’ redonda, ele se torna desejável de ser colecionado por diversos atributos, a raridade, a época, o ano em que foi prensado, o selo”.

São inúmeras as preciosidades e curiosidades da loja de Rick. “O CD é uma mídia híbrida, compramos, trocamos, gravamos e regravamos, con-

tudo não se trata de um objeto essencialmente colecionável, pois não tem uma contextualização histórica que o distinga. Hoje é possível até reproduzir uma capa de CD, assim como seu encarte, baixando a imagem da internet. O LP, mais do que nunca, voltou a ter um valor comercial tremendo, os antigos custam entre 30 e 500 reais, conforme sua raridade. Há um público grande que me procura para colecionismo. Eu ainda sou meio antiquado, prefiro que venham até a minha loja do que divulgar e vender simplesmente pela internet. E o que eu acho mais interessante são as novas gerações. O perfil dos novos consumidores é diferente do pessoal da minha geração, que hoje tem em torno de 50 anos. Os antigos amantes da música e dos discos já os colecionaram e hoje não estão mais preocupados, em sua maioria, em mantê-los. Muitos venderam parte de suas coleções de discos, nem estão preocupados em ter os CDs, preferem ouvir música nos novos suportes tecnológicos. Tenho todo meu acervo digitalizado. Hoje não há mais preocupação com o invólucro estético da música. As pessoas estão interessadas no acesso à música, inclusive a ter versões especiais que não podem ser baixadas da internet”, comenta.

Antigamente, ouvir um

disco na vitrola envolvia quase uma prática ritual. A cerimônia podia ser num sábado à noite, durante a visita a um amigo em sua casa, quando se levava, a tiracolo, dois ou três discos para partilhar aquele momento. Outro amigo também levaria outros discos prediletos. E todo mundo se reuniria em torno da vitrola para escutar música, que era tocada com aquele chiado encantador. A cerimônia, que foi repetida por milhares de vezes, por muitos e muitos grupos de amigos, nas décadas de 1970 e 1980, seria regada a muito vinho barato, e o momento mágico seria imortalizado na memória dos amigos. A reunião seria uma verdadeira viagem sideral, a capa do disco suscitaria muitas conversas, pois continham mensagens subliminares na época. Tudo isso fazia parte do ritual do disco. Existia uma aura de agregar pessoas em torno da prática de ouvir música e ter determinados LPs. O disco na vitrola se tornava um objeto sagrado. Exigia silêncio, solenidade para apreciar o chiado do vinil. Na hora em que se tocava uma música, ninguém falava. Todos a ouvir o solo de guitarra, a presteza deste ou daquele baterista, o efeito incrível do sintetizador. O intervalo de uma música para outra, tudo isso era algo a ser contemplado pelos amantes da música, sobretudo pelos admiradores do vinil. Tudo era objeto de adoração.

Toda essa esfera nostálgica vem sendo revisitada por alguns jovens. Alguns álbuns são lançados na versão de LP, mas o custo é altíssimo em comparação ao CD e à facilidade de se baixar música pela internet. “Hoje a música é para dançar ou para namorar. Música para viajar, para se permitir se perder na própria imaginação, nos sons, como ocorre com o rock progressi-

vo, é coisa de outra geração. Pink Floyd é música cerebral, feita para perceber a própria música, ao contrário do punk, que é barulho, visceral, muscular, rítmico, música para bater os pés, para movimentar o corpo. Durante certo período, nós éramos mais líricos, porque nos interessávamos mais pelas melodias do que puramente pelo ritmo. Dentre as preciosidades da minha coleção, tenho um disco autografado pelos The Diamonds. Possuo vários discos dos Stray Cats, que hoje estão fora de catálogo. Essa é uma banda de *rockabilly* muitíssimo cultuada entre os *rockers*, além dos discos do The Opp e das sequências da trilha sonora do filme *American Graffiti*. Hoje o *rockabilly* não é mais meu estilo favorito, mas ainda tenho muito carinho por ele. Como apreciadores de música, temos o direito de mudar nossas preferências com o tempo. Tenho muita coisa do rock da década de 1970, como Alice Cooper, Deep Purple, Zapter, Grandfunk, Yes, Frank Zappa, do final da década de 1960, todos os discos do Jefferson Airplane, Jimi Hendrix, Janis Joplin, The Who, muitas coisas de *blues*. Tenho um setor na loja só destinado às cantoras desse estilo, como Ella Fitzgerald, Joanne Heriet, Shirley Darcy,

Sarah Vaughan, e também muitos itens de *soul* e *reggae*. Enfim, voltei para chacoalhar o mercado, para mostrar que São Caetano do Sul tem potencial cultural, pois há o interesse das novas gerações em pesquisar música, esta moçada gosta da ideia nostálgica do culto do vinil, por ser uma referência artística e cultural, e, principalmente, estética.”, explica Rick. “Vencemos todas as barreiras da andropausa! Estamos moderninhos novamente”, brinca.

A loja de discos Rick'n'Roll marca a história de uma época, de uma geração do ABC. Rick'n'Roll convida os sul-são-caetanenses e os transeuntes de todos os cantos a visitar seu memorial fonográfico e fazer uma mágica viagem pelo túnel do tempo da história da música e pelas memórias de uma época de utopias, sonhos e liberdade. **R**

NOTA

¹ *Rockabilly* é um dos primeiros subgêneros do *rock and roll*, tendo surgido no começo da década de 1950. O termo *rockabilly* é um *portmanteau* de *rock* e *hillbilly*, este último referência à música *country* (que costumava ser chamada de música *hillbilly* nos anos 1940 e 1950), que contribuiu enormemente com o desenvolvimento do gênero.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FRIEDLÄNDER, Paul. *Rock and Roll - Uma História Social*. São Paulo: Record, 2002.
 MARCHETTI, Paulo. *O Diário da Turma: 1976-1986 - A História do Rock de Brasília*. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2001.
<https://www.youtube.com/watch?v=5wqXfzzIfBg>
 MOLINAR, Eduardo. *Rockabilly Brasil*. Santa Maria: Edição do autor, 2016.

MARIANA ZENARO

É JORNALISTA, HISTORIADORA, ESPECIALISTA EM BENS CULTURAIS PELA FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS (FGV-SP) E PÓS-GRADUANDA EM ARTE: CRÍTICA E CURADORIA PELA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO (PUC-SP).



Arquivo/Marcia Cardoso

Família Cardoso. Da esquerda para a direita, em pé, vemos: Manoel Angelo, Antonio, José Maria e Matheus Cardoso. Sentados, estão: Nicolasa Martin Del Rey, Isabel Maria, Manoel Cardoso, Amélia e Lucio

cavalos, teve também, posteriormente, coelhos, cabras e porcos. Produziu e vendeu leite, frutas, verduras e até flores. Tais atividades fizeram com que ele se tornasse um homem muito conhecido e respeitado. Segundo a revista *Famílias Ilustres e Tradicionais de São Caetano*, quando chegou à cidade, só havia um espanhol, Casemiro Alonso, que era maquinista da estrada de ferro, e os imigrantes italianos. Devido a sua boa convivência com a colônia italiana e a facilidade com a qual aprendeu o idioma, pessoas apostavam que S. Cardoso, como era conhecido, era italiano.

Aos 46 anos, casou-se com Nicolasa Martin Del Rey, uma espanhola de 20 anos de idade. Ela havia chegado como imigrante da Espanha havia apenas dois anos, e, na época, morava no Bairro do Brás, em São Paulo. A cerimônia de casamento de Cardoso e Nicolasa realizou-se no dia 29 de maio de 1915, na Igreja do Brás e, segundo detalhes fornecidos ainda pela revista *Famílias Ilustres e Tradicionais de São Caetano*, os noivos e convidados vieram para a festa em um vagão de trem reservado e, chegando à Estação de São Caetano, já havia cocheiros à espera do casal para fazer o percurso até a Rua Virgílio de Resende (atual Rua João Pessoa), nº 43, onde uma grande festa os aguardava com direito à banda, gramofone, sanfoneiro, muita comida e frutas da chácara. A festa começou no sábado e acabou somente no final da tarde do domingo.

Foto/Fátima Scatá Salmieri (FPMACS)



Arquivo/Marcia Cardoso



Arquivo/Marcia Cardoso

Lucio, filho de Manoel Cardoso, fantasiado de 'ferido', em foto da década de 1930

Manoel Cardoso e o caçula, Lucio, no dia de sua primeira comunhão, em 18 de junho de 1939, dias antes de falecer



Amélia Cardoso, filha de Manoel Cardoso, em entrevista cedida à Fundação Pró-Memória em 22 de outubro de 2015

chegando até a exportar o que produzia. Como agricultor, fazia enxerto nas frutas, técnica trazida de Portugal. Trabalhou também como feitor na Estrada de Ferro São Paulo Railway, na construção da Estação da Luz, foi um dos primeiros leiteiros na cidade, e, com seus dois coches, foi pioneiro dos transportes coletivos. Exerceu, ainda, atividade como massagista, sendo esta a que mais marcou sua trajetória, ficando conhecido na cidade como “o homem que consertava braços e pernas quebrados”. Cardoso possuía vacas e

Segundo Amélia Cardoso Borelli, uma das filhas do casal, seus pais tiveram, no total, nove filhos, sendo que dois morreram logo após o nascimento. Os outros sete eram: José Maria, Manoel Angelo, Antonio, Matheus, Isabel Maria, Amélia e Lucio. Conforme Amélia relata, hoje só as mulheres ainda estão vivas e ambas residem na cidade de São Caetano. No brio de seus 89 anos, Amélia nos ajuda a compreender melhor quem foi Manoel Cardoso e qual a importância que ele teve na cidade e para todos aqueles que o conheceram: “Quando

aconteceu a Revolução de 1932, os trens paravam na estação e todos que ali desciam eram acolhidos por meu pai, que fornecia água e frutas. Mas lembro-me que por ser muito exigente com a higiene do poço, com medo de alguma contaminação, não deixava que ninguém mexesse nem encostasse lá, fazia questão dele próprio pegar a água para dar às pessoas. Na época, existiam algumas casas para alugar na Rua Amazonas e era ele quem tomava conta delas para os proprietários e, assim, ganhava alguns trocados. Mas ficou conhecido mesmo por ‘arrumar fraturas’. Muitas pessoas o procuravam. Ele não cobrava nada por isso, mas sempre recebia alguma coisa como forma de agradecimento”, conta Amélia.

Ela lembra com tristeza que tinha apenas 12 anos de idade quando seu pai faleceu e que, por infelicidade do destino, no mesmo dia do aniversário de 10 anos de seu irmão caçula, Lucio, em 1º de julho de 1939, em decorrência de um processo alérgico que evoluiu para choque anafilático.

Outro fato singular que Amélia nos conta é que seu pai, antes de se casar, já era conhecido de Matheo, pai de Nicolasa. Frequentava uma barbearia no Brás, onde, no fundo do terreno, ficava localizada a casa de Nicolasa. E que Cardoso era um ano mais velho que o sogro, Matheo.

Desígnios da vida – Outra pessoa que se dispôs a conversar conosco, fornecendo fotos da família, contribuindo com informações importantes para a reconstrução dessa história, é Marcia Cardoso, filha de Lucio, o caçula de Manoel Cardoso. Demonstrando grande interesse e paixão pela história de seu avô e de seu pai, decifra alguns impasses que contribuem diretamente para o desfecho dessa história. A começar pela pergunta: “Onde Manoel Cardoso aprendeu os princípios da ortopedia, profissão essa que o fez um homem tão respeitado na cidade?”

Marcia esclarece que tudo que seu avô aprendeu foi quando ainda prestava serviço no

exército em Coimbra: “Meu tio José Maria conta que, em uma noite em que meu avô estava de sentinela, apareceu uma senhora que era muito importante na cidade pedindo para adentrar onde eles estavam, pois necessitava falar com um soldado. Mas a ordem que eles tinham era a de não deixar ninguém entrar! Então, esta senhora falou com o primeiro soldado que encontrou, mas não deu certo. Insistentemente, foi em direção ao meu avô, que se comoveu com sua história e, sem pensar nas consequências que poderia sofrer, a deixou entrar. Mas, o que meu avô não podia imaginar, é que esta senhora voltaria a lhe procurar, posteriormente, para ajudá-lo”, narra Marcia, que continua: “Como forma de agradecimento, ela colocou meu avô para prestar serviço militar num hospital de Portugal, onde permaneceu durante três anos, aprendendo, na prática, os princípios da ortopedia”.

No entanto, Cardoso preferiu não repassar tal aprendizado para os filhos, poupando-os, pois sabia que teriam de aprender na prática, assim como ele o fez. Tamanha é a admiração que Marcia possui pela conduta de sua família que nos revela uma das frases preferidas de seu pai, Lucio. Frase esta que justifica o “estado de alma” onipresente na cultura portuguesa, preservado e transmitido por meio da empática essência e ideais de seu avô, Manoel Cardoso, e que, generosamente, herdou: “Quando eu lhe estendo a minha mão, você, ao longe, poderá vir até mim, ou se confundir e acenar-me dizendo adeus. De qualquer forma, houve um contato entre nós...” Isto posto, cabe a cada um reconhecer o que em nós tornou-se intrínseco. **(Talita Scotá Salvatori)R**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FAMÍLIAS Ilustres e Tradicionais de São Caetano do Sul. Vol. I, set. 1992, p. 31-33.
 JORNAL Diário do Grande ABC. Suplemento Especial, p. 33, 28 jul. 1990.
 MEDICI, Ademir, *Migração e urbanização*: a presença de São Caetano do Sul na região do ABC. São Paulo: Hucitec; São Caetano do Sul: Prefeitura de São Caetano do Sul, 1993.
 NOVAES, Manoel Cláudio. *Nostalgia*. São Paulo: Meca; São Caetano do Sul: Prefeitura de São Caetano do Sul, 1991.
 OLIVEIRA, Carla Mary da Silva. *Saudades d'Além-Mar*: a revista Lusitana e a imigração portuguesa no Rio de Janeiro (1929-1934). João Pessoa: Editora da UFPB, 2013.
 SITE
<http://museudaimigracao.org.br/>. Acesso em: mar. 2016.

NOTAS

- ¹ Definição do sociólogo espanhol, Manuel Castells Oliván, para o conceito de identidade (1999:22).
² MUSEU DA IMIGRAÇÃO. *Livro de Registro do Memorial da Imigração*. São Paulo, n. 19, p. 206. Disponível em: www.museudaimigracao.org.br.

Neusa Schilaro Scaléa

Aspectos de saúde na memória da propaganda

A propaganda¹ é um campo imenso e universal e sua atuação deve ser fonte de estudo, pesquisas e atenção por parte dos educadores. Estes podem levar o educando a perceber que a aceitação, sem questionamentos das afirmações e das inúmeras formas de convencimento utilizadas pela publicidade, pode ser desvendada, entendida sob o ponto de vista do produtor, ou seja, do interessado no *convencimento* do consumidor. Assim, a publicidade interessa a todos, e desvendar seus *segredos* é um exercício bastante interessante.

Vamos falar um pouco sobre a importância da propaganda, com a intenção apenas de levar o leitor a entreter-se, promover alguma discussão e, talvez, propiciar constatações futuras. As ilustrações selecionadas para este artigo podem ainda estar presentes na memória de muitas pessoas, mas sua função aqui é servir de referência e de exercício para descobrir as datas de sua produção. Elas denunciam sua datação, não só devido ao produto que anunciam, mas também por sua própria confecção: desenho, cor, fotografia², impressão, texto, tipologia, etc. Nada é tão datado como a publicidade, o reclame. O *design* sempre em busca da inovação torna-se ultrapassado em pouco tempo. Diferentemente de uma obra de arte, a peça publicitária tem prazo de validade – por vezes mais curto até do que o produto que anuncia.

Mas, sem maiores pretensões, é divertido para a memória rever as ilustrações das peças de publicidade e associá-las à nossa própria experiência pessoal. No final do século 19 e início do 20, o Brasil era um país onde a maioria da população ainda não

havia despertado para preocupações como conforto, bem-estar e segurança. A popularização do cinema começou a difundir novos comportamentos, inovações na vida cotidiana, criando modismos que, antes, só chegavam aos que viajavam para o exterior ou tinham acesso às publicações internacionais. Mas esses eram poucos. Os jornais difundiam notícias e o rádio chegou como uma forma de diversão doméstica e de comunicação com o mundo. A propaganda estava ainda atrelada aos processos políticos, à censura e aos interesses “nacionais”. Mas não vamos entrar no campo da mal disfarçada publicidade oficial. Concentremo-nos unicamente na livre iniciativa...

Saúde: alimentação e higiene e os reclames - Um país em desenvolvimento, procurado pelo mercado internacional para introduzir seus produtos, sem os meios, mídias ou recursos atuais, tem como alternativa fazer um trabalho educativo, demonstrando as vantagens do consumo de determinados produtos.

A General Motors chegou ao Brasil quando as cozinhas dos lares brasileiros possuíam um móvel denominado *guarda-comida* e as geladeiras eram abastecidas com pedras de gelo, entregues nas residências pelo geleiro (que, depois, desapareceu, assim como o carvoeiro, o batateiro, o funileiro, o amolador de facas e outros). O automóvel e a geladeira seriam hoje classificados como objetos de desejo...

Conforto, posição social respeitável, roupas requintadas, melhores condições de trabalho, sucesso pessoal e profissional, ensino qualificado, boas relações familiares já faziam parte dos desejos pouco expressos, mas muito fortes e detectados pelos pu-

QUANDO ELAS CONVERSAM

... dizem com naturalidade e franqueza, problemas que as suas avós já não se atreviam a mencionar! Como por exemplo a higiene pessoal e a importância de escolher os produtos mais confortáveis. É por isso que as raparigas modernas de todo o mundo usam **MODESS**.

Modess SUPERSOFT
Johnson & Johnson

MODISS o absorvente de maior qualidade

Credito: www.santitasilva.com

Para conseguir o verdadeiro Oleo de Fígado de Bacalhão, guie-se por esta marca

O preparado que contem o oleo puro, em forma saborosa e de facil digestão, e no qual se pode ter a maxima confiança para crear saúde e robustez.

Emulsão de Scott
RICA EM VITAMINAS

Blog do Iba Mendes

CAFIASPIRINA
O REMEDIO DE CONFIANCA

CONTRA DORES E RESFRIADOS

BAKER

Acervo/ Blog Anos Dourados

blicitários, que os utilizavam em imagens e frases de efeito. Foi então que as mudanças dos comportamentos sociais por conta da propaganda começaram a aparecer e a influenciar extraoficialmente a história do país.

A Johnson & Johnson trouxe ao Brasil o absorvente higiênico descartável *Modess*. A propaganda era direcionada e discreta, folhetos eram remetidos via correio a quem os solicitasse por carta para orientar mães e filhas nesse momento de mudanças importantes de suas vidas.

Dessa mesma empresa, o bebê passou a ter produtos especialmente criados para lhes dar um agradável e suave perfume. Sabonetes delicados, talco e óleo para evitar assaduras já estavam à disposição das mães. O cheirinho foi certamente resultante de pesquisas e experimentos dos laboratórios dessa empresa para 'prender pelo nariz' mamãe, papais, vovós...

Naqueles primeiros anos, ainda estávamos longe da quantidade de produtos dedicados (sacolas, fraldas, mamadeiras, roupas, sapatos, carrinhos, brinquedos, chupetas, móveis, lustres, etc) que formam um enorme arsenal em torno da pequena figura. Podemos até perguntar como a humanidade sobreviveu tendo uma infância sem todos os periféricos que hoje são fundamentais para o bom desenvolvimento de um bebê humano!

Sim, bebês humanos, porque a grande indús-

tria de alimentos e produtos para a saúde e o conforto dos *pets*, ou seja, dos animaizinhos de estimação, tornou-se tão gigantesca que nem mais precisa de peças de propaganda, bastando para isso as incontáveis imagens desses seres nas redes sociais e a presença dos sempre alertas patrulheiros, em defesa dos bichinhos...

Voltemos aos reclames. Quem poderia imaginar, nos dias de hoje, em fazer propaganda para engordar pessoas? Pois ainda em pleno século 20, como resquícios do passado, ainda persistiam no imaginário popular uma relação íntima entre o físico robusto e a saúde. A nobreza sempre foi retratada (pintada) com formas arredondadas; reis eram rechonchudos, e o ideal feminino de beleza, ou seja, de saúde estava diretamente ligado ao peso corporal. Muitos anos foram precisos para que essa associação entre riqueza/robustez fosse mudada. Isso justifica essas peças de publicidade que encontramos.

O personagem Jeca Tatu, criado por Monteiro Lobato para ilustrar (ou até justificar) o comportamento aparentemente preguiçoso de um morador do campo, defende a ideia de que a pretensa lentidão do caboclo se deve à contaminação por vermes, que a *Ancilostomina Fontoura* combateu com sucesso. O personagem de Lobato teve ainda o mérito de chamar atenção para as más condições de higiene e a insalubridade no campo. Hoje parece que tudo mudou, sendo que essas condições não estão mais

restritas às zonas rurais, mas presentes também nas periferias das cidades.

Embora crido em 1921, somente anos mais tarde, o Biotônico Fontoura (produto eminentemente nacional, que prometia suplementar a alimentação com vitaminas, além de possuir um agradável sabor de licor) passou a ter boa aceitação. Fazia frente aos *fortificantes* importados, como a famosa 'Emulsão de Scott' - óleo de fígado de bacalhau, fonte de vitaminas e cálcio. A propaganda desse produto era bastante inovadora: algumas farmácias ostentavam uma figura em tamanho natural de um pescador com um enorme bacalhau nas costas. Imagem totalmente importada e exótica para nossos padrões, mas fundamental nos países com invernos rigorosos (isso antes do aquecimento global...).

O Xarope São João impressionava os usuários de bondes com uma peça publicitária que apresentava um desenho com um rosto expressivamente transtornado tentando tirar uma venda de sua boca, acompanhado pela legenda: 'Largue-me, deixe-me gritar!'. Ao mesmo tempo, no rádio, era veiculado um anúncio que perdurou por anos nas conversas: ' - Aqui quem fala é o Xarope São João... Fugiu hein...'

Aliás, a propaganda - mais por necessidade do que por altruísmo - buscava educar. Os cremes dentais Kolynos produziram desenhos animados cujo personagem (evidentemente um saudável tubo de creme dental) transformava-se em um guerreiro para expulsar as bactérias que se instalavam na arcada dentária. Uma figura simpática e forte que deixava os dentes limpos e brilhantes. Esses desenhos animados eram exibidos em praças públicas e em sessões de cinema com comédias de Abbot e Costello, e Stan Laurel e Oliver Hardy (o Gordo e o Magro), para onde afluíam pais e filhos ao anoitecer dos sábados ou domingos.

'Melhoral, Melhoral é melhor e não faz mal. Pílulas de vida do Dr. Ross fazem bem ao fígado de todos nós. Aspirina é Bayer e se é Bayer é bom'. Desta forma, as dores já podiam ser minimizadas,

ou mesmo eliminadas, e os antipiréticos e analgésicos ganhavam espaço publicitário quase sempre com sobriedade, mas de forma intensa, sendo que até hoje seus nomes são referência e sinônimos de alívio e bem-estar.

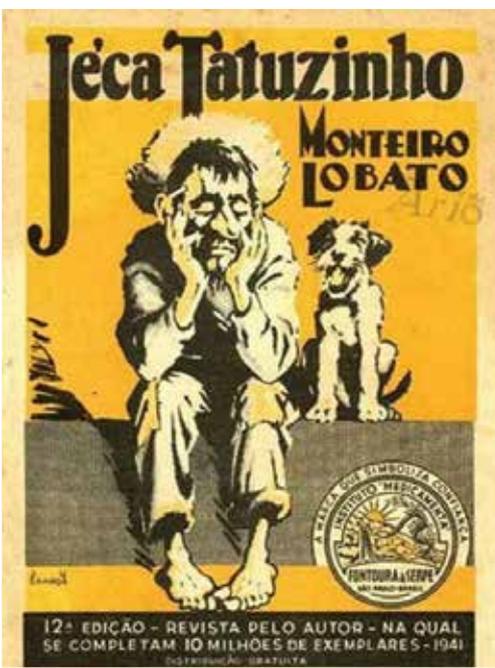
Os sabonetes buscavam o público feminino, em especial, com campanhas nas quais atrizes famosas declaravam o uso do sabonete Lux, Palmolive ou Gessy. A limpeza associada à beleza.

Os anúncios - Interessante observar que as pessoas, mesmo sabendo que os anúncios publicitários utilizavam fantasia e imaginação, além de outros sentimentos, para transformá-las em consumidores, ainda assim, apreciam e, na maioria das vezes, não demonstram rejeição a essas mensagens, geralmente ilustradas e preparadas justamente para atingir a maior parcela possível da população.

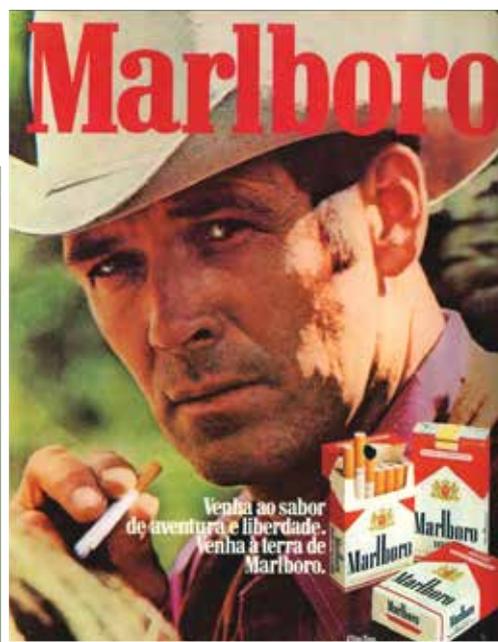
Os profissionais de publicidade são ágeis em adequar os apelos publicitários ao tempo, ao momento presente e ao público-alvo. Hábeis em detectar alegrias, decepções, surpresas, modismos novidadeiros, anseios e vontades. Produzem peças bem acabadas que possam obliterar o pensamento, o senso crítico, ou mesmo induzir a conclusões que não sejam do interesse único de levar o sujeito a consumir aquilo que a eles interessa.

Assim, como não poderia deixar de ser, imagens criadas com finalidades totalmente práticas passam a fazer parte da memória individual e coletiva. Sem perceber como e por que as pessoas são influenciadas por criações de personagens de ficção, frases de efeito, associações entre ser e fazer, inclusão social pelo vocabulário, expressões novas e *designs* que evoquem sentidos ou sentimentos por vezes diretos e claros e, por outras, não tão explícitos.

A guerra ao tabaco: uma questão de saúde pública - A *terra de Marlboro* foi sucesso em propaganda de cigarros que associava a pretensa vida livre e aventureira do vaqueiro americano ao consumo de



Credito: Blog Logística Hospitalar e Saúde



Credito: Blog Memórias Osvaldo Hernandez



Credito: www.planoformina.com.br

cigarros, mostrando um modelo de ser humano bonito, destemido, vivendo ao ar livre, saudável e forte. Com a charmosa rudeza de alguém seguro e dono de si, fumava com elegância e charme.

Mas essa peça publicitária, que obteve grande sucesso, chegou no momento em que foram delatados os processos químicos e as substâncias deletérias para o organismo humano, utilizadas na fabricação de cigarros. Pesquisas sérias e rigorosas foram divulgadas e passaram-se a exigir dos organismos governamentais atitudes de prevenção e difusão dessas informações, que contrariavam, sobremaneira, os anúncios dos protagonistas anônimos, mas imensamente saudáveis...

Em contrapartida, não tardaram as charges que mostravam a *terra de Marlboro* como um cemitério, cheios de cruces e seres humanos depauperados. Para que isso ocorresse, contribuíram razões subliminares como a prevenção de certos setores da sociedade contra os paradigmas dos Estados Unidos, juntando-se, assim, a preocupação com a saúde pública e a legítima exigência de providências para prevenir os males do cigarro, com as facções políticas que desejavam muito derrubar a figura mítica do cowboy.

Mister Marlboro saiu de circulação e não se sabe exatamente quantos males provocou. Tempos depois, as carteiras de cigarro passaram a conter

mensagens elucidativas dos efeitos do fumo. Nos Estados Unidos, surgiram pessoas que voluntariamente se engajaram em movimentos contra a forte indústria do tabaco. Sofreram pressões, mas continuam a manter suas posições, fazendo palestras em universidades, unindo pessoas para pressionar seus representantes na Câmara e no Senado americanos, enfim, agindo com a liberdade verdadeira, não ilusória, como a que proclamava o vaqueiro de *Malboro Country*. Não é sempre que campanhas patrocinadas por gigantes da indústria se submetem às exigências da saúde.

No Brasil, a propaganda demorou algum tempo para se engajar na luta contra o tabagismo. As campanhas eram realizadas por médicos e cientistas que tentavam conscientizar a população dos perigos do tabaco. Posteriormente, até os cigarrinhos de chocolate caíram em desgraça, assim como o simpático garotinho com um cigarrinho na mão. A Chocolate Pan e a Copenhagen os eliminaram de suas linhas de produção.

Mas nem sempre a publicidade é contestada. Ninguém pode saber tudo e, dificilmente, as pessoas têm tempo ou interesse em checar se o leite é mesmo vitaminado, se o chocolate tem a porcentagem de açúcar que declara ou o quanto de glúten está inserido na farinha. Os rótulos têm um controle um pouco mais rigoroso, mas a publicidade - seja



Arquivo/Blog Reclames do Estudante

em vídeos, seja impressa - tem regras que devem ser seguidas. Por exemplo, você não verá uma pessoa levar um copo de cerveja aos lábios e beber. É proibido. Mas você verá muitas cenas asso-

ciadas à alegria, ao prazer, ao bem-estar e ao sucesso junto às garrafas e aos copos borbulhantes e dourados de cerveja. Subliminarmente, vídeos mostrando a longevidade das cervejarias, processos antigos de fabricação, produtos *limpos* – no sentido de naturais, como o lúpulo e a cevada -, pretendem intuir que, ao longo dos anos, as pessoas beberam cerveja, induzindo assim que esses produtos não fazem mal à saúde, mas avisam que podem causar algo mais do que prazer e, por isso, lembram: *se beber, não dirija!*

Mas voltemos à memória. Algumas peças de publicidade do passado pareceriam inocentes – ou inofensivas - nos dias de hoje. Ainda mais as que promoviam produtos que provaram, com o tempo, possuir as qualidades anunciadas. Alguns souberam se adequar aos novos tempos.

Recentemente, na França, passou-se a questionar a Danone devido à divulgação enganosa que promovia e às campanhas maciças para venda de leite em pó, destinadas aos recém-nascidos, em especial, aos de países muito pobres, chegando ao ponto de venderem grandes quantidades aos governos desses países para distribuição gratuita à população! Mas os referidos produtos não continuam os nutrientes anunciados e necessários. No Brasil, profissionais da área de saúde solicitaram a retirada de circulação da mensagem de propaganda que divulgava que “um *Danoninho* vale mais que um bifinho”.

Atualmente, tornou-se comum a propaganda disfarçada de notícia, em especial na área médica, em que a seriedade, a sobriedade e mesmo a descrição são fatores importantes. Anúncios em vídeo utilizam o formato de documentário para apresentar

novos produtos destinados à saúde e ao bem-estar e são bem aceitos, principalmente, se apresentarem depoimentos de profissionais da saúde e pacientes satisfeitos com os resultados obtidos. Mas essa forma de propaganda pode ser mais perigosa, pois se torna menos fácil identificar se são verdadeiras ou falsas. Tanto que há uma regulamentação que obriga o produtor a deixar claro que se trata de publicidade. Mas, mesmo assim, algumas emissoras de TV ainda disfarçam a intenção comercial, tentando dar uma aparência respeitosa a mensagens que não têm outra meta senão a de vender seus produtos.

Na atualidade, há inúmeras formas de atingir o consumidor, um verdadeiro bombardeio de mídias e recursos para atingir seu âmago. Mas quando se fala em saúde é sempre recomendável consultar um profissional criterioso e esclarecido para obter a orientação certa e isenta de influências comerciais irresponsáveis. Tanto é que a venda de medicamentos sem prescrição médica é bastante rigorosa. Melhor assim. **R**

SITES PARA ACESSO A OUTRAS IMAGENS:

Revista *Vida na GM*
www.propagandas historicas.com.br
<http://www.almanaque.info/>
<http://edasuaepoca.blogspot.com.br>
<http://curitibaantiga.com/categoria/Propagandas-Antigas.html>
<https://copacabanna.wordpress.com/2010/09/10/comparando-propagandas-antigas-e-atuais/>
<http://marketingbhz.blogspot.com/p/propagandas-antigas.html>
<http://urbanascidadespoa.blogspot.com.br/2011/03/propagandas-antigas-cartazes.html>
<http://dudelamonica.blogspot.com.br/2013/02/propagandas-antigas-cartazes.html>
<http://casadoposter.com.br/posters/poster>
<http://dudelamonica.blogspot.com.br/2013/02/propagandas-antigas-cartazes.html>
<http://casacoiseoutros.blogspot.com.br/2012/09/na-penteadeira-da-vovo-parte-2.html>
<http://decawalfrid.com/2011/08/20/propagandas-antigas>
<http://www.webjor.com.br/blog/ao-que-parece-propagandas-antigas-nao-tinhamregulamentacao/>
<http://bigbearurso.blogspot.com.br/2011/03/propagandas-antigas-estados-unidos>
<http://historiadapublicidade.blogspot.com.br/2009/01/propagandas-antigas-de-fusca.html>
<http://gestaodelogisticahospitalar.blogspot.com.br/2011/12/propagandas-antigas-pomada-minan-cora.html>
http://gestaodelogisticahospitalar.blogspot.com.br/2014_06_03_archive.html
<http://marketingbhz.blogspot.com/p/propagandas-antigas.html>
<http://www.pescaki.com/topic/70303-alpargatas-roda/>
<https://propagandasdegibi.wordpress.com/2013/05/31/bis-lacta-1963/>
<http://www.memoria viva.com.br/ocruzeiro/prop309.htm>
<http://vip.abril.com.br/blogs/vip-vintage/memoria-viva-resgata-antigas-revistas-na-web/>
<http://www.culturamix.com/celebridades/propaganda-anos-80>
<https://www.pinterest.com/thiagomkt1/comerciais-antigos/>
<https://globalizar.wordpress.com/2011/04/01/50-cartazes-que-contam-a-historia-da-coca-cola/>
<http://www.proibidoler.com/imagens/propagandas-anti-magreza/>
http://garotas-vintage.blogspot.com.br/2013_06_23_archive.html

NOTAS

¹ O Conselho Executivo de Normas Padrão, um dos órgãos que regula a atividade publicitária no Brasil, considera publicidade como sinônimo de propaganda. Essa confusão entre os termos propaganda e publicidade ocorre devido à tradução dos termos da língua inglesa.

² Antes da fotografia impressa, as ilustrações eram desenhos e gravuras (principalmente, a litografia ou litogravura)

NEUSA SCHILARO SCALÉA

É FOTÓGRAFA, ESPECIALISTA EM CURADORIA E EDUCAÇÃO EM MUSEUS DE ARTE PELO MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (MAC-USP) E É COORDENADORA DA PINACOTECA MUNICIPAL DE SÃO CAETANO DO SUL.

Glenir Santarneckchi

João Ramalho:

precursor do Grande ABC

Após o descobrimento do Brasil em 1500, vários navios portugueses frequentavam as costas do nosso país para explorar suas riquezas, dentre elas o pau-brasil, que tinha valor comercial na Europa. Nessas ocasiões, muitos foram abandonados e degredados nas praias, outros naufragaram por desconhecer as costas brasileiras.

Um exemplo bem conhecido foi o de Diogo Álvares Correia, conhecido como Caramuru, que se incorporou perfeitamente à vida social dos indígenas. Correia contou com a sorte para sobreviver em terra firme. Aqui chegou em 1509, quando o navio em que viajava naufragou no litoral baiano. A maior parte da tripulação morreu afogada. Já os que conseguiram chegar à praia foram abatidos e esquartejados, assados e comidos pelos índios tupinambás.

Correia, atordoado, percebeu que os índios somente riam de seu aspecto, coberto de sargaços. Recebeu o humilhante apelido de *Caramuru* (moreia), peixe de aspecto gelatinoso que vive entre os recifes, à beira mar. Não entendendo o motivo de ter sido poupado, aproveitou a oportunidade para safar-se do perigo. Entre

os destroços do naufrágio, num segundo golpe de sorte, recolheu um mosquete e um pequeno barril de pólvora. Com a arma e munição secas, disparou um tiro certo para abater uma ave em pleno voo. Assim, ganhou o respeito dos nativos e conviveu durante anos com os indígenas, facilitando o contato dos primeiros viajantes europeus.

Aterrorizado, o cacique Taparica mostrou respeito ao branco, que mais parecia um deus, poderoso e barulhento. Tempos depois, deu sua filha Paraguaçu em casamento ao português e, com ela, Diogo deu origem a algumas das mais tradicionais famílias baianas.

Surge João Ramalho - Ao que se sabe, ao certo, é que João Ramalho era filho de João Vieira



Arquivo Museu Paulista da Universidade de São Paulo
Foto: Allan Sobrinho

Obra que retrata João Ramalho, de autoria de José Wash Rodrigues

Maldonado e Catarina Afonso de Balbode, naturais da cidade de Vouzela, distrito de Viseu (Portugal). Era casado com Catarina Fernandes das Vacas, a quem nunca mais viu depois de sua partida, em 1512, em busca da Ilha do Paraíso, como os portugueses denominaram a terra que viria a se chamar Brasil.

O sobrenome Ramalho suscitou dúvidas e a hipótese é a de que o apelido seria uma espécie de alcunha em virtude de sua espessa ou ramalhuda barba, como se dizia em Portugal de seu tempo. O nome familiar Maldonado sugeria ser, para os pesquisadores, um sobrenome típico dos cristãos convertidos do judaísmo.

Para João Ramalho, o futuro era *Pindorama*, na língua nativa, o que os colonizadores chamavam de Ilha do Paraíso, Terra dos Papagaios, Terra de Santa Cruz e, mais tarde, Vera Cruz. “Em *Pindorama*, aquele homem sem passado renasceu, com novo nome e nova identidade”, afirma o escritor Thales Guaracy no livro *A Conquista do Brasil – 1500 a 1600*. Segundo ele, João Ramalho foi chamado de *Pira-tininha* ou *Piratininga*, que, em tupi,

significa peixe seco, numa alusão ao homem que chegou do oceano sem se molhar e numa caravela, embarcação que, para os índios, era sobrenatural.

Foi encontrado pela tribo dos guaianases e logo se adaptou à vida nova, ganhando prestígio com quem vivia e a confiança dos caciques. Rapidamente aprendeu a falar a língua tupi e andava nu entre os índios, para horror dos jesuítas quando, anos mais tarde (1532), o conheceram. “É o principal estorvo para com a gentilidade (palavra relacionada a gentio, no caso os hereges pagãos) que temos, por ser ele muito conhecido e aparentado com os índios”, afirmou o padre Manoel da Nóbrega, em carta ao padre Luis Gonçalves da Câmara, em 15 de junho de 1553.

Ao chegar ao litoral paulista onde, em 1532, seria fundada a primeira vila do Brasil, chamada São Vicente (na capitania de mesmo nome) por Martim Afonso de Souza, João Ramalho encontrou outro homem branco, Antônio Rodrigues, degredado português, a quem chamavam de Bacharel de Cananeia, e que há muito tempo vivia entre os índios tupiniquins da beira da praia.

Pioneiros caribocas - João Ramalho foi adotado pelo cacique Tibiriçá e recebeu como esposa a filha do cacique Mbicy (flor, em tupi), chamada pelos portugueses de Potira ou Bartira, e com ela teve nove filhos legítimos. Mas a descendência de Ramalho foi muito além. O português teve incontáveis filhos com outras índias, algumas delas, filhas de outros caciques, formando uma verdadeira legião de mamelucos ou mestiços.

Em 1562, João Ramalho reuniu um corajoso exército de mestiços, filhos, netos e bisnetos para defender a Vila de São Paulo contra os revoltosos tamoios, que lutavam contra as interferências dos homens brancos, em especial dos jesuítas, em suas florestas, rios, igarapés, pântanos e praias, que, há séculos, eram apenas dos povos indígenas.

Com os filhos crescendo, Ramalho montou postos no litoral para estabelecer comércio com os europeus, vendendo índios prisioneiros para serem escravizados, construindo bergantins, reabastecendo os navios em trânsito e negociando o pau-brasil. Nas excursões pelo interior para capturar índios, os filhos de

João Ramalho, com metade de sangue indígena, comportavam-se com extrema crueldade.

Para os historiadores, sem os descendentes de João Ramalho, o Brasil não teria expandido seu território muito além do Tratado de Tordesilhas, totalmente abolido pelas ambições dos primeiros conquistadores, que ia do litoral em direção às terras desconhecidas do oeste. Foram os meninos de João Ramalho, ou *caribocas*, como gostava de chamá-los (mestiços, em tupi), que deram origem aos primeiros bandeirantes paulistas que, por sua vez, descobriram, mais de um século depois, as minas de ouro em Goiás e nas Minas Gerais, abrindo assim a expansão territorial.

O embate entre o deserdado que se mimetizava à terra e os jesuítas que desejavam moldá-lo, conforme a combinação de poder secular e religioso de Portugal, definiu não apenas o futuro do planalto de Piratininga como também do Brasil.

Santo André e São Paulo - Quando subiu a serra, vindo do litoral, João Ramalho se adaptou aos índios tupiniquins instalados na região onde hoje é o Grande ABC, e ali, com a chegada dos jesuítas, fundou a Vila de Santo André da Borda do Campo. Esta vila tinha um clima inóspito devido à proximidade com a mata da Serra do Mar, chovia muito e havia uma serração muito forte. Mas o que levou os jesuítas a se transferirem para fundar um colégio, que deu origem à Vila de São Paulo, foi a vida promíscua que João Ramalho levava junto aos índios. Apesar de ser casado com Bartira, dizem ter tido mais de 27 filhos com outras índias. Esse ambiente contrastava com os princípios religiosos dos jesuítas.

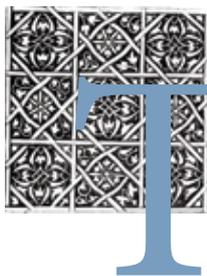
Segundo o escritor Thales Guaracy, um dos personagens fundamentais, senão o mais importante na história do Brasil colonial, foi João Ramalho, português que teve uma vida cheia de mistérios, até a sua morte, ocorrida aos 87 anos, em 1580, em São Paulo, a quem o escritor chama de o homem sem passado.

Por ordem do rei de Portugal, Dom João III, o padre Manoel da Nóbrega, superior da Companhia de Jesus no Brasil, e um grupo de 12 jesuítas, entre eles o noviço José de Anchieta, fundaram, em 25 de janeiro de 1554, um colégio. Isso aconteceu depois de árdua viagem, vindos do litoral de São Vicente e estada por cerca de um ano em Santo André da Borda do Campo. Esse foi o marco da fundação de uma vila que se tornaria, quatro séculos depois, uma das maiores metrópoles do planeta.

Até hoje persiste um dos grandes mistérios: como João Ramalho veio parar no litoral paulista? Seria ele um náufrago? Ou um degredado, despejado ao longo da Ilha de São Vicente? Outra hipótese sugere que ele era marrano, judeu que vivia em Portugal e que se converteu ao cristianismo para fugir da perseguição religiosa imposta pela Inquisição. Certos pesquisadores creem que a rubrica com a qual assinava os documentos era, na verdade, uma letra hebraica, conhecida como *Kaf*. Supõe-se que tenha chegado ao Brasil por volta de 1510 ou, quem sabe, 1512 ou 1513. **R**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
GUARACY, Thales. *A Conquista do Brasil - 1500 a 1600*: Editora Planeta, 2015.
SILVA, Fernando Correia. *João Ramalho, o sertanista pioneiro*. Disponível em: <http://go.gl.No2.rq6>.

DOMINGO GLENIR SANTARNECCHI
É JORNALISTA, ADVOGADO, ESCRITOR, AUTOR DO LIVRO *SÃO CAETANO DI THIENE - O SANTO QUE DEU NOME À CIDADE* E MEMBRO DA ACADEMIA DE LETRAS DA GRANDE SÃO PAULO.



Todos os anos, alguns dias antes da Páscoa ucraniana (que às vezes coincide com a católica), Douglas Anderson Martinez, 54 anos, brasileiro, filho de ucranianos (ele se considera ucraniano de coração), começa a elaborar as pêsankas ou *pysanka* (ovos pintados ou desenhados). “Começo a prepará-los ainda na quaresma e chego a concluir 100 ovos nesse período inteiro, cerca de dez por dia. Tudo depende do tempo que tenho. Depois de prontos, eu vendo uma parte e faço a doação de outra, por exemplo, para um amigo que não esteja bem de saúde. Cada ovo tem seu símbolo e um objetivo. Para as meninas solteiras, costuma-se dar uma pêsanka com o desenho de um rastelo, para desejar bom casamento. As pêsankas de madeira servem como um talismã e significam votos de boa sorte”, exemplifica.

Douglas Martinez foi estimulado pela esposa, Marú Martinez, 51 anos, que é de uma segunda geração de ucranianos, e nasceu em São Caetano do Sul. Ele sempre se interessou pela cultura ucraniana e pesquisou as tradições por conta própria. Marú afirma que o marido conhece mais a história e os costumes ucranianos do que muitos descendentes. “Eu faço parte da Sociedade Ucraniana Brasileira Unificação São Caetano do Sul há mais de 30 anos, sou o tesoureiro há mais de 20, e, a cada dois anos, vamos às reuniões no Paraná. Eu aprendi o idioma ucraniano e, quando participo dos encontros, ninguém percebe que não sou nativo”, relata.

Na cultura ucraniana, a maior paixão de Martinez é a preparação das pêsankas, palavra que se origina do verbo *pysaty*, que significa escrever. Pêsankas são ovos coloridos, pintados à mão e sua origem é eslava. Eles simbolizam vida, saúde e prosperidade.

As sortes das pêsankas

Foto/Priscila Gorzoni (FMSCS)



Essa arte tradicional dos ucranianos vem de alguns milhares de anos, quando eles eram preparados para presentear as divindades no início da primavera, época da colheita. Com a chegada do cristianismo, esses ovos passaram a simbolizar a Páscoa, isto é, a ressurreição de Cristo.

As pêsankas ou *pysanka* confeccionadas por Martinez. Foto de 2013

Durante a história, no regime comunista, os artesãos de pêsankas sofreram perseguições, culminando com a proibição desse artesanato nos países comunistas. Atualmente, elas são produzidas no mundo inteiro por descendentes de ucranianos. Essa arte ganhou ainda maior força após a independência da Ucrânia, em 24 de agosto de 1991.

O preparo das pêsankas exige trabalho. Essa é uma arte muito delicada e demanda bastante paciência. Cada ovo de galinha cru é cuidadosamente desenhado a lápis. Inicialmente, tira-se todo o seu conteúdo e só depois começa a elaboração da pintura. Em seguida, passa-se a cera de abelha nas partes que devem ficar brancas. A cera protege e não deixa a tinta penetrar. Com a experiência, o artista aprendeu alguns segredos, tais como iniciar o trabalho usando cores mais claras para, depois, utilizar as escuras, que vão se sobrepondo. A pêsanka é considerada um amuleto da sorte, por isso, é costume dos ucranianos usá-las para presentear uns aos outros. “Os desenhos têm como base os símbolos, usa-se uma simbologia tradicional. Cada um dos motivos significa alguma coisa. Em relação às tintas, elas são compradas nos Estados Unidos. Mas, antigamente, elas eram feitas de modo artesanal, utilizando a beterraba, por exemplo, para chegar ao vermelho, e ervas, para o verde. As tintas atuais são um pó, misturado à água fervida, e uma colher de vinagre branco”, ensina o artesão.

Com a prática, Martinez diz elaborar as pêsankas “de olhos fechados”. Sua maior preocupação é manter proporções. “Eu sempre gostei disso. Nas reuniões da Sociedade Ucraniana Brasileira Unificação São Caetano do Sul, estudamos um modo de uniformizar esse artesanato, uma espécie de unificação. Certo dia, eu já tinha 20 anos, interessei-me por essa arte popular. Aprendi a fazê-los com a madrinha da Marú. Ela se chamava Eugênia. A mãe de Eugênia, em 1923, trouxe essa tradição ucraniana. Ela pintava e eu acompanhava tudo muito atento para aprender. Ela trabalhava nessa tradição nas vésperas da Páscoa ucraniana. Seu objetivo era preparar as pêsankas para dar e vender. Em São Paulo, só havia ela para fazer os ovos desenhados”, complementa.

“É uma pena, mas essa tradição está acabando. Entre os anos de 1967 e 1969, existiam ainda muitos ucranianos por aqui. Hoje, temos uns 600 ucranianos, mas que participa das atividades tradicionais ucranianas é apenas uma centena. Em geral, os velhos envolvem-se mais, os



Foto/Priscila Gorzoni (FMSCS)



O casal Douglas Anderson Martinez e Marú Martinez exibe seu trabalho em foto de 2013

Douglas Anderson Martinez, filho de ucranianos, confecciona uma de suas pêsankas ou *pysanka*. Foto de 2013

jovens não querem saber disso. Não temos mais jovens procurando aprender a fazer as pêsankas. Todo os anos, reunimos voluntários ucranianos para ensinar os jovens, mas aparecem uns três ou quatro e não mostram entusiasmo para dar continuidade. Desta forma, uma hora essa tradição vai acabar”, conta, penalizado, Martinez.

Ao mesmo tempo em que Douglas Martinez narra suas experiências, vai elaborando um exemplar de pêsanka, pois, no momento desta entrevista, realizada em 2013, estávamos a alguns dias da Páscoa ucraniana. Delicadamente, ele risca o desenho a lápis no ovo de galinha. E, já com a cera de abelha, mergulha-o na tinta preta, depois, leva-o para debaixo da água corrente e o enxuga, cuidadosamente, com um guardanapo. Ele explica que é necessário passar vinagre no ovo para a tinta fixar melhor, pois a gordura das mãos pode manchar a pintura.

Uma parte muito delicada e até assustadora do processo é quando o artista passa cuidadosamente o ovo pelo fogo, sempre o virando de lado para não queimá-lo. Ele explica: “É preciso tomar bastante cuidado, porque o aquecimento excessivo pode estourar o ovo. As cores, às vezes, saem erradas, pois dependem também da casca do ovo. Tudo influencia esse tipo de artesanato, da casca do ovo aos toques do artista. O ovo pode estourar sozinho também. Os antigos diziam que, se alguma coisa for acontecer, o ovo a atrai e manda embora... Por isso, ele funciona como um talismã. As pessoas costumam exibi-lo na sala de visitas ou onde quizerem. Não se deve cozinhar o ovo, o máximo que você pode fazer é um furinho e retirar a gema, mas o ideal é fazer a pintura com ele integralmente cru”. Aos poucos, as imagens vão aparecendo e o resultado é sempre uma surpresa.

Para finalizar, passa-se um verniz sobre o ovo, mas antes é necessário deixar a peça descansar por algumas horas.

Para Martinez, o ovo tradicional usado para fazer a pêsanka é o ovo de galinha. Mas, na Ucrânia, eles também usam o ovo de madeira. “O que inovamos foi fazer a pêsanka em ovos de porcelana e parafina. Esses não são da tradição. Mas, por outro lado, trazemos os simbolismos e motivos tradicionais. A pêsanka mais comum é a feita em porcelana. O de madeira é pintado com pincel, é diferente, você já vai vendo o resultado. Já com o ovo de galinha, o resultado é uma surpresa. Só na hora de passar o preto, que é a última cor, é que você vê o resultado. A outra diferença é que o de madeira é mais demorado”, relata.

Lembranças de infância - Assim como aprender a língua ucraniana, elaborar as pêsankas é uma das atividades presentes na infância dos descendentes de ucranianos. “Víamos os nossos pais fazerem esses ovos, praticarem as danças típicas nas igrejas ucranianas e na Sociedade Ucraniana Brasileira Unificação São Caetano do Sul, que fica no Bairro da Fundação. Todas as tradições giraram sempre em torno da Sociedade e da Igreja Ortodoxa Autocéfala Ucraniana Paróquia São Waldomiro (Eparquia Sul-Americano).”

Na época em que Martinez começou a frequentar a Sociedade Ucraniana Brasileira Unificação São Caetano do Sul todos os seus membros falavam o idioma da Ucrânia. Vinham ucranianos de várias regiões, todos os dias, para ensinar a falar e a escrever o alfabeto. “Da Ucrânia, chegavam revistas. Eles procuravam ajudar a comunidade a preservar o idioma e a cultura”, finaliza. **(Priscila Gorzoni) R**

Monica lafrate

Lugar da história, lugar da memória, o Centro de Documentação Histórica da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

Uma das principais missões da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul é identificar, preservar e divulgar a memória e a história da cidade e da região. Uma das maneiras de se fazer isso é por meio dos acervos reunidos no Centro de Documentação Histórica e no Museu Histórico Municipal, que integram a estrutura da instituição. Esses acervos representam, a um só tempo, a história do município e a memória daqueles que aqui habitaram e contribuíram para sua construção.

Desde sua criação, em 1993, o Centro de Documentação Histórica¹ vem cumprindo essa missão, reunindo e organizando um acervo de fontes documentais de diferentes naturezas. São documentos, jornais, fotografias, mapas, filmes e livros que estão disponíveis para serem diariamente consultados. Um acervo que cresce constantemente pelo recebimento de doações e de transferências das mais variadas origens. Pessoas, cidadãos moradores ou ex-moradores da cidade, empresas, escolas, clubes, igrejas, setores da administração pública são exemplos de doadores.

Assim, o Centro de Documentação Histórica é fonte primária para elaboração de quase toda produção histórica realizada pelos pesquisadores da própria Fundação Pró-Memória (revista *Raízes*, exposições, produção editorial, etc), e também recebe, por meio do Programa de Apoio à Pesquisa, uma gama bastante

variada de consultas externas de pesquisadores acadêmicos, alunos de graduação e pós-graduação, pesquisadores profissionais, editoras, produtores culturais, professores e estudantes dos ensinos fundamental e médio. Também recebe o público interessado em conhecer as suas origens familiares e a história da cidade.

Atento a sua responsabilidade perante um patrimônio de tamanho valor, o Centro de Documentação Histórica vem buscando o aprimoramento de sua atuação ao longo dos anos, com a informatização do acesso ao acervo, a aquisição de mobiliário especializado para sua guarda, a utilização de embalagens especiais para preservação de cada tipo de documento e, mais recentemente, a climatização da área da reserva onde o acervo é mantido. Essas medidas visam prolongar o máximo do tempo de vida dessa coleção de documentos que remonta ao final do século 19, respeitando as particularidades de cada material. Desta forma, o Centro de Documentação cumpre seu

Consulta às coleções de jornais do acervo do Centro de Documentação Histórica. Foto de 2014



“ Só se preserva aquilo que se ama,
só se ama aquilo que se conhece. ”
(Aloísio Magalhães)

compromisso não somente com o passado, mas também com o futuro, garantindo às futuras gerações o acesso ao seu patrimônio documental.

Além dessas ações de curadoria, o Centro de Documentação Histórica vem desenvolvendo programas para aprimorar os canais de difusão das informações contidas em seu acervo, a fim de aproximar-se cada vez mais de seus públicos. Para reorganizar e ampliar a política de captação de acervo do Centro de Documentação e do Museu Histórico Municipal, foi desenvolvido o programa *Baú de Memórias: Guarde aqui suas lembranças*, que vem sendo divulgado por meio das mídias da Fundação Pró-Memória e da imprensa local. Nessa divulgação, todo o funcionamento do processo de doação e as garantias apresentadas são destacados aos doadores pela instituição na preservação e uso destes acervos pessoais. Como resultado desse programa, foi verificado o crescimento expressivo das doações. Desde 2013, quando o programa foi iniciado, foram doados 7.193 documentos e objetos por 158 pessoas, demonstrando a confiabilidade que a instituição vem conquistando junto à população como espaço de guarda das suas memórias.

Um desdobramento do programa *Baú de Memórias* foi a realização da primeira oficina *Arquivos Pessoais na Prática*, em

2013, com o objetivo de compartilhar com a população o conhecimento de conceitos e técnicas de organização e preservação documental, ampliando o conceito de valor histórico de documentos no âmbito pessoal e familiar, disseminando a percepção de preservação patrimonial pela conservação da documentação pessoal e promovendo a preservação da memória dentro dos lares daqueles que são os personagens principais da história da cidade: o povo de São Caetano.

Encontro com a História - Outra preocupação do Centro de Documentação Histórica tem sido o público escolar. A presença da história da cidade no currículo escolar do ensino fundamental da rede municipal criou um grande desafio para as escolas e seus professores, devido à carência de materiais didáticos e de referência sobre o tema. Muitos professores desconhecem a história regional e não sabem onde podem encontrar essas informações. Da mesma forma, atualmente, existem muitas famílias que residem há pouco tempo na cidade, não possuindo essas referências em sua história familiar.

Identificando essa necessidade, o Centro de Documentação Histórica, em conjunto com o Museu Municipal, desenvolveu o projeto *Encontro com a História*, a fim de aproximar a Fundação

Pró-Memória (guardiã das fontes históricas e de referência da história da cidade) e os profissionais e alunos do ensino fundamental. Assim, por meio de visitas monitoradas a esses dois núcleos, os alunos entram em contato direto com a história da cidade e com as fontes históricas originais, além de conhecerem um pouco mais o trabalho do historiador e a preservação do patrimônio histórico. Nessas visitas, a história é apresentada aos estudantes em imagens, documentos e objetos originais, dando um sentido de realidade e concretude para um conhecimento que, em um primeiro momento, é puramente abstrato.

O principal público desse programa são os alunos dos 3º anos do ensino fundamental, etapa na qual a história local é trabalhada. No entanto, o programa tem chamado atenção de outros públicos, tendo atendido até ensino médio. Até o momento, foram recebidos cerca de 500 estudantes de oito escolas, entre municipais e particulares. O número ainda é baixo diante do público escolar da cidade, mas vem crescendo constantemente.

Atualmente, o programa *Encontro com a História* também funciona integrado ao projeto *Circuito Cultural*, quando, em uma mesma visita, os alunos participam do programa *Agir e Interagir, Arte e Criação* com visita à Pina-

coteca Municipal, e do *Encontro com a História*, passando pelo Centro de Documentação Histórica, Museu Municipal e Espaço do Forno (remanescente da antiga Cerâmica São Caetano, novo espaço expositivo da Fundação Pró-Memória).

O *Encontro com a História* também teve seu desdobramento. Ao perceber, junto aos professores, a carência de materiais didáticos para abordar o tema da história local com seus alunos, foi vislumbrada a possibilidade de uma nova publicação para o Projeto Editorial da Fundação Pró-Memória: o livro infantil *A História de São Caetano do Sul*. Para a publicação, foi convidada a renomada escritora Nereide Schilaro Santa Rosa, que já publicou mais de 60 livros sobre arte e cultura brasileiras e foi ganhadora do Prêmio Jabuti e de vários prêmios da Fundação Nacional do Livro, com a *Láurea Altamente Recomendável*. Utilizando “uma linguagem direta, de fácil entendimento e resgatando valores importantes para o desenvolvimento crítico e cognitivo dos jovens”², o livro retrata a trajetória da cidade desde o período colonial até o movimento autonomista e a constituição do município a partir da narrativa de oito personagens: o índio Itaussu, o bandeirante Capitão Machado, o monge beneditino Gaspar, o negro escravo Kizua, a imigrante

italiana Henriqueta, o operário migrante Zeferino, o jornalista e autonomista Mario e o estudante Cacá. O livro conta também com a ilustração primorosa da designer gráfica Roberta Giotto, que criou os bonecos dos personagens para destacar e montar, os quais se encontram no final do livro. Assim, aliando texto, imagens e interatividade, as crianças, de uma forma lúdica, podem recontar as histórias aprendidas dentro e fora da sala de aula.

A frase citada no início deste artigo, de autoria de Alóisio Magalhães, um dos principais ícones da preservação da memória nacional, nos remete ao compromisso de difundir e divulgar todo e qualquer conhecimento sobre o nosso patrimônio histórico, para que ele seja conhecido, amado e, assim, preservado por todos aqueles que nele se reconhecem, encontram suas raízes e vislumbram o seu futuro. Essa é a missão à qual o Centro de Documentação Histórica deve sua existência e é por ela que ele vibra e floresce a cada dia. Assim, neste artigo, mais do que relatar as atividades do Centro de Documentação Histórica, queremos demonstrar como ações concretas para atingir essas metas podem ser realizadas e que delas novas ações podem nascer. **R**

MONICA IAFRATE

É HISTORIADORA, COM ESPECIALIZAÇÃO EM MUSEOLOGIA, FORMADA PELA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. HÁ MAIS DE 20 ANOS, ATUA NA ÁREA DE PESQUISA E ORGANIZAÇÃO DE ACERVOS HISTÓRICOS. ATUALMENTE, TRABALHA NA FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO CAETANO DO SUL, COORDENANDO O CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO HISTÓRICA.



Foto: Antonio Resmundo Carmona (EPANCS)

Sistema de gestão e acesso ao acervo do Centro de Documentação Histórica. Por meio dele, é possível localizar e consultar os documentos e imagens do acervo. Foto de 2014



Foto: Antonio Resmundo Carmona (EPANCS)

Vista dos arquivos deslizados da reserva técnica do acervo do Centro de Documentação Histórica, em 2016



Foto: Antonio Resmundo Carmona (EPANCS)

Alunos do 3º ano de ensino fundamental da EME (Escola Municipal de Ensino) Professor Vicente Bastos participando do *Encontro com a História*. Foto de 12 de setembro de 2014



Acervo/EME/ Padre Luiz Capra

Exposição dos bonecos do livro *A História de São Caetano do Sul*, que circulou por todas as escolas de ensino fundamental durante a distribuição dos livros para os alunos de 3º ano. Na foto, vemos estudantes da EMEF (Escola Municipal de Ensino Fundamental) Padre Luiz Capra, em setembro de 2015

NOTAS

¹Para mais informações sobre o Centro de Documentação Histórica, ver também os artigos:

IAFRATE, Monica. Centro de Documentação Histórica: uma ponte para o passado, um guia para o futuro. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 29, p. 47-50, jul. 2004.
TITO, Michelle Almeida. Lugar de memórias sul-sancaetanenses: os 15 anos do Centro de Documentação Histórica da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 37, p. 59-61, jul. 2008.

² SANTA ROSA, Nereide Schilaro. *Biografia*. REBRA Rede de Escritoras Brasileiras. Disponível em: http://rebra.org/escritora/escritora_ptbr.php?assunto=biografia&id=1090. Acesso em: 13 abr. 2016.

Renato Donisete Pinto

A.A. São Bento:

Campeonato Paulista de 1956, 1957 e o nosso ídolo



Neste artigo apresentamos o registro da Associação Atlética São Bento na elite do futebol de São Paulo e a história do goleiro Aldo Malagoli. Serão apresentadas as campanhas de 1956 e 1957 até a cisão que decretou o fim da equipe representante de São Caetano do Sul. Na edição anterior da revista *Raízes*, abordamos o início do clube, a inauguração do estádio e sua participação nas temporadas de 1954 e 1955 do Campeonato Paulista.

1956 - O Campeonato Paulista de 1956 apresentou algumas alterações. A fase classificatória contou com 18 equipes, que jogaram em um turno único. Destas 18 equipes, as dez primeiras disputariam a série azul pelo título da competição, e as outras oito equipes, a série branca, a fim de permanecer na primeira divisão. O último colocado seria automaticamente rebaixado para a segunda divisão. No torneio início, que teve três fases, a A.A. São Bento jogou a segunda fase no Estádio Paulo Machado de Carvalho, o Pacaembu. Depois de eliminar o Santos F.C., foi eliminada pela Associação Portuguesa de Desportos.

CAMPANHA DE 1956

(data, local, resultado e gols da A.A. São Bento)

- 13/6/56 - Estádio Paulo Machado de Carvalho - São Paulo F.C. 3 x 2 A.A. São Bento (Maurinho e José Carlos)
- 17/6/56 - Estádio Anacleto Campanella - A.A. São Bento 1 x 0 E.C. Noroeste (Bota)
- 24/6/56 - Estádio da Fonte Luminosa - A. Ferroviária de Esportes 1 x 1 A.A. São Bento (Tantos)
- 8/7/56 - Estádio Anacleto Campanella - A.A. São Bento 5 x 0 C.A. Linense (Varca, Bota [2], Tantos e Zé Carlos)
- 15/7/56 - Estádio Anacleto Campanella - A.A. São Bento 4 x 0 E.C. Taubaté (Bota, Varca [2] e Dema)
- 22/7/56 - Estádio Urbano Caldeira - Santos F.C. 3 x 1 A.A. São Bento (Bota)
- 29/7/56 - Estádio Conde Rodolfo Crespi - C.A. Juventus 3 x 2 A.A. São Bento (Varca e Zé Carlos)
- 5/8/56 - Estádio Paulo Machado de Carvalho - A. Portuguesa de Desportos 3 x 1 A.A. São Bento (Dema)
- 9/8/56 - Estádio Anacleto Campanella - A.A. São Bento 4 x 1 E.C. XV de Novembro de Jaú (Zé Carlos [2], Dema e Varca)
- 15/8/56 - Estádio Ulrico Mursa - A.A. Portuguesa Santista 2 x 3 A.A. São Bento (Bota, Zé Carlos e Varca)
- 19/8/56 - Estádio Anacleto Campanella - A.A. São Bento 2 x 1 XV de Novembro de Piracicaba (Vicente e Maurinho)
- 22/8/56 - Estádio Urbano Caldeira - Jabaquara A.C. 1 x 1 A.A. São Bento (Zé Carlos)
- 26/8/56 - Estádio Nicolau Alayon - Nacional 0 x 1 A.A. São Bento (Vicente)
- 2/9/56 - Estádio Anacleto Campanella - A.A. São Bento 4 x 0 Guarani (Dema e Zé Carlos [3])
- 9/9/56 - Estádio Anacleto Campanella - A.A. São Bento 0 x 0 S.E. Palmeiras
- 23/9/56 - Estádio Moisés Lucarelli - A.A. Ponte Preta 3 x 0 A.A. São Bento
- 29/9/56 - Estádio Paulo Machado de Carvalho - S.C. Corinthians Paulista 3 x 2 A.A. São Bento (Zé Carlos [2])

Com a boa campanha, a A.A. São Bento se classificou entre os dez primeiros e disputou, na sequência, a série azul:

1º TURNO

7/10/56 - Estádio Anacleto Campanella - A.A. São Bento 1 x 4 São Paulo F.C.(Dema)

14/10/56 - Estádio Anacleto Campanella - A.A. São Bento 2 x 5 Santos F.C. (Bota [2])

17/10/56 - Estádio do Parque Antártica - S.E. Palmeiras 3 x 2 A.A. São Bento (Bota [2])

21/10/56 - Estádio Artur Simões - E.C. XV de Novembro de Jaú 1 x 1 A.A. São Bento (Varca)

27/10/56 - Estádio Paulo Machado de Carvalho - A. Portuguesa de Desportos 4 x 3 A.A. São Bento (Maurinho, Bota e Hermínio-contra)

1º/11/56 - Estádio Paulo Machado de Carvalho - S.C. Corinthians Paulista 5 x 1 A.A. São Bento (Varca)

4/11/56 - Estádio Lauro Joaquim de Moraes - E.C. Taubaté 0 x 0 A.A. São Bento

12/11/56 - Estádio Roberto Gomes Pedrosa - XV de Novembro de Piracicaba 0 x 0 A.A. São Bento

15/11/56 - Estádio Anacleto Campanella - A.A. São Bento 4 x 0 C.A. Juventus (Bota, Dema [2] e Zé Carlos)

2º TURNO

18/11/56 - Estádio Anacleto Campanella - A.A. São Bento 0 x 1 A. Portuguesa de Desportos

25/11/56 - Estádio Anacleto Campanella - A.A. São Bento 1 x 2 S.C. Corinthians Paulista (Zé Carlos)

2/12/56 - Estádio Conde Rodolfo Crespi - C.A. Juventus 2 x 2 A.A. São Bento (Bota e Maurinho)

5/12/56 - Estádio Paulo Machado de Carvalho - São Paulo F.C. 1 x 1 A.A. São Bento (Faustino)

9/12/56 - Estádio Anacleto Campanella - A.A. São Bento 0 x 1 S.E. Palmeiras

12/12/56 - Estádio Urbano Caldeira - Santos F.C. 4 x 1 A.A. São Bento (Zé Carlos)

16/12/56 - Estádio Anacleto Campanella - A.A. São Bento 2 x 2 XV de Novembro de Piracicaba (Maurinho e Zé Carlos)

23/12/56 - Estádio Anacleto Campanella - A.A. São Bento 3 x 3 E.C. XV de Novembro de Jaú (Dema, Osni-contra e Faustino)

30/12/56 - Estádio Anacleto Campanella - A.A. São Bento 2 x 3 E.C. Taubaté (Varca e Gibi)

O Santos sagrou-se bicampeão e a A.A. São Bento ficou em último lugar na série azul. Nos 18 jogos desta série, a equipe venceu apenas uma partida, empatou sete e perdeu dez. Fez 26 gols e sofreu 41. Contando todas as fases, o artilheiro Zé Carlos anotou 16 gols.

1957 - Preparando-se para o que viria a ser seu último Campeonato Paulista, a equipe realizou, no dia 17 de março, mais um amistoso contra o S.C. Corinthians Paulista, no Parque São Jorge. Perdeu por 2 a 1. O torneio início foi realizado no dia 4 de junho, no Estádio Paulo Machado de Carvalho. A equipe da A.A. São Bento foi desclassificada pelo São Paulo F.C.

Figurinhas da equipe da A.A. São Bento de 1957, no álbum *Balas Futebol*, produzido pela Indústria de Balas e Chocolates Americana



Infelizmente a A.A. São Bento ficou em 12º lugar e não se classificou para a série azul. Somou apenas 18 pontos em 19 jogos. Foram

oito vitórias, dois empates e nove derrotas, com 25 gols marcados e 33 sofridos. Seguiu na série branca para fugir do rebaixamento.

CAMPANHA DE 1957

(data, local, resultado e gols da A.A. São Bento)

- 15/6/57 - Estádio Anacleto Campanella - A.A. São Bento 1 x 0 E.C. XV de Novembro de Jaú (Dema)
- 23/6/57 - Estádio Anacleto Campanella - A.A. São Bento 1 x 1 Guarani F.C.(Bota)
- 30/6/57 - Estádio Urbano Caldeira - Santos F.C. 5 x 2 A.A. São Bento (Osvaldo [2])
- 7/7/57 - Estádio Moisés Lucarelli - A.A. Ponte Preta 0 x 2 A.A. São Bento (Elzo e Tantos)
- 14/7/57 - Estádio Anacleto Campanella - A.A. São Bento 1 x 2 E.C. Noroeste (Dema)
- 17/7/57 - Estádio do Parque Antártica - S.E. Palmeiras 4 x 0 A.A. São Bento
- 21/7/57 - Estádio Ulrico Mursa - A.A. Portuguesa Santista 0 x 0 A.A. São Bento
- 27/7/57 - Estádio Anacleto Campanella - A.A. São Bento 3 x 1 A. Ferroviária de Esportes (Tantos, Osvaldo e Bota)
- 31/7/57 - Estádio Conde Rodolfo Crespi - C.A. Juventus 4 x 1 A.A. São Bento (Elpídio)
- 3/8/57 - Estádio do Canindé - A. Portuguesa de Desportos 3 x 0 A.A. São Bento
- 11/8/57 - Estádio Anacleto Campanella - A.A. São Bento 2 x 0 E.C XV de Novembro de Piracicaba (Bota e Dema)
- 18/8/57 - Estádio Anacleto Campanella - A.A. São Bento 3 x 0 Botafogo F.C. (Osvaldo, Bota e Dema)
- 25/8/57 - Estádio Nicolau Alayon - Nacional A.C. 1 x 2 A.A. São Bento (Osvaldo e Varca)
- 1º/9/57 - Estádio Américo Guazzelli - C.A. Ypiranga 0 x 2 A.A. São Bento (Varca e Bota)
- 4/9/57 - Estádio Ulrico Mursa - Jabaquara A.C. 2 x 1 A.A. São Bento (Tantos)
- 8/9/57 - Estádio Anacleto Campanella - A.A. São Bento 3 x 1 C.A. Linense (Osvaldo, Bota e Varca)
- 18/9/57 - Estádio Alfredo Schuring - S.C. Corinthians Paulista 2 x 1 A.A. São Bento (Tantos)
- 22/9/57 - Estádio Paulo Machado de Carvalho - São Paulo F.C. 5 x 0 A.A. São Bento
- 29/9/57 - Estádio Anacleto Campanella - A.A. São Bento 1 x 3 E.C. Taubaté (Osvaldinho)

1º TURNO - Série Branca

- 19/10/57 - Estádio Anacleto Campanella - A.A. São Bento 1 x 0 C.A. Linense (Osvaldinho)
- 27/10/57 - Estádio Anacleto Campanella - A.A. São Bento 2 x 1 C.A. Ypiranga (Varca e Zito-contra)
- 3/11/57 - Estádio Artur Simões - E.C. XV de Novembro de Jaú 0 x 0 A.A. São Bento
- 10/11/57 - Estádio da Fonte Luminosa - A. Ferroviária de Esportes 1 x 0 A.A. São Bento
- 17/11/57 - Estádio Anacleto Campanella - A.A. São Bento 1 x 0 E.C. Noroeste (Dema)
- 24/11/57 - Estádio do Bosque - E.C. Taubaté 3 x 1 A.A. São Bento (Osvaldo)
- 28/11/57 - Estádio Conde Rodolfo Crespi - C.A. Juventus 0 x 0 A.A. São Bento
- 1º/12/57 - Estádio Anacleto Campanella - A.A. São Bento 2 x 2 Nacional A.C. (Osvaldo e Nardinho)
- 8/12/57 - Estádio Anacleto Campanella - A.A. São Bento 1 x 1 Guarani F.C. (Osvaldo)¹

2º TURNO - Série Branca

- 15/12/57 - Estádio Anacleto Campanella - A.A. São Bento 2 x 1 A. Ferroviária de Esportes (Lourenço-contra e Tico)
- 22/12/57 - Estádio Gigante de Madeira - C.A. Linense 2 x 2 Comercial F.C. (Zé Carlos e Tantos)
- 29/12/57 - Estádio Brinco de Ouro da Princesa - Guarani F.C. 4 x 4 Comercial F.C. (Tico [2], Dema e Zé Carlos)
- 5/1/58 - Estádio Conde Rodolfo Crespi - Comercial F.C. 2 x 2 C.A. Juventus (Tantos e Diogo)
- 8/1/58 - Estádio Américo Guazzelli - C.A. Ypiranga 2 x 1 Comercial F.C. (Osvaldinho)
- 12/1/58 - Estádio Conde Rodolfo Crespi - Comercial F.C. 3 x 1 E.C. Taubaté. (Vicente, Savério e Osvaldo)
- 15/1/58 - Estádio Conde Rodolfo Crespi - Comercial F.C. 2 x 0 E.C. XV de Novembro de Jaú (Tico e Alan)
- 19/1/58 - Estádio Alfredo de Castilho - E.C. Noroeste 1 x 1 Comercial F.C. (Zé Carlos)
- 26/1/58 - Estádio Nicolau Alayon - Nacional A.C. 3 x 0 Comercial F.C.

Nesta série branca, o clube ficou na terceira colocação, junto ao Guarani F.C.. Realizou uma boa campanha com 14 vitórias, dez empates e 13 derrotas. Fez 49 gols e sofreu 56. O São Paulo F.C. foi o campeão paulista.

Vale ressaltar que o C.A. Ypiranga ensaiou uma fusão não concretizada com o Corinthians de Santo André. Este se licenciou do paulista da segunda divisão e cedeu seus jogadores à equipe da capital. Desta forma, o Ypiranga mandou seus jogos do campeonato da primeira divisão de 1957 em Santo André, no Estádio Américo Guazelli. O São Bento jogou por lá duas vezes: ganhou uma e perdeu a outra.

O fim da A.A. São Bento - No dia 18 de dezembro de 1957, aconteceu a reunião do conselho deliberativo da A.A. São Bento e foi decidida a cisão. Por 26 votos contra cinco, foi desfeita a fusão entre o Comercial F.C. e o São Caetano E.C. Problemas financeiros e falta de incentivo da torcida foram os motivos alegados para o fim da agremiação.

A partir dessa data, desapareceu definitivamente a equipe alviceleste. Nos demais jogos da série branca do Campeonato Paulista de 1957 foi representada pelo Comercial F.C., que ficou com o plantel de profissionais e mandando seus jogos na capital paulista. No seu último jogo em São Caetano

do Sul, a A.A. São Bento venceu a A. Ferroviária de Esportes por dois tentos a um e atuou com a seguinte formação: Aldo, Antoninho e Savério; Elpídio, Rubens de Almeida e Diogo; Osvaldo, Zé Carlos, Tico, Dema e Flávio. O jornal *A Gazeta Esportiva*, do dia 16 de dezembro de 1957, registrou o duelo com o título *Por 2 a 1 o S. Bento suplantou a Ferroviária*. Tico marcou o último gol da equipe alviceleste.

O São Caetano E.C. voltou a disputar os campeonatos de 1958 e 1959, na segunda divisão, e teve um recomeço muito difícil, arcou com altíssimas dívidas e batalhou muito para recuperar seu estádio. Depois, encerrou suas atividades no futebol profissional. Completou, brilhantemente, 100 anos em 2014.

Já o Comercial F.C. disputou o Paulista da primeira divisão em 1958 e 1959 com muitos jogadores que atuaram pela A.A. São Bento, como Elpídio, Diogo, Savério, Zé Carlos, Tantos e Dema. Caiu para a segunda divisão em 1960 e, no ano seguinte, desativou sua equipe de futebol.

Aldo: o goleiro que fez história... - Nas campanhas de 1956 e 1957, a A.A. São Bento contou com a segurança de um jovem goleiro. Aldo Malagoli veio para São Caetano do Sul após ter se destacado no futebol de várzea no Bairro do Butantã, em São Paulo, e,

depois, na equipe juvenil da Associação Portuguesa de Desportos.

Projetou-se no futebol profissional em São Caetano. Sua estreia oficial no gol alviceleste foi no torneio início do Campeonato Paulista de 1956, no Pacaembu, realizado no dia 7 de junho. O jogo foi contra o então campeão do ano anterior, Santos F.C. O goleiro estreou com o pé direito - ou seria mão direita?. Depois de um empate por 0 a 0, a equipe venceu nos pênaltis por 5 a 4 e despachou a equipe santista do torneio. Aldo defendeu um pênalti do atacante Pepe, apelidado de Canhão da Vila pelo seu potente chute.

Em São Caetano do Sul, no Estádio Anacleto Campagnella, a torcida pôde assistir pela primeira vez à sua bela atuação no dia 17 de junho, na vitória por 1 a 0 contra o E.C. Noroeste, da cidade de Bauru.

Aldo sempre foi um dos destaques da equipe alviceleste. Com o fim da agremiação, seguiu carreira no S.C. Corinthians Paulista, depois Botafogo F.C. (São Paulo), Bangu A.C. e encerrou no C.A. Bragantino (São Paulo). Em 1962, ia ser convocado para a Copa do Mundo, realizada no Chile, mas não o foi devido a uma grave contusão que o fez passar por uma cirurgia no menisco no dia da estreia do Brasil nesse campeonato mundial. Também foi convocado algumas vezes para defender a seleção paulista.

Atualmente é um empresário no ramo de chocolates finos. Em entrevista realizada em sua loja, com a presença do pesquisador Luiz Domingos Romano, no dia 20 de maio de 2016, ele rememorou boas lembranças do time e, principalmente, da cidade. “Sou muito grato a São Caetano do Sul”, afirmou.

Aldo também comentou sobre a história do Estádio Anacleto Campanella ser chamado de “Morro dos Ventos Uivantes”: “Aproveitávamos o vento a favor no primeiro tempo para fazer o resultado... Em um jogo contra o XV de Jaú, o Varca bateu uma falta do meio de campo e fez o gol com a ajuda do vento. Era muito difícil bater a gente em São Caetano do Sul”. Isto é comprovado na primeira fase da campanha de 1956. De oito jogos

no Estádio Anacleto Campanella, foram sete vitórias e um empate sem gols contra a S.E. Palmeiras.

A simplicidade dos jogadores profissionais da época também foi pauta do encontro: “Nós morávamos em São Paulo e íamos, em grupo de quatro atletas, de carona. Nos encontrávamos em frente da igreja de Pinheiros para treinar em São Caetano do Sul. Não tínhamos carro e dividíamos a gasolina com o único integrante que tinha automóvel”. Aldo Malagoli finalizou a conversa lembrando com carinho dos seus treinadores Alvaro Naum, Filpo Nuñes e Canhotinho. **R**

RENATO DONISETTE PINTO

É PEDAGOGO E PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA. MEMBRO DA ACADEMIA POPULAR DE LETRAS DE SÃO CAETANO DO SUL, É AUTOR DO LIVRO *FANZINE NA EDUCAÇÃO* (MARCA DE FANTASIA, 2013).

ESTE ARTIGO É DEDICADO AO AMIGO LUIZ DOMINGOS ROMANO, A QUEM AGRADEÇO PELO APOIO, ATENÇÃO E GENEROSIDADE DE SEMPRE. AGRADECIMENTOS AO ALDO MALAGOLI PELA ENTREVISTA E ACERVO DA SUA CARREIRA; AO MOACIR ANDRADE PERES PELAS IMAGENS DOS RAROS ÁLBUNS DE FIGURINHAS; AO ADEMIR TAKARA (BIBLIOTECA DO CENTRO DE REFERÊNCIA DO FUTEBOL BRASILEIRO) POR DISPONIBILIZAR PARA CONSULTA AS EDIÇÕES DO JORNAL *A GAZETA ESPORTIVA* E FERNANDO PEREIRA DA SILVA PELAS INFORMAÇÕES DOS JOGOS CONTRA O GUARANI F.C.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASSUMPÇÃO, Paschoalino. *História do Futebol em Santo André*. Santo André: Prefeitura Municipal de Santo André, 1990, p. 71-72.
 CIFRAS Técnicas. *A Gazeta Esportiva*, São Paulo, p. 13, 8 jan. 1958.
 FERRARI, Narciso. A malfadada fusão. *Raízes*, São Caetano do Sul, edição especial, p. 16-25, mai. 2014.
 FRARE JUNIOR, Wanderley. *Clube Atlético Linense: o elefante da noroeste*. São Paulo: Edição do Autor, 2015.
 GIANELLO, José Roberto. A.A. São Bento: o futebol no Morro dos Ventos Uivantes (1954-1957). *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 18, p. 47-51, dez. 1998.
 MEDICI, Ademir. *Uma história de campeões: os 89 anos do São Caetano Esporte Clube*. São Caetano do Sul: Neograf Ind. Graf. e Editora Ltda., 2003, p. 231-241.
 NETO, José Jorge Farah; KUSSAREV JR., Rodolfo. *Almanaque do Futebol Paulista 2000*. São Paulo: Panini, 2000, p. 393-394.
 PLACAR, Revista, n. 181, 31 ago. 1973.
 POR 2 a 1 S. Bento suplantou a Ferroviária. *A Gazeta Esportiva*, São Paulo, p. 8, 16 dez. 1957.
 RIBEIRO, Rubens. *O caminho da bola: história da FPF (1953-1982)*. Vol. II. São Paulo: Federação Paulista de Futebol.

NOTA

¹ Nesse jogo contra o Guarani, só foi encontrado o registro do resultado da partida. Chegou-se ao nome de Osvaldo depois de acessar a lista dos artilheiros da série branca no jornal *A Gazeta Esportiva*. Na contabilidade dos gols da A.A. São Bento, é o único nome que sobra um gol.



Acervo/Aldo Malagoli

ALDO MALAGOLI

Nascimento: 11 de abril de 1935 | **Altura:** 1,85 m

Clubes que defendeu: A.A. São Bento, Comercial F.C. (Capital/SP), S.C. Corinthians Paulista, Botafogo F.C. (Ribeirão Preto/SP), Bangu A.C. (Rio de Janeiro) e C.A. Bragantino (Bragança Paulista/SP)

Título: Campeão da Taça São Paulo de 1958 pelo S.C. Corinthians Paulista



Acervo/Aldo Malagoli

Flagrante da equipe da A.A. São Bento em 1956. Em pé, a partir da esquerda, vemos: Elpidio, Aldo e Savério. Agachados, estão: Maurinho, Rubens de Almeida e Turcão



Acervo/Aldo Malagoli

Jogadores da A.A. São Bento, em foto de 1956. Em pé, da esquerda para direita, vemos: Maurinho, Turcão, Aldo, Tujá, Savério, Diogo e Filpo Nunes. Agachados, estão: Ari, Zé Carlos, Bota, Dema, Varca e Ivo (massagista)



Acervo/Aldo Malagoli

Goleiro Aldo segurando o ataque do São Paulo F.C. em partida realizada no Estádio Anacleto Campanella, em 7 de outubro de 1956

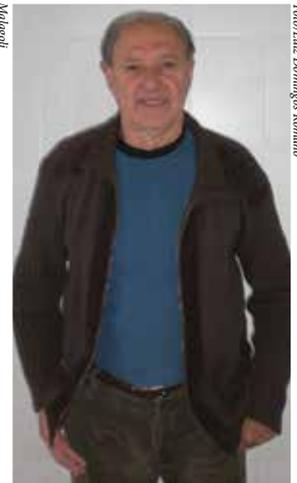


Foto: Luiz Domingos Romano

Aldo Malagoli em foto de 2016

Narciso Ferrari

Aventuras da mocidade

Para esta edição da revista *Raízes*, enumerei alguns fatos que aconteceram em São Caetano do Sul em décadas passadas. Para quem conheceu as personalidades envolvidas, teve muita graça, entretanto, para quem não conheceu, fica apenas na imaginação.

Primeiro – Em uma reunião do Partido Republicano, Lauro Garcia, cliente e amigo, convidou-me para ser secretário. Como as eleições municipais se aproximavam, o então presidente do partido, Henrique Lorenzini, fez uma prévia dos candidatos para saber quantos votos teriam. Foi chamando e perguntando a todos: Antonio Gallo - 300 votos, Dante Belotto - 350, Caetano Coppini - 400, e, assim, chegou a Lauriston Garcia que respondeu cinicamente: “Nenhum, pois com a votação dos colegas não vai sobrar nenhum voto para mim”. Conclusão: o único eleito vereador foi Lauriston Garcia.

Segundo – Em um comício no

Bairro Monte Alegre, onde ficava localizado o Cine Primax, o anfitrião era José Del Poente, corretor de imóveis e candidato a vereador. No intervalo entre o discurso de um candidato e outro, ao microfone, dizia: “Povo de Vila Monte Alegre”, todo contente, e continuava: “Então, para frente com José Del Poente”.

Terceiro – Joseph Fuchs, húngaro judeu, fundador de uma tinturaria que funciona até hoje sob o nome de Tinturaria São Caetano, foi diretor do São Caetano Esporte Clube por mais de uma década. Foi muito dedicado ao clube de São Caetano, principalmente quando houve a fusão com o Comercial. Foi também vice-presidente do Sport Club Corinthians Paulista, pois tinha uma paixão e fanatismo pelo clube. Entretanto, ele nos contou que, quando apresentava sugestões na diretoria, os demais diretores respondiam com “gozação”, dizendo para todos ouvirem: “Você pensa que está naquele clube de subúrbio (*fazendo referência ao SCEC*), mas você está dentro do maior clube de São Paulo”. Fuchs,

que não escolhia palavras para responder quando estava com a razão, disse: “No meu clube de subúrbio, nunca perderam uma noite de reunião para discutir se o pipoqueiro tem de ficar dentro ou fora do Parque São Jorge. No SCEC, não havia estrutura, mas, quando eu pedia para o secretário (*Moacir Firmino Correia*) uma relação de atletas que tinham contratos a vencer, ele me apresentava, em papel timbrado do clube, datilografada, enquanto aqui veio em papel de caderno escolar manuscrito”.

Quarto – Um dos primeiros restaurantes de São Caetano foi o Umuarama, de propriedade de Homero Gomes, e ficava localizado na Rua Manoel Coelho. O segundo, Sinhazinha, era de Armando Orlando que funcionava na Rua Santa Catarina. Orlando era do tipo explosivo e, por qualquer assunto, partia para discussão. Não gostava muito de ser chamado de “Armando Bico Fino”. Certa noite, ele e seus amigos - Silvério Manile, Augusto Dall’Antonia, Ramires e outros - foram assistir a um jogo do Palmeiras, clube do coração de Orlando. Com o estádio lotado, Dall’Antonia, muito brincalhão, foi até ao alto-falante do estádio dizendo que havia se perdido e pediu ao locutor o seguinte: “Por favor, anuncie que estou perdido. Sou de São Caetano e conheço



Arquivo/Fundação Pro-Memória de São Caetano do Sul

Fachada do Cine Lido, antes Cine Urca: uma das sessões foi alvoroço completo

apenas um amigo que veio comigo e é conhecido como ‘Armando Bico Fino’”. Após ser aplaudido e vaiado pelos presentes no estádio, passou a aceitar o apelido.

Quinto – Quando existia coreto na Praça Cardeal Arcoverde, havia apresentação da Banda de São Caetano todos os domingos, sob o comando do Dorival Fuina. Um componente do grupo, chamado Agenor, atraía a atenção do público. Ele era surdo e tocava pistão de vara. Tinha o hábito de acompanhar a banda batendo seu pé direito no chão. O barulho acabava atrapalhando os outros músicos e, quando paravam de tocar, Agenor continuava até que alguém batia em seu ombro, sinalizando para parar.

Sexto – No Clube Comercial, um amigo nosso, Dimas Prieto, frequentava os bailes sempre muito bem vestido. Era muito simpático, mas gostava de se exhibir como dançarino. Dançava todos os ritmos, no seu entender, muito bem. Até que um dia, acompanhado de sua dama, numa volta a dançar um tango, caiu em pleno salão.

Sétimo – Certo dia, Sebastião Sepulveda, que possuía uma funerária na Rua Rio Grande do Sul, deixou seu carro fúnebre com a chave no contato, na frente de seu estabelecimento. Um dos frequentadores do Bar Carvalhal, José Fernandes, conhecido como Tatú, não sabendo que havia um corpo dentro do caixão, escondeu o carro na travessa ao lado. Os familiares do falecido, percebendo que a funerária não aparecia no velório do hospital, foram até o local, ameaçando o proprietário e querendo fazer um boletim de ocorrência. Foi quando Tatú percebeu a desordem que armou e entregou a chave do carro. Que confusão!

Oitavo – Às terças e quintas-feiras, o Cine Urca, de propriedade do Dario Ranoya, promovia as chamadas Sessões do Troco e das Moças, cobrando apenas metade do ingresso. Logicamente, todas as noites o cinema ficava lotado, com plateia no térreo e no balcão superior. Certo dia, um grupo “cheio de graça” entrou com uma galinha escondida debaixo do braço de um de seus integrantes, sem que ninguém percebesse. Na metade do filme, soltaram o bicho na plateia. Imaginem o alvoroço! Penas para todos os lados!!

Nono – Durante uma assembleia geral realizada no Clube Comercial, chamaram Daniel Giardullo para presidir os

trabalhos, pois ele era muito entendido em estatutos de clubes, e ainda era diretor da Fazenda no governo de Ângelo Raphael Pellegrino. A todo instante, ele pedia para os presentes fazerem silêncio, batendo com o dedo indicador. De tanto bater na mesa, acabou sendo levado ao pronto-socorro, com o dedo quebrado. Isso é que é ser enérgico!

Décimo – No final da década de 1940, vagões da Estrada de Ferro Santos-Jundiaí, carregados de bois que estavam sendo levados ao matadouro da Cia Swift do Brasil, em Utinga, faziam manobras na frente da estação ferroviária (o Viaduto dos Autonomistas ainda não havia sido construído), quando os animais quebraram as grades e pularam para fora dos trens. Os bois saíram em direção ao centro da cidade. Alguns entraram nas Casas Pernambucanas, derubando prateleiras de tecidos, outros foram para a farmácia Drogatem, de Pedro M. do Rosário, outros invadiram os bares, dando chifradas em todos que estavam dentro e fora, até a chegada do Corpo de Bombeiros. Foi uma verdadeira “tourada”, muito comentada pela imprensa da capital. **R**

NARCISO FERRARI
É EMPRESÁRIO. FOI PRESIDENTE DO SÃO CAETANO ESPORTE CLUBE DE 1960 A 1965.

Emília da Silva Barbosa

Mauá

e a preservação da memória

A cidade de Mauá teve um crescimento populacional vertiginoso, praticamente dobrando o número de habitantes nas últimas décadas. Se, por um lado, a explosão demográfica trouxe o desenvolvimento, por outro, formou uma população que tem pouco vínculo com a história local. Alguns pontos históricos da cidade são conhecidos pelos mauaenses, porém a maioria não sabe seu significado e relevância no contexto da formação do município.

A cidade possui bens culturais interessantes como o Samba Lenço, grupo de dança de origem africana com mais de 50 anos de atuação e primeiro bem imaterial registrado pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Arqueológico e Turístico de Mauá (Condephat – MA), em 2003; a Gruta Santa Luzia, onde está uma das nascentes do Rio Tamanduateí e a Capela Cristo Rei, conhecida popularmente



Cedido: www.mauaemoria.com.br

como Capela da JOC (uma referência à Juventude Operária Católica), no interior da Santa Casa de Misericórdia, decorada com afrescos do muralista romeno Emeric Marcier e que, por sua beleza única, chegou a ser chamada de “Capela Sistina do Brasil”. Considerando não ser possível abordar e descrever todos os bens históricos, culturais e ambientais de Mauá, destacaremos alguns deles.

Museu Barão de Mauá - A casa bandeirista que atualmente abriga o Museu Barão de Mauá foi construída no século 18, na época das bandeiras paulistas. As expedições bandeirantes ocorreram

A atividade econômica que predominava na região era o funcionamento das diversas olarias, atraídas pelo tipo de solo



A Praça 22 de Novembro possuía em seu conjunto três espaços: a Concha Acústica, a Fonte Luminosa e o Jardim Japonês. Nos anos 1980, a praça, que já estava num estado avançado de degradação, foi totalmente destruída. Esse espaço ficou ocioso por muito tempo até que, no fim dos anos 1990, foi construída no mesmo local a Praça 22 de Novembro

em um período de reconhecimento e expansão de uma imensa área da América do Sul, as quais duraram quase três séculos. Eram organizadas pelo governo português e tinham como objetivo principal a descoberta de minas de metais preciosos, o apresamento de índios e a captura de escravos negros fugidos.

A região que atualmente abrange o ABC paulista era, nesse período, cruzada por diversas trilhas e estradas que ligavam os oceanos Atlântico e Pacífico. A principal dessas estradas denominava-se *Peabiru*, também conhecida como Trilha dos Tupiniquins.

Para dar suporte à ação dos bandeirantes, foram construídas casas em locais estratégicos, próximas a estradas ou rios. A casa bandeirista de Mauá localiza-se próxima ao Rio Tamanduateí e é considerada uma das construções mais antigas da região. Devido a sua localização, era possível ter domínio sobre uma das principais passagens que levavam ao planalto de Piratininga.

A técnica empregada em sua construção, conhecida como taipa de pilão, consiste em encher e socar terra argilosa - que pode conter outros elementos em sua mistura - em pranchões de madeira. Após a secagem dessa terra, os pranchões são posicionados uma fileira acima e o processo é reiniciado. As paredes chegam a ter 70 centímetros de espessura e são revestidas de tabatinga. Edificada a partir de uma planta re-

tangular, possui, além das paredes espessas, telhado de duas águas, alpendre na fachada principal, quarto de hóspedes e capela com oratório.

No começo do século 19, o casarão era sede da Fazenda Bocaina, que ocupava uma imensa região, e, posteriormente, deu origem a vários bairros de Mauá. A fazenda pertencia à família Ortiz e chegou a ter 35 escravos.

Quando a Estrada de Ferro São Paulo Railway estava sendo construída, Irineu Evangelista de Souza, o Barão de Mauá, adquiriu, por volta de 1861, uma fazenda que ocupava a região onde se localiza atualmente o Parque Capuava, na divisa entre as cidades de Mauá e Santo André. Não existe nenhuma evidência de que o Barão tenha residido na fazenda que havia comprado no Capuava e, muito menos, no casarão da Fazenda Bocaina, mas esse pensamento se espalhou entre as pessoas, que acabaram apelidando-a de Casa do Barão de Mauá, nome que, mais tarde, seria oficialmente adotado, quando no local passou a funcionar o museu da cidade.

Em 1922, parte da Fazenda Bocaina foi comprada pela Imobiliária Pacheco, Schmidt & Victorino e iniciou-se, então, o processo de loteamento do bairro, que hoje é conhecido como Vila Bocaina. O lugar era alugado pela imobiliária para residência ou até mesmo para eventos festivos como bailes e festas.

Adolfo Ferreira adquiriu o casarão em 1930 e mudou-se com a família da agitada capital para a pacata Vila Pilar. A casa passaria ainda por diversas adaptações para adequar-se à moradia de muitas pessoas, durante vários anos. A prefeitura desapropriou o imóvel em 1975 e, tempos depois, em 1982, o casarão passou a sediar o Museu Municipal de Mauá. A casa bandeirista foi tombada no ano de 1983 e, desde então, é patrimônio cultural do Estado de São Paulo.

Praça 22 de Novembro – Esta praça ocupa hoje o lugar que um dia pertenceu à Praça Senador Flaquer e esta, por sua vez, ficava no local onde, no começo do século 20, havia uma lagoa denominada Tanque dos Morelli. O empresário e industrial, Bernardo Morelli, morava nesta região e era proprietário da Cerâmica Morelli, que funcionava próximo a tal lagoa.

Em uma vila pacata do começo do século 20, com poucas opções de lazer, a lagoa acabava sendo ponto de encontro para conversas descontraídas entre amigos, além disso, o local também servia para as esposas dos funcionários das olarias lavarem roupas. Anos depois, a lagoa foi aterrada, dando lugar a uma praça denominada Senador Flaquer.

Em uma residência, que ainda existe próxima a essa praça, ocorreram reuniões do movimento emancipacionista, que culminou com o plebiscito do dia 22 de novembro de 1953, levando Mauá a sua autonomia política. Alguns anos depois da emancipação, a praça recebeu o nome de 22 de Novembro em homenagem aos emancipacionistas. Seu nome é a única referência no município à importante data do plebiscito. No calendário oficial, o aniversário da cidade é comemorado no dia 8 de dezembro, dia de Imaculada Conceição, protetora da cidade. A data foi adotada por influência da Igreja Católica e contrariou os emancipacionistas que se sentiram

preteridos com a escolha.

A casa onde aconteciam as reuniões do movimento emancipacionista e que, atualmente pertence à Prefeitura de Mauá, encontra-se em estado de abandono. A edificação está depredada e em ruínas. Embora alguns grupos culturais tenham se manifestado quanto ao destino do local, sugerindo inclusive que o mesmo abrigue um espaço para a preservação da memória da luta política na cidade, até o momento nenhuma providência foi tomada pelas autoridades competentes.

O atual formato da praça em nada lembra o anterior. Composta por canteiros circulares e curvilíneos, possui um espelho d'água e uma fonte na lateral esquerda. O piso é formado por um mosaico geométrico de pedra tipo miracema cinza e pedras de mosaico português nas cores branca e vermelha. Porém, não é só fisicamente que as duas praças se diferenciam, embora atualmente ainda ocorram eventos como shows, apresentações teatrais e manifestações populares. O crescimento populacional e urbano da cidade fez com que o espaço deixasse de ser uma referência de lazer para as pessoas, sendo apenas um local de passagem devido a sua localização centralizada. Do formato anterior da praça, restaram os registros e as saudosas lembranças dos moradores mais antigos.

Chaminé do Curtume - Onde hoje se localiza o shopping da cidade e o hipermercado de uma grande rede de varejo, funcionou, um dia, um movimentado curtume de couro e, posteriormente, a sede do poder Executivo municipal. Porém, o que restou dessa época foi apenas uma chaminé de tijolos de barro, que raramente é notada pelas centenas de consumidores que passam por ela todos os dias. Considerando a ampliação pela qual o shopping passou há cerca de quatro anos, a chaminé ficou ainda mais encoberta, pois

a mesma foi envolvida pela nova parte da construção e se tornou praticamente invisível.

Todavia, na década de 1950, a tal chaminé reinava absoluta, despejando no ar de Mauá a fumaça gerada pelas caldeiras para o curtimento do couro. O curtume iniciou suas atividades em 1938, tendo como responsáveis os italianos Ricardo Albrisi e Tomaz Talento. Porém, a chaminé fora construída em meados da década de 1950, com o objetivo de dar vazão à excessiva fumaça que era gerada pelas caldeiras.

Segundo anúncio publicado em um jornal de 1940, o curtume produzia correias de couro, colarinhos de couro para prensas hidráulicas, correias moles de búfalo, tacos de couro para teares, manchões para penteadeiras, artigos de couro para fins industriais e solas para sapateiros.

Após a morte de Albrisi e Talento, suas esposas, Sofia Zapa Albrisi e Maria Juliano Talento, continuaram com o empreendimento, que deixou de funcionar em 1966.

A sede da prefeitura funcionou no local dos anos 1960 até 1976, quando mudou para onde está instalada atualmente. Na época, a demanda de serviços da cidade era consideravelmente menor e o lugar abrigava todas as secretarias municipais. A Chaminé do Curtume foi tombada em 2004 como bem cultural de interesse histórico.

Arquivo Público Municipal - Outro local importantíssimo para a preservação da memória da cidade é o Arquivo Público Municipal, inaugurado há cerca de um ano. Não só por ajudar na preservação da memória histórica, mas sua importância está, também, na facilitação dos serviços administrativos municipais, considerando que o atendimento fica mais ágil. Além disso, Mauá foi a primeira cidade da região a ter o arquivo aberto diretamente ao público, como

citado em reportagem veiculada pelo *Diário do Grande ABC*, em 30 de abril de 2015:

Mas o Arquivo de Mauá, a ser inaugurado hoje, às 15h, é o primeiro aberto diretamente ao público. O morador interessado em pesquisar não terá que passar por outros setores da Prefeitura. Poderá ir diretamente ao arquivo, com uma vantagem a mais: Mauá se torna referência no Grande ABC por possuir toda legislação de seu arquivo regulamentada.

Assim, Mauá tenta se adequar ao que exige a lei nº 12.572/11, da Presidência da República, a Lei de Acesso à Informação.

Associação Pró-Memória de Mauá - Visando dar suporte ao Condephaat - MA e atenuar a falta de conhecimento dos municípios em relação aos bens históricos e à memória da cidade, um grupo formado por historiadores, memorialistas e incentivadores da divulgação da história mauaense reuniu-se com o objetivo de criar a Associação Pró-Memória de Mauá. As reuniões da associação acontecem todo segundo sábado de cada mês, temporariamente, no Museu Barão de Mauá. O órgão é criado e dirigido pela sociedade civil, não tendo, portanto, nenhum vínculo com o poder público. **R**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DIAS, Nelson Santos. *Casa de Frontaria Azulejada*: um edifício para um arquivo. Santos: Prefeitura Municipal de Santos, 2011.
 MAUÁ, Coordenadoria de Cultura. Núcleo de História e Memória. *Cultura e Cidadania*: Meio século de autonomia em Mauá 1954-2004. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2004.
 MEDICI, Ademir. *De Pilar a Mauá*. Mauá: Prefeitura Municipal de Mauá, 1986.
 PUNTSCHART, William. *Memórias da Cidade*. Mauá: Assahi, 2004.

FONTES:

CASAS BANDEIRISTAS - Arquitetura Colonial Paulista. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9fj1HG2a8zE>
 O DIÁRIO DO GRANDE ABC. Santo André, 30 abr. 2015.
 PREFEITURA MUNICIPAL DE MAUÁ. *Tombamento do bem cultural*: Chaminé do Curtume. Mauá: Prefeitura Municipal de Mauá, Processo Administrativo n. 9731, 2002.
Tombamento do bem cultural: Samba-Lenço. Mauá: Prefeitura Municipal de Mauá, Processo Administrativo n. 9732, 2002.
 PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. *Lei de Acesso à Informação*. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/lei/112527.htm. Acesso em: 20 jun. 2012.

EMÍLIA DA SILVA BARBOSA

É LICENCIADA EM HISTÓRIA PELAS FACULDADES INTEGRADAS DE RIBEIRÃO PIRES (FIRP). MEMBRO DO CONSELHO DE DEFESA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO, ARTÍSTICO, ARQUEOLÓGICO E TURÍSTICO DE MAUÁ. É AUXILIAR DE DESENVOLVIMENTO INFANTIL NA ESCOLA MUNICIPAL DOUTORA DARCI APARECIDA FINCATTI FORNARI DESDE 2015.

Memória Fotográfica

Integrantes do Clube de Andarilhos de São Caetano do Sul prestam homenagem à Viação Santa Rosa e à *Gazeta Esportiva*, em 1961. Dentre os que aparecem na foto, foram identificados: em primeiro plano, Gessy Soares (o quarto, a partir da esquerda); e, na penúltima fileira, Antônio Glayr Santarnecchi (anterior ao de camisa branca) e Roberto Grigoletto (o último, à esquerda). O Clube de Andarilhos surgiu em 1958, por iniciativa de Antônio Glayr Santarnecchi



Arquivo/Fundação Pro-Memória de São Caetano do Sul



Arquivo/Fundação Pro-Memória de São Caetano do Sul

Grupo de amigos em foto tirada por ocasião da cerimônia de lançamento da pedra fundamental da atual sede do São Caetano Esporte Clube (Rua Ceará), no dia 1º de maio de 1965. Dentre os que aparecem em pé, foram identificados, a partir da esquerda, Matheus Glomir Santarnecchi (o terceiro), Pedro Bonesso (o quinto) e Marino Mantovani (o sexto)

Foto tirada por ocasião da reinauguração do Salão Central, barbearia que se situava na Avenida Conde Francisco Matarazzo, nº 153, sala 1. A partir da esquerda, padre Ernesto Cozer, Othoniel Brandão Costa (Toti), Aniceto Ferreira de Oliveira (atrás), Manoel Ferreira de Oliveira (Garoto), Décio Lorenzini, Laerte Fernando Giorgetti, Rubens Puccetti e Geraldo. Foto da década de 1970



Arquivo/Fundação Pro-Memória de São Caetano do Sul



Arquivo/Fundação Pro-Memória de São Caetano do Sul

Na década de 1970, o então Cine Primax, localizado na esquina das ruas Maranhão e Amazonas, foi afetado por um incêndio. Em razão desse episódio, passou por reforma, sendo reaberto com o nome de Cine Colonial. Esta imagem constitui flagrante da festa de reinauguração de tal sala de cinema. A partir da esquerda, Guiomar Lorenzini, Vivi Maria Lorenzini, Vitória Lorenzini, Mafalda Lorenzini e Clarice Priscila Puccetti. Atrás, Anésia Clara Lorenzini Puccetti, Nicolino Puccetti e Dolores Massei (à direita)

RAÍZES E RETRATOS



Grupo de jovens da Igreja Matriz Sagrada Família apresenta peça durante a Semana Santa. Dirceu Della Coletta (o quinto da última fila, em pé) representou São Pedro. Foto de 1972, aproximadamente

ACERVO/DIRCEU DELLA COLETTA

Integrantes do departamento de Luta Olímpica estilo livre do Clube da GM (General Motors). Da esquerda para direita, observam-se: Gilberto Brandão, Angelo Speratti (falecido), Luiz Augusto Branti, Darci Lucio Carnevalli, Romeu Temporini e Gerardo Batista de Carvalho (professor da turma durante três anos - de janeiro de 1953 a novembro de 1955 -, quando o departamento foi fechado). Foto tirada em praça de São Caetano, em 28 de julho de 1954

ACERVO/GERARDO BATISTA DE CARVALHO



Participantes de diversos clubes durante uma das várias reuniões de Luta Olímpica estilo livre, na sede do Clube da GM (General Motors). Em pé, a partir da esquerda, observam-se: José Turrini, Wilson Sangiorgi, Ernesto Sartori, Clovis Mota, Oswaldo Carnevalli, Claudio Andreotti, José Andrade Carapeto, Jamil Maitta, Armenio Bueno e Gerardo Carvalho. Agachados, da esquerda para direita, estão: Mario Maranhão, Víctorio Bonini, Humberto Rosa, Antonio Flori, Daniel F. de Souza, Jorde de Souza, José Varela, Arlindo Buscariolli e João Mouhbach. Foto de junho de 1954

ACERVO/GERARDO BATISTA DE CARVALHO



Retrato do casal Angelo Raphael Romano (que nasceu em 3 de novembro de 1899, na cidade de Boyano, na Itália, e faleceu em 5 de junho de 1927) e Maria Lucio Romano (que nasceu em 7 de dezembro de 1895, em São Carlos do Pinhal, no interior de São Paulo, e faleceu em 4 de junho de 1968)

ACERVO/LUIZ ROMANO

O casal Margarida Vertematti Rocco e Domingos Rocco. Margarida nasceu em São Bernardo do Campo, em 23 de julho de 1894, e faleceu no dia 6 de janeiro de 1982. Nascido em Voghera (Itália), em 22 de agosto de 1886, Rocco faleceu em 5 de janeiro de 1969

ACERVO/LUIZ ROMANO



Casamento de José Carrasco Rubio e Ana Vieira Carrasco, realizado na Igreja Matriz Sagrada Família, no dia 24 de junho de 1954

ACERVO/ANA VIEIRA CARRASCO

Pietro Giovanni Thomé e Catarina Pessoti, em data não identificada. Pietro nasceu em 1868, filho de Tommaso Thomé. Chegou a São Caetano em 28 de julho de 1877, junto à primeira leva de imigrantes italianos, e faleceu em 1952. Sua esposa Catarina faleceu em 1971

ACERVO/PEDRO BONESSO



RAÍZES E RETRATOS



Em 1974, foi promovido o Torneio de Futebol Mirim Claudio Musumeci, cuja premiação ocorreu no Restaurante São Judas, em São Bernardo do Campo. Aparecem, sentados: José Dario, Cicaroni e João Bonaparte. De pé, estão: Oswaldo Martins Salgado, Salvador Silva, Nelson Perdigão e Alberto do Carmo Araújo

ACERVO/NELSON PERDIGÃO

Em 1969, a Liga Sacaetanense de Futebol organizou o 1º Torneio de Futebol Dente de Leite, coordenado pelos esportistas Alberto do Carmo Araújo e Frederico 'Fidu' Cosiurga. O Barcelona F.C. participou com a equipe (em pé, a partir da esquerda): Furlan, Caito, Pixô, Valmir, Anselmo e Wilson. Agachados, da esquerda para direita, estão: Bruninho, Arnaldo, Dirceu, Touche e Carlinhos. O técnico era Nelson Perdigão

ACERVO/NELSON PERDIGÃO



Prefeito Raimundo da Cunha Leite vistoria obras para construção da atual sede da loja da Ordem Rosacruz de São Caetano, situada na Rua Marlene, nº 452, no Bairro Nova Gerty, em 1979. Na imagem, foram identificados: Orlando Zamai, José de Almeida, Florismundo Aldena e José Hernandes. A loja foi inaugurada em 1982, passando a ser denominada Loja ABC Amorç (Antiga e Mística Ordem Rosae-Crucis)

ACERVO/ORDEM ROSACRUZ DE
SÃO CAETANO

BAÚ DE MEMÓRIAS

O *Baú de Memórias: Guarde aqui suas lembranças* é um programa permanente de captação de acervo histórico e de memória de São Caetano do Sul, promovido pela Fundação Pró-Memória, por meio do Centro de Documentação Histórica, cujo objetivo é estimular a doação de documentos, fotografias, mapas, livros e objetos que pertenceram aos moradores, a seus familiares e também a pessoas que atuaram profissionalmente na cidade.

Os documentos e objetos doados são incorporados aos acervos do Centro de Documentação Histórica e do Museu Municipal, onde se tornam importantes fontes para pesquisas e preservação histórica do município. Aqui segue uma amostra de algumas doações. Faça a sua! Mais informações no site www.fpm.org.br.

JAYME DA COSTA PATRÃO



Antigo Bairro da Ponte (atual Bairro da Fundação) em desenho de Jayme da Costa Patrão

ACERVO/FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO CAETANO DO SUL
DOAÇÃO DE MARCUS PATRÃO



Entrega da primeira aquisição de livros para a fundação da Biblioteca Paul Harris feita pelo Rotary Club São Caetano do Sul - Distrito 119,1, em 1954. Na foto, Jayme da Costa Patrão, diretor de protocolo, entrega livros para o então prefeito, Anacleto Campanella. Na tribuna, está o presidente, do Rotary Club na época, Manoel Gutierrez Durán

ACERVO/FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO CAETANO DO SUL
DOAÇÃO DE MARCUS PATRÃO

JOÃO LUIZ PASCHOAL BONAPARTE



Marily Chinaglia Bonaparte com seu pai, João Luiz Paschoal Bonaparte, entregando rosa branca para sua mãe, Iolanda Chinaglia Bonaparte, durante o V Baile Branco, no ano de 1967

ACERVO/FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA
DE SÃO CAETANO DO SUL
DOAÇÃO DE MAURICY CHINAGLIA BONAPARTE



João L. P. Bonaparte, assessor de esportes da gestão do prefeito Hermógenes Walter Braidó, na abertura dos VII Jogos Regionais do Litoral, Vale do Paraíba e São Paulo Exterior. Os VII Jogos Regionais foram realizados no Ginásio Milton Feijão, em São Caetano do Sul, em 1976

ACERVO/FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO CAETANO DO SUL
DOAÇÃO DE MAURICY CHINAGLIA BONAPARTE

IDALINA FERRANTE DEBEUS



Roberto (10 anos), Maria (8) e Idalina (5), filhos de Ricardo Ferrante e Antonia De Martini e netos de José De Martini, o 'Bepo da sanfona', em foto de 1937

ACERVO/FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO
CAETANO DO SUL
DOAÇÃO DE IDALINA FERRANTE DEBEUS



As amigas Tereza Migliati, Tereza Ferrante, Maria Ferrante, Anna Coppolla, Aparecida Ferrante, Cleusa e Nena em piquenique na praia do José Menino, na cidade de Santos, em 1949

ACERVO/FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO CAETANO DO SUL
DOAÇÃO DE IDALINA FERRANTE DEBEUS

VLADIMIR CAPELLA



Vladimir Capella atuando na primeira montagem da peça *Panos e Lendas*, no ano de 1979

ACERVO/FUNDAÇÃO
PRÓ-MEMÓRIA DE
SÃO CAETANO DO SUL
DOAÇÃO DE ELENIR
CAPELLA DELGADO



Vladimir Capella recebe prêmio Molière, na categoria Incentivo ao Teatro Infantil, pela peça *Panos e Lendas*, no ano de 1978

ACERVO/FUNDAÇÃO
PRÓ-MEMÓRIA DE
SÃO CAETANO DO SUL
DOAÇÃO DE ELENIR
CAPELLA DELGADO

EXPOSIÇÕES



ANTIGOS RETRATOS DE FAMÍLIA

Esta mostra exibiu retratos de antepassados de famílias residentes em São Caetano do Sul, desde o início do século 20 até a década de 1980. A visitação seguiu de 19 de janeiro a 30 de março, no Museu Histórico Municipal.

MUSEU

jan-2016
a
mar-2016



OS 50 ANOS DO LAR NOSSA SENHORA DAS MERCEDES DE SÃO CAETANO DO SUL: SUAS HISTÓRIAS, NARRATIVAS E TRAJETÓRIAS

No dia 27 de janeiro de 1965 foi inaugurado o Lar Nossa Senhora das Mercedes de São Caetano do Sul. Para celebrar os 50 anos da instituição, a Fundação Pró-Memória promove exposição com fotos, depoimentos e registros históricos significativos. Para a ocasião, também foi preparado um minidocumentário. Com a ajuda de vários voluntários, o Lar atende 70 moradores. A exposição teve abertura realizada em 27 de janeiro e ficará permanentemente no local.

LAR NOSSA
SENHORA
DAS
MERCEDES

jan-2016



RICARDO AMADASI

A Pinacoteca Municipal realizou uma mostra com tridimensionais de Ricardo Amadasi em 2003. De lá para cá, o artista não parou mais de produzir. Nas mais de 30 obras que fizeram parte desta exposição individual, aberta em 23 de fevereiro, perceberam-se pesquisas de materiais, transição na elaboração e novas propostas. Os trabalhos recentes são, em sua maioria, gravuras moldadas em resina, técnica desenvolvida pelo artista. A exposição seguiu até 9 de abril.

PINACOTECA
MUNICIPAL

fev-2016
a
abr-2016



DIÁLOGOS - HELIO VINCI

Na sexta edição do projeto *Diálogos: o artista e sua obra, o artista e seu tempo*, que tem o objetivo de trazer a público dois momentos da trajetória do artista, propondo um contraponto entre obras do acervo da Pinacoteca e sua produção contemporânea, a Pró-Memória apresentou 35 obras de Helio Vinci, premiado no 18º Salão de Arte Contemporânea, realizado em 1979, cujo percurso até 2016 foi marcado por muito trabalho, aprimoramento e consolidação de uma relevante carreira artística, sempre pautada pela gravura. A mostra pôde ser visitada de 23 de fevereiro até 9 de abril.

PINACOTECA
MUNICIPAL

fev-2016
a
abr-2016

SÃO CAETANO DE DENTRO: UMA CIDADE VIVIDA E IMAGINADA

SALÃO
EXPOSITIVO
CHICO MENDES

fev-2016
a
abr-2016

A exposição *São Caetano de Dentro: Uma cidade vivida e imaginada* reuniu olhares e sentimentos de 23 moradores da cidade que, por meio da fotoliteratura, apresentaram um pequeno recorte de uma cidade imaginária, que vive apenas no mundo idealizado. Na mostra, realizada no Salão Expositivo do Espaço Verde Chico Mendes, ela ganhou cores e palavras. De 2 de fevereiro a 4 de abril.



A HISTÓRIA DE SÃO CAETANO DO SUL

SALA
DA LUZ

fev-2016

Com base no livro *A História de São Caetano do Sul*, escrito por Nereide S. Rosa e ilustrado por Roberta Giotto, os personagens que ajudam a contar a história do município ocuparam, de 1º a 29 de fevereiro, a Sala da Luz, na Avenida Goiás, após terem circulado pelas escolas municipais de ensino fundamental de São Caetano, em 2015.



CUBINHO: 40 ANOS DA TIRINHA DE MARIO MASTROTTI

UNIVERSIDADE
METODISTA
DE
SÃO PAULO

fev-2016
a
mai-2016

A tirinha do cãozinho Cubinho, personagem criado pelo cartunista Mario Mastrotti, começou a ser publicada em 1975, abordando diversos temas reflexivos, como filosofia, política, direitos humanos, dentre outras problemáticas, discutidas com leveza e bom humor. A exposição trouxe uma retrospectiva dos 40 anos de produção da tirinha em diversos periódicos brasileiros. A mostra circulou pelas dependências da Universidade Metodista de São Paulo, de 12 de fevereiro a 16 de maio.



ELAS POR ELAS

CASA
DE VIDRO

mar-2016
a
mai-2016

Para celebrar o Dia Internacional da Mulher (8 de março), a Fundação Pró-Memória promoveu esta exposição com fotos que retrataram mulheres que vivem ou trabalham em São Caetano em suas diversas ocupações profissionais. O objetivo era valorizar a importância do papel da mulher no meio fotográfico e abordar temas como o empoderamento feminino e a igualdade de gêneros no mercado de trabalho. A exposição foi visitada de 8 de março a 31 de maio, no Espaço Cultural – Casa de Vidro.





RAFAEL MURIÓ – LEMBRANÇAS

Rafael Murió, paralelamente à sua produção artística, criou e desenvolveu trabalho como publicitário de muita repercussão. Nesta mostra na Pinacoteca Municipal, ele nos trouxe obras recentes realizadas a partir de lembranças das décadas de 1960 e 1970, que ficaram guardadas em seu subconsciente, misturando técnicas como acrílico, carvão, colagem, aquarela, serigrafia, entre outras. A exposição ficou em cartaz de 28 de abril até 11 de junho. No evento de abertura, Murió doou um quadro, intitulado *Flores para São Caetano*, para o Fundo Social de Solidariedade, que foi recebido pela primeira-dama e presidente da instituição, Graça Pinheiro.

PINACOTECA
MUNICIPAL

abr-2016
a
jun-2016



MARCIA ROSENBERGER – AQUARELAS E OUTRAS LINGUAGENS

Além de artista, Marcia é professora e seu trabalho criativo não se limitou às exigências dos materiais, ultrapassando-os e criando com grande sensibilidade, utilizando aquarelas e diversas linguagens contemporâneas. De 28 de abril a 11 de junho, na Pinacoteca Municipal.

PINACOTECA
MUNICIPAL

abr-2016
a
jun-2016



TIRO DE GUERRA: IMAGENS DE UMA HISTÓRIA DE 65 ANOS EM SÃO CAETANO DO SUL

Nesta exposição, que foi de 5 de abril a 3 de julho, no Salão Expositivo do Espaço Verde Chico Mendes, a Fundação Pró-Memória prestou homenagem aos 65 anos do Tiro de Guerra de São Caetano do Sul. A mostra era composta por fotos do acervo do Centro de Documentação Histórico da Fundação Pró-Memória e de moradores da cidade que passaram pelo Tiro em diferentes décadas e informações do histórico da instituição.

SALÃO
EXPOSITIVO
CHICO MENDES

abr-2016
a
jul-2016



MOEDAS, MEDALHAS & CIA.

A exposição do Museu Municipal apresentou a coleção de numismática da instituição, que trouxe exemplares de cruzeiro, cruzeiro novo, cruzado, cruzado novo, cruzeiro real e real, sua coleção de condecorações - troféus e placas de honra ao mérito -, além de broches e medalhões com correntes ou fitas. A exposição pôde ser visitada de 12 de abril até 30 de junho.

MUSEU

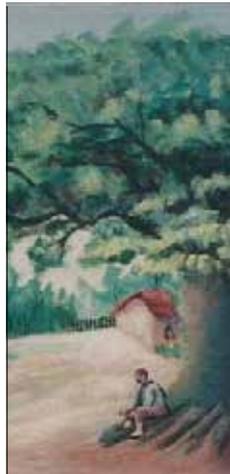
abr-2016
a
jun-2016

PAISAGENS COM ATIVIDADES DE SÃO CAETANO NO INÍCIO DO SÉCULO 20

MUSEU

mai-2016

Participando da 14ª Semana Nacional de Museus, o Museu Municipal promoveu esta mostra, que trouxe nove telas do pintor local Felisberto De Nardi, que retratava a paisagem da São Caetano das primeiras décadas do século 20 com paisagens e atividades dos moradores do núcleo de imigrantes italianos de São Caetano. Visitação de 2 a 31 de maio.



CLAUDIO TOZZI - DIÁLOGOS E PUNHOS DE AÇO - CACIPORÉ TORRES

PINACOTECA MUNICIPAL

jun-2016

a

set-2016

Desde sua premiação na 1ª Bienal Internacional de São Paulo (1951), Caciporé Torres continuou a pesquisar e desenvolver técnicas e materiais, colocando maestria, empenho e conhecimento na criação de objetos tridimensionais, que também estão na mostra, ao lado de gravuras e *assemblages*. Já Claudio Tozzi faz um contraponto entre suas produções atuais e as obras que foram premiadas nos Salões de Arte Contemporânea de São Caetano do Sul, nos anos 1960. A exposição vai de 30 de junho a 30 de setembro, na Pinacoteca Municipal.



CADEIRA PROIBIDA

SAGUÃO

jun-2016

Exposição de objetos tridimensionais produzidos pelos alunos do Ateliê de Artes Visuais da Fundação das Artes de São Caetano do Sul. Visitação de 1º a 29 de junho, no saguão do Complexo Educacional de Ensino Fundamental.



BRINQUEDOS, BRINCADEIRAS E MEMÓRIAS III

MUSEU

jun-2016

a

jul-2016

Com base nos conceitos de memória, história e cultura, alunos do 2º ano de ensino fundamental da Escola Villare realizaram percurso de pesquisa e investigação sobre brinquedos e brincadeiras da infância de seus pais. Para a organização da mostra, os estudantes realizaram pesquisas, consultaram diferentes fontes e selecionaram critérios para a escolha dos brinquedos. A exposição foi de 13 de junho a 8 de julho, no Museu Municipal.





SÃO CAETANO: UMA CIDADE COM VOCAÇÃO PARA O ESPORTE

A Fundação Pró-Memória apresenta, entre os dias 5 de julho e 2 de outubro, no Salão Expositivo do Espaço Verde Chico Mendes, esta exposição. A proposta é registrar a história dos centros esportivos e poliesportivos locais e mostrar à população a importância e o crescimento dessa estrutura no município. Essa iniciativa promove uma campanha de apoio e incentivo aos atletas e ginastas que encontraram aqui o suporte necessário para treinar e representar a cidade.

SALÃO
EXPOSITIVO
CHICO MENDES

jul-2016
a
out-2016

EXPOSIÇÕES VIRTUAIS



As exposições virtuais temporárias visam ampliar e facilitar o acesso do público a histórias que recuperam a memória do município e evidenciam suas tradições e modos de vida. As mostras virtuais ficam no ar pelo período de um mês e sempre apresentam um texto de introdução e cerca de 20 imagens, de acordo com o tema proposto.

Em janeiro, a Pró-Memória apresentou a evolução dos tipos de penteados femininos entre as décadas de 1920 e 1970. Em fevereiro, para celebrar o Dia da Amizade (14 de fevereiro), trouxemos fotos de diversos momentos, que envolvem pequenos e grandes grupos de amigos da cidade. Em março, foram celebrados os 50 anos de inauguração da Escola Estadual Professora Yolanda Ascencio, com resgate da história da instituição e de sua patrona e de fotos de diferentes momentos e eventos lá vividos e promovidos. Em abril, a Pró-Memória 'abraçou' uma importante instituição: a Rede Feminina de Combate ao Câncer de São Caetano do Sul, que completou 45 anos de atividade na cidade. Para celebrar o Dia das Mães (8 de maio), em maio, trouxemos imagens de mães de São Caetano, em variadas épocas, e suas numerosas proles. Em junho, por conta do Dia da Imigração Japonesa no Brasil, foram apresentadas tanto fotos históricas com as primeiras famílias que aqui chegaram quanto atuais, que retrataram as atividades e projetos da Associação Nipo Brasileira de São Caetano do Sul. Em julho, a mostra *Imagens de nossa História* celebrou os 139 anos da cidade, por meio de flagrantes da política, economia, cultura e antigos marcos da paisagem urbana local, que são os eixos e segmentos os quais representam as principais etapas do próprio processo histórico sul-sancaetanense.

SITE
DA FPM

jan-2016
a
jul-2016



PROJETOS E PARCERIAS



ARTE COMO APOIO TERAPÊUTICO

Neste primeiro semestre de 2016, a Fundação Pró-Memória recebeu em sua sede grupos da Unidade da Saúde da Criança e do Adolescente e do Centro de Atenção Psicossocial como parte do projeto *Arte como Apoio Terapêutico*, desenvolvido pelo setor educativo da Pinacoteca Municipal, e coordenado pela arte-educadora Nair Duarte. As visitas ocorreram nos dias 20 de abril e 4 de maio.

PINACOTECA
MUNICIPAL

ERA UMA VEZ UMA ESCOLA...

EMI E
EMEI

jan-2016
a
jul-2016

O resgate da trajetória da educação infantil municipal é feito por meio de parceria entre a Fundação Pró-Memória e a Secretaria Municipal de Educação. O projeto tem como base as histórias das escolas municipais de ensino infantil (EMIs e EMEIs) de São Caetano do Sul, que são retratadas por meio de exposições fotográficas, que ficam permanentemente nas escolas, além de apresentação de vídeo com entrevistas de funcionários e exposição virtual no site da Pró-Memória. No primeiro semestre de 2016, foram contempladas: EMI Gastão Vidigal Neto, EMI Antônia Capovilla Tortorello, EMI Maria Panarielo Leandrini, EMI Matheus Constantino, EMEI Jacob João Lorenzini e EMEI Marilene de Oliveira Larocca.



ENCONTRO COM A HISTÓRIA

SEDE
PRÓ-
MEMÓRIA

mar/mai/
jun-2016

A presença da matéria de história da cidade na grade curricular escolar do 3º ano do ensino fundamental criou um desafio para as escolas e seus professores, devido à carência de materiais didáticos e de referência sobre o tema. Muitos professores desconhecem a história regional e não sabem onde podem encontrar essas informações. Da mesma forma, muitas famílias residem há pouco tempo em São Caetano, não possuindo essas referências em sua história familiar. Assim sendo, a Fundação Pró-Memória criou este projeto a fim de, principalmente, enriquecer os conteúdos disponíveis para alunos e professores, dar suporte aos docentes para o desenvolvimento de atividades dentro e fora de sala de aula e ampliar o atendimento da instituição ao público escolar. No total, cerca de 200 crianças foram atendidas nos dias 10 e 17 de março, 11, 17, 20, 24 e 31 de maio e 15 de junho.



PROJETO DE ARTE URBANA

ESPAÇO
VERDE
CHICO MENDES

jan-2016

A Fundação Pró-Memória foi responsável pela instalação de um mural no túnel de acesso entre o Espaço Verde Chico Mendes e o Parque Catarina Scarparo D'Agostini. De autoria do artista Thiago Vaz, a obra foi inaugurada no dia 30 de janeiro. No trabalho, que tem cerca de 40 metros de comprimento, pássaros como bem-te-vi, carcará, tucano e sanhaço ganham vida em pinturas alegres e coloridas. Para a presidente da instituição, Sonia Xavier, além de ser uma representação de arte, o mural é “uma ferramenta de preservação do espaço urbano e também de conscientização quanto à preservação da natureza”.



ENCONTROS/PALESTRAS/OFFICINAS



ENCONTRO DE FOTOLITERATURA

Neste encontro, realizado em 13 de fevereiro, os participantes da exposição *São Caetano de Dentro: Uma cidade vivida e imaginada*, que ficou em cartaz no Salão Expositivo do Espaço Verde Chico Mendes, fizeram leituras e comentários sobre os trabalhos expostos.

SALÃO
EXPOSITIVO
CHICO MENDES

fev-2016



WORKSHOP DE ESCULTURA EM BARRO, COM ODON NOGUEIRA

Depois de uma temporada na Europa, o artista plástico Odon Nogueira voltou a São Caetano para ministrar um workshop de escultura em barro, nos dias 9 e 16 de abril. Obras de sua autoria ficaram em exposição na mostra *O Dom de Odon*, no Espaço do Forno.

ESPAÇO
DO FORNO

abr-2016



ENCONTRO COM ARTISTA

No dia 6 de abril, cerca de 15 pessoas estiveram reunidas na Pinacoteca Municipal para conversar com o artista plástico Helio Vinci, que falou sobre seu percurso artístico e criativo, e sobre as técnicas e elaboração de seus trabalhos. O artista também trouxe alguns materiais que, conforme sua fala, iam sendo manuseados pelos participantes. Naquela ocasião, Vinci estava em cartaz na Pinacoteca com a mostra *Diálogos - Helio Vinci*.

PINACOTECA
MUNICIPAL

abr-2016

mai-2016



Já no dia 19 de maio, cerca de 80 alunos do 2º ano do ensino médio da EE Coronel Bonifácio de Carvalho estiveram reunidos com o artista plástico Rafael Murió, que expunha, naquele momento, suas obras na Pinacoteca Municipal, na mostra *Rafael Murió - Lembranças*. Durante o encontro, Murió falou sobre sua trajetória profissional, influências e experiências pessoais. A conversa em tom informal foi permeada por dicas aos alunos, explicações didáticas e causos cotidianos. Ao final, os estudantes foram conduzidos pelo artista a uma visita guiada pela exposição, com explicações sobre as representações de cada obra.

SÉRIE DE PALESTRAS *RETRATO FALADO – FOTOGRAFIA: SEUS ASPECTOS FILOSÓFICOS E A CONTEMPORANEIDADE DAS NOVAS TECNOLOGIAS*

A Pinacoteca Municipal deu continuidade aos encontros sobre fotografia, realizados em 2015, em parceria com o Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB-USP). Foram realizadas quatro palestras, nos dias 7, 14 e 21 e maio, e 4 de junho.

PINACOTECA
MUNICIPAL

mai-2016

jun-2016



PALESTRA O PROCESSO CRIATIVO E A EXPRESSÃO ARTÍSTICA: EXPERIÊNCIA A PARTIR DA ESCULTURA, COM RUDE CALDERÓN

SEDE
PRÓ-
-MEMÓRIA
mai-2016

No dia 24 de maio, a Fundação Pró-Memória recebeu esta palestra internacional, ministrada por Rude Calderón, artista costa-riquenho, que abordou o processo da escultura a partir de sua experiência pessoal. A iniciativa foi fruto de parceria com a Universidade Municipal de São Caetano do Sul.



VISITAS

No dia 15 de janeiro, o prefeito de Bertiooga, José Mauro Dedemo Orlandini, (à esquerda), do DEM, visitou o Espaço do Forno, um dos espaços expositivos da Fundação Pró-Memória, e que, na ocasião, abrigava a exposição *O Dom de Odon*, e elogiou o trabalho realizado pela instituição.



No dia 25 de fevereiro, a Fundação Pró-Memória recebeu a visita da escritora, educadora, dançarina e artista multimídia Kiusam de Oliveira. A autora dos livros *Omo-Oba: Histórias de Princesas*; *O mundo no black power de Tayó* e *O mar que banha a ilha de Goré* veio conhecer o trabalho desenvolvido pela instituição. Pedagoga com habilitações em orientação educacional, administração escolar e deficiência intelectual, Kiusam é doutora em educação e mestre em psicologia pela Universidade de São Paulo, além de especialista na temática das relações étnico-raciais. O encontro teve como pauta futuras parcerias em projetos que envolvam essas questões.



ESPAÇOS
PRÓ-
-MEMÓRIA

jan/fev/
abr-2016

Em 2 de abril, o artista plástico italiano Inos Corradin visitou o Espaço do Forno. No local, estava em cartaz a exposição *O Dom de Odon*, que reuniu esculturas em barro do artista plástico goiano Odon Nogueira. A exposição *Universo Lúdico de Inos Corradin* ficou em cartaz na Pinacoteca Municipal em 2013, com cerca de 50 obras do artista. A visita teve um motivo especial: Corradin voltará a São Caetano com uma mostra no Espaço do Forno, no segundo semestre deste ano.



No dia 5 de abril, mais de 50 atiradores de São Caetano visitaram a exposição *Tiro de Guerra: imagens de uma história de 65 anos em São Caetano do Sul*, promovida pela Fundação Pró-Memória no Salão Expositivo do Espaço Verde Chico Mendes. Acompanhados pelos tenente Marlon e pelo sargento Leal, os garotos puderam conhecer a história da instituição à qual servem, que remete desde a década de 1940, quando São Caetano ainda não tinha autonomia político-administrativa e pertencia a Santo André, até os dias atuais, com imagens da atual fachada do Tiro e dos atiradores que haviam acabado de ingressar.



DOAÇÕES



Em 24 de novembro de 2015, a Fundação Pró-Memória recebeu uma valiosa doação: a do acervo iconográfico e material do premiado dramaturgo Vladimir Capella, que nasceu e viveu em São Caetano do Sul, e morreu no dia 21 de abril de 2015. A doação foi realizada por Elenir Aparecida Capella Delgado, irmã de Vladimir, e pelo ator e diretor Chico Cabrera. Eles foram recepcionados pela presidente da Pró-Memória, Sonia Xavier, e pela coordenadora do Centro de Documentação Histórica, Monica Iafrate. Entre os itens doados, estão fotos de diversas épocas e momentos de Capella, troféus, reportagens e peças de teatro de sua autoria. Capella era dramaturgo, diretor de teatro, músico, que arrebanhou mais de 100 prêmios durante sua carreira, entre eles o Prêmio Molière, em 1987. Nascido em São Caetano do Sul, no dia 31 de julho de 1951, Capella foi tema de reportagem na revista *Raízes*, produzida pela Pró-Memória, em julho de 2013.

No dia 28 de fevereiro, outra importante doação foi realizada pelo médico Mauricy Chinaglia Bonaparte. Filho de João Luiz Paschoal Bonaparte, que foi assessor de esportes da primeira gestão do prefeito Hermógenes Walter Braido e, durante muitos anos, coordenador do Centro Integrado de Saúde e Educação Moacyr Rodrigues, entregou uma série de documentos e fotografias que pertenciam a seu pai. Mais de 300 fotografias, além de recortes de jornais, documentação pessoal, de imóveis e de sua gestão no centro de terceira idade, entre outros, passaram a fazer parte do acervo da Fundação Pró-Memória.

SEDE
PRÓ-
-MEMÓRIA

nov-2015
fev-2016

PUBLICAÇÃO



Idealizado em 2015 pela Fundação Pró-Memória, em parceria com a Secretaria Municipal de Educação (Seeduc) e a Prefeitura Municipal, o livro *A História de São Caetano do Sul*, escrito por Nereide S. Santa Rosa e ilustrado por Roberta Giotto, começou a ser entregue, no dia 11 de maio, aos alunos do terceiro ano do ensino fundamental das escolas municipais de São Caetano do Sul pelo segundo ano. Os primeiros a receberem os exemplares foram os estudantes da EMEF (Escola Municipal de Ensino Fundamental) Luiz Olinto Tortorello. No ano passado, o livro foi lançado e distribuído para todos os alunos que cursavam, naquele momento, o terceiro ano de ensino fundamental.

PRÓ-
-MEMÓRIA

mai-2016



Farmacêutico Olderige Zanon
no interior da Pharmácia Monte
Alegre, da qual era proprietário,
em foto da década de 1930

Acervo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

WWW.FPM.ORG.BR
TEL. 11 4223-4780

 [promemoria.caetano](https://www.facebook.com/promemoria.caetano)
 [fpmscs_oficial](https://www.instagram.com/fpmscs_oficial)



FUNDAÇÃO
PRÓ-MEMÓRIA
SÃO CAETANO DO SUL



SÃO CAETANO DO SUL
PREFEITURA DA CIDADE